

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA - MESTRADO

SONIVAL MARINHO DA SILVA

**O MOVIMENTO DE ESPIRITUALIDADE CONJUGAL
DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA - ENS**
(Metodologia, fundamentos bíblico-teológicos e pertinência para a atualidade)

RECIFE
2022

SONIVAL MARINHO DA SILVA

**O MOVIMENTO DE ESPIRITUALIDADE CONJUGAL
DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA - ENS**
(Metodologia, fundamentos bíblico-teológicos e pertinência para a atualidade)

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área: Teologia Sistemático-Pastoral

Linha 2: Hermenêutica Bíblica e Teológica

Orientador: João Luiz Correia Júnior

RECIFE
2022

- S586m Silva, Sonival Marinho da.
O movimento de espiritualidade conjugal das Equipes de Nossa Senhora - ENS: (metodologia, fundamentos bíblico-teológicos e pertinência para a atualidade) / Sonival Marinho da Silva, 2022.
109 f.
- Orientador: João Luíz Correia Júnior.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia, 2022.
1. Casais - Vida espiritual. 2. Teologia pastoral.
3. Espiritualidade. 4. Equipes de Nossa Senhora (Movimento).
I. Título.

CDU 248

Pollyanna Alves - CRB4/1002

SONIVAL MARINHO DA SILVA

**O MOVIMENTO DE ESPIRITUALIDADE CONJUGAL
DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA - ENS**
(Metodologia, fundamentos bíblico-teológicos e pertinência para a atualidade)

Banca Examinadora



Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior
Orientador - UNICAP



Prof. Dr. Francisco Aquino Júnior
Avaliador Interno



Prof. Dr. Stefano Alves dos Santos
Avaliador Externo

AGRADECIMENTOS

A Deus pelos dons da vida e vocação.

À minha família pelo cuidado e pelos laços que me propiciaram construir a minha história humano-vocacional.

À Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, da qual sou membro, pela acolhida e espaço vital onde convivo e me expresso humano-vocacionalmente.

Aos professores e colegas de curso na UNICAP, pelo aprendizado e ajuda mútua. Ao meu orientador Prof. Dr. João Luiz, de modo particular, minha gratidão.

Aos meus confrades da fraternidade do Convento São Félix de Cantalice, pelo suporte nas atividades e pela convivência fraterna.

Aos meus amigos que, ao longo desses dois anos, suportaram ouvir, ler e contribuir com questões e correções ao aperfeiçoamento da pesquisa.

À minha Equipe 03 do Setor Jaboatão B, do Movimento das ENS, por ao longo de 05 anos construirmos uma caminhada de partilha e mútuo aprendizado.

Aos Militares do Exército Brasileiro, especialmente à Seção de Assistência Social da 7ª Região Militar, pelo apoio, camaradagem e parceria.

“Toda vida da família é um pastoreio misericordioso. Cada um, cuidadosamente, desenha e escreve na vida do outro [...] Amar uma pessoa é esperar dela algo indefinível e imprevisível; e é, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe de alguma forma os meios para satisfazer tal expectativa”.

Papa Francisco

“O teu amor sem exigência me diminui; a tua exigência sem amor me revolta; o teu amor exigente me engrandece”.

Padre Henri Caffarel

RESUMO

O objeto de nosso estudo é a espiritualidade conjugal dentro do Movimento das Equipes de Nossa Senhora (ENS). A partir desse itinerário espiritual, que vem sendo elaborado ao longo de mais de oitenta e três anos, casais católicos dos cinco continentes absorvem o método desenvolvido pelo Padre Henri Caffarel, o empregam neste movimento e contribuem para seu aperfeiçoamento. Desde 1939, jovens casais advindos de grupos da Juventude Operária Cristã e da Ação Católica buscaram o Padre Caffarel com o desejo de um caminho espiritual que correspondesse especificamente às suas condições de casados. Como não se tratava de algo já previsto e estabelecido, um desafio foi posto através da resposta do sacerdote: “ façamos juntos!”, dando origem ao Movimento de espiritualidade conjugal. Essa pesquisa tem seu enfoque nos elementos constitutivos dessa espiritualidade nas ENS. Por essa razão, é uma pesquisa bibliográfica centrada nos documentos do Movimento e nos documentos da Igreja, no contexto do pós-Vaticano II. Para analisarmos o itinerário percorrido por esse Movimento, distribuimos a pesquisa em três etapas: 1) as questões referentes ao contexto histórico e eventos sociais que propiciaram a gestação da metodologia empregada na formação dos casais do Movimento; 2) no segundo momento, analisamos os fundamentos bíblico-teológicos das ENS, sua especificidade e seus limites; e, por fim, 3) as questões referentes à busca de sentido na relação a dois; o testemunho e a vivência da fé no cotidiano da vida matrimonial; e, como conclusão, a contribuição específica dos leigos das ENS na missão da Igreja. Toda essa pesquisa tem a finalidade de valorizar e destacar a riqueza singular das ENS na formação de casais cristãos para a missão da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento. Método. Espiritualidade Conjugal. Missão. Casais. Igreja Católica.

ABSTRACT

The study major goal study is the Movimento das Equipes de Nossa Senhora (ENS). Marital Spirituality of Our Lady Team Work Affair. (OLTWA). From the fallowing spiritual line of thinking that has been elaborated for more than eight two years, Catholic couples from five continents have been using the method developed by Priest (Father) Padre Henri Caffarel, ENS apply it to this movement and contribute to its development. Since 1939, young couples from Juventude Operária Cristã e da Ação Católica, have been looking for Father Caffarel, with the spiritual desire that could specifically correspond to their married status. Once it was not something that hasn't been previewed and established, a challenging point has been set up through priest's answers: "let's do it together!", by giving rise to the couple spirituality movement. This research has is focus on the constitutive elements of this spirituality at ENS. For this reason, it is a bibliographic research based on documents of the movement, church documents and through church documents and from the church context as to Vatican II. In order to analyze the steps taken by this movement the research was divided into three steps: 1) Matters regarding to historic context and social events that provide methodological management applied in the couple movement frame; 2) as a second matter, analyze the Theological Biblical Bases of ENS, its specialties, limits; and finality. 3) Matters referring to the search for couple relationship meaning; testifying and faith in their daily matrimonial life and as a final closing, the specific contribution of lay people the ENS in the church mission. The whole research has as a major goal to valorize and point out the unique richness of ENS as to the formation of catholic couples as to the church mission.

KEY WORDS: Movement. Method. Spirituality, Marital. Mission, Couple. Catholic Church

ABREVIATURAS

AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i>
AC	Acompanhante Espiritual
AL	<i>Amoris Laetitia</i>
ECC	Encontro de Casais com Cristo
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
ENS	Equipe de Nossa Senhora
ERI	Equipe Responsável Internacional
FC	<i>Familiaris Consortio</i>
FT	<i>Fratelli Tuti</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LS	<i>Laudato Si</i>
LF	<i>Lumen Fidei</i>
SCE	Sacerdote Conselheiro Espiritual
GENS	Guia das Equipes de Nossa Senhora
CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
A FAMÍLIA CRISTÃ NA MODERNIDADE EM CRISE	16
1.1 A CRISE DA MODERNIDADE E A FAMÍLIA	18
1.2 A PASTORAL FAMILIAR A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II	24
1.3 AS EQUIPES DE NOSSA SENHORA (ENS) NESSE CONTEXTO	40
CAPÍTULO 2	
FUNDAMENTOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS DAS ENS	50
2.1 A TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE CONJUGAL	52
2.2 A EXPERIÊNCIA DA PEQUENA <i>ECCLESIA</i> NAS ENS.....	66
2.3 OS LIMITES DESSA EXPERIÊNCIA	73
CAPÍTULO 3	
PERTINÊNCIA DAS ENS PARA A ATUALIDADE	80
3.1 BUSCA DE SENTIDO PARA A VIDA PESSOAL NA RELAÇÃO CONJUGAL ..	81
3.2 TESTEMUNHO DA FÉ CRISTÃ NO MATRIMÔNIO	88
3.3 MISSÃO EVANGELIZADORA DA VIDA CONJUGAL	94
CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

Nossa investigação dissertativa traz ao campo acadêmico, como contribuição para a espiritualidade matrimonial, o método de acompanhamento espiritual para casais cristãos, desenvolvido pelo Padre Henri Caffarel (1903-1996), com a colaboração dos casais (desde 1939), que posteriormente deu origem ao Movimento das Equipes de Nossa Senhora (ENS). A intuição do Pe. Caffarel em inter-relacionar, através da mútua colaboração, o Sacramento da Ordem (Sacerdote Conselheiro) e o Sacramento do Matrimônio (Casais), fez com que o movimento das ENS assumisse como objetivo essencial e razão de ser: “A missão de ajudar os casais a caminhar para a santidade. Nem mais, nem menos” (GUIA DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA, 2013, p. 13).

Em Paris, no intervalo entre a primeira e segunda guerras mundiais, houve uma efervescência de movimentos espirituais, estudos bíblicos e novas perspectivas teológicas. Dentre esses, nasce também o desejo de alguns casais por aprofundar a espiritualidade matrimonial, não somente a partir de conceitos, mas de um acompanhamento espiritual que lhes proporcionasse saborear e aprofundar, de maneira mistagógica¹, a espiritualidade conjugal. Porém, com a expansão do movimento, houve a necessidade de atualizar e contextualizar sua identidade e carisma, à luz do Magistério da Igreja.

O que é, então, espiritualidade conjugal? Ao modo de ver do Padre Caffarel, trata-se “da arte de viver no casamento o ideal evangélico que Cristo propõe a todos os seus discípulos” (CAFFAREL, 1962, p. 2). Dessa forma, a pergunta que motiva a pesquisa é a mesma que o Padre Caffarel busca responder: como viver, no estado de casados, uma espiritualidade que ajude aos esposos aprofundar os conteúdos bíblico-teológicos através do método das ENS e a se beneficiarem dos valores da cultura religiosa cristã em nosso momento histórico? Por essa razão, trata-se não de um devaneio, de um arroubo ou de um *insight* deste sacerdote, mas de uma necessidade pastoral por responder às questões postas no caminho da reflexão e do entendimento de uma espiritualidade conjugal apropriada e acessível para casais, percorrendo com eles um caminho de descobertas e formulação de um método.

Para aprofundar esta pesquisa bibliográfica, utilizaremos os documentos formativos do movimento das ENS como referências e fontes. A partir deles, serão abertas perspectivas mais amplas espalhadas em vários escritos do autor, bem como a série de publicações sobre cada etapa formativa, funções estabelecidas, guias práticos e estatutos do Movimento. Por último,

¹ Leia-se **Mistagogia** como a introdução [iniciação] nos mistérios sagrados de uma religião. Uma introdução na vivência dos mistérios sagrados na realidade do sacramento do matrimônio.

mas não menos importante, os livros do Padre Caffarel e alguns exemplares da revista *L'Anneau d'Or* (A Aliança de Ouro). Muito mais do que somar mais uma pastoral à Igreja, esse sacerdote confere às Equipes a categoria de *Ecclesia*² como um itinerário de inserção na vida de fé, como disse Caffarel na Carta Mensal de 1957:

O ideal das ENS não é o de reunir todos os casais, todos os grupos de casais. Mas somente aqueles que, desejosos de chegar a uma vida cristã mais perfeita e de cooperar mais eficientemente com a obra de Deus neste mundo, sentem a necessidade de se apoiar num regulamento e almejam uma vida de cooperação fraternal (CAFFAREL, 1957, p. 1).

Por essa razão, não se trata de uma solução datada ou pronta, mas de uma realidade que constantemente requer aperfeiçoamento, novas respostas e perspectivas. Assim, a estrutura do movimento das ENS vem sendo aperfeiçoada e experimentada por casais de diferentes culturas, povos e línguas.

Vivemos inseridos numa sociedade de valores líquidos e moralidade elástica. Essa afirmação, inspirada em Zigmunt Bauman (1925-2017), faz com que tenhamos a compreensão de que nossas relações são cada vez mais frágeis e prestes a rupturas, realidades que nos colocam diante do demônio do medo, da insegurança e da impotência (BAUMAN, 2007, p. 32). Trazer à baila questões como indissolubilidade e vínculo, sem o apelo do fardo a ser carregado suprimindo qualquer perspectiva de prazer, humor, leveza e felicidade é ainda um grande desafio. Pior ainda é afirmar que a religião – outrora vista como ‘castradora da sexualidade humana e do prazer’ (DANTAS, 2010, p. 5) – possa apontar um caminho válido e concreto à realização conjugal.

Após essas cogitações iniciais, restam algumas perguntas: Em que, objetivamente, o método das ENS pode contribuir para superação destas fragilidades próprias deste tempo? Há como, em meio às inúmeras atividades diárias, encontrar e criar espaços para o cultivo de uma vida espiritual que traga benefícios à relação matrimonial e familiar? Perguntas como essas são importantíssimas, a fim de que não fujamos da realidade historicamente experimentada. No tocante ao matrimônio, o nosso pensar, falar e refletir nunca devem perder de vista a viabilidade de uma espiritualidade da relação conjugal no contexto humano-existencial.

No modo de ver de Eduard Schillebeeckx, não se trata de uniformidade da vida matrimonial ou conjugal, mas de um caminho a ser personalizado pelos próprios cônjuges. Desta forma, não é que se tenha criado novo padrão de vida conjugal e familiar, mas antes que cada casal e cada família compreendam que há uma tarefa a cumprir. Neste sentido, afirma

² Leia-se *Ecclesia*, neste contexto, como pequenas Igrejas. Na perspectiva das ENS, trata-se de células (equipes) formadas por sete casais e o Sacerdote Conselheiro ou Assistente Espiritual.

Schilebeeckx: “Cada matrimônio tem que estabelecer seu próprio padrão de vida conjugal, construindo-a sobre um fundamento inspirador, nascida de uma convicção íntima e de um plano interior de vida (SCHILEBEECKX, 1969, pág. 23-24).

Alguns autores e movimentos como o Encontro de Casais com Cristo (ECC) e a Pastoral da Família até conseguem despertar para a via espiritual, porém esbarram na limitação de um método de acompanhamento contínuo, dada a condição e a singularidade da natureza da vida conjugal. Não se pode fazer uma simples transposição das escolas clássicas de espiritualidade para a vida do casal. A realidade matrimonial requer uma via própria, muito diferente da via espiritual proposta para o clero, os (as) religiosos (as), monges, ascetas, eremitas; trata-se de uma realidade distinta que carece de uma mistagogia específica. “O teu amor sem exigência me diminui; a tua exigência sem amor me revolta; o teu amor exigente me engrandece” (CAFFAREL, 2015, p. 12).

Uma boa parcela dos autores que se debruça sobre temas referentes ao matrimônio, sempre o faz ou na perspectiva bíblico-histórico-sacramental ou na perspectiva canônico-moral, ou seja, do vínculo – indivíduos casados. Esquecem-se da relação conjugal, da sua natureza santificadora e da abertura – em meio às imperfeições individuais – que os esposos têm para um caminho espiritual apropriado à sua condição. Nesse aspecto, o método das ENS traz sua contribuição.

Há alguns anos, acompanhamos a orientação espiritual para casais que direcionam sua práxis cristã a partir do método instituído por Padre Caffarel, para as ENS. Vemos concretamente a contribuição que esse método pode trazer àqueles que desejam agregar mística e espiritualidade à vida a dois, a partir de um caminho de acompanhamento e crescimento contínuo. Há uma vasta produção anual de material de estudo que confere dinâmica, progressão e inserção na vida espiritual voltada aos cônjuges. Tal produção, porém, está inserida no hoje da nossa história e, por isso, aberta à reflexão sobre o impacto das constantes mudanças no nosso contexto sócio-político-religioso.

O constante estado de atenção e reflexão faz com que, apesar de trazer características definidas, esse método se adapte bem às diversas realidades, povos e culturas. Para balizar essa exposição, fixaremos nossa atenção nos seus pontos estruturais, a saber: Escuta da Palavra de Deus; Oração pessoal (meditação); Reunião mensal; Oração conjugal; Dever de sentar-se; Regra de vida e Retiro. Apesar de parecer simples, não se trata de um método superficial e frágil. Trata-se de um itinerário bíblico-teológico que aprofunda e sedimenta a fé (indivíduo-casal) e - com identidade e carisma específicos - os insere como testemunhas de Cristo na missão da Igreja. Contudo, há limitações!

Alguns pesquisadores até se referem à necessidade de um acompanhamento direcionado aos casais que lhes ofereça um espaço onde seja possível superar o isolamento e iniciar-lhes nos fundamentos da fé (AUGUSTIN, 2018, p. 31). Mas a despeito de sugerirem um horizonte a ser desbravado na vida conjugal, tais pesquisadores não elaboram uma metodologia que corresponda ao estado de casados. Na linha dessa pesquisa, há apenas uma tese de mestrado intitulada: “Espiritualidade conjugal segundo o pensamento do Padre Caffarel”, da *Universidad de Navarra*; contudo o autor apenas elenca algumas bases da Espiritualidade das ENS e se atém em outros objetivos sem tocar no método e fundamentos bíblicos-teológicos. Nessa lacuna, vem a colaboração e o específico dessa pesquisa.

Para essa finalidade, objetivaremos apresentar o método empregado no desenvolvimento da espiritualidade conjugal, elaborado por Padre Caffarel, para o Movimento das Equipes de Nossa Senhora e aprofundar os fundamentos bíblico-teológicos como contribuição para a espiritualidade matrimonial e sua possível pertinência para a atualidade.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, traz o apelo à Igreja, ou seja, buscar uma espiritualidade que ajude aos casais a crescer no amor conjugal:

... outras vezes, apresentamos de tal maneira o matrimônio que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda mútua ficaram ofuscados por uma ênfase quase exclusiva no dever de procriação... outras vezes, apresentamos um ideal teológico do matrimônio demasiado abstrato, construído quase artificialmente, distante da situação concreta e das possibilidades efetivas das famílias tais como são (AL 36).

O Papa Francisco manifesta sua preocupação com a forma como a espiritualidade matrimonial vem sendo elaborada. O acompanhamento espiritual aos casais cristãos quase sempre apresenta um obstáculo: o método para uma espiritualidade especificamente conjugal. Há, em se tratando desse tema, uma dificuldade de sair do campo da subjetividade, das receitas prontas e universais, do subentendido e dos castos moralismos. Normalmente, a reflexão sobre o estado de vida matrimonial parte de ideais inalcançáveis, remetendo a compreensões previamente formuladas de um caminho mistagógico, supostamente apropriado aos cônjuges.

Dessa forma, no primeiro capítulo, contextualizaremos a fé cristã no escopo da modernidade em crise, com o corte epistemológico e cronológico, não no surgimento das ENS, mas a partir dos anos 70, período de maior produção documental e da estruturação organizacional do movimento. Buscaremos dialogar com alguns teólogos pastoralistas que nos ajudarão a situar na reestruturação das ENS naquele contexto da missão da Igreja, no acompanhamento pastoral às famílias e na formação para o desenvolvimento da espiritualidade conjugal. A partir daí, discorreremos sobre as ENS, com ênfase em sua metodologia. Contudo,

apesar do carisma delineado, o movimento implica num constante vir a ser e, enquanto método teológico, as ENS utilizam-se do método ver-julgar-agir.

No segundo capítulo, situaremos especificamente os fundamentos bíblico-teológicos a partir do sacramento do matrimônio. Visto que o movimento usa dos fundamentos bíblico-teológicos do sacramento do matrimônio, centralizaremos nossa atenção nos fundamentos da espiritualidade conjugal, apresentando o carisma e alguns elementos, enquanto método formativo utilizado nas ENS. Por último, com um olhar atento aos acentos e ênfases conceituais do movimento, exporemos alguns limites dessa experiência.

Por fim, no terceiro capítulo, buscaremos explorar a questão das motivações que conferem sentido ao itinerário espiritual proposto, bem como as orientações para espiritualidade conjugal. No segundo momento, reiterar a disposição de colocar-se como testemunhas comprometidas com a fé cristã e, no terceiro e último momento, uma vez instruídos na fé e conscientes de sua missão, a partir da vida conjugal, assumir a missão da e na Igreja e contribuir como casal cristão – ocupando lugar de fala – na missão da Igreja.

CAPÍTULO 1

A FAMÍLIA CRISTÃ NA MODERNIDADE EM CRISE

A família cristã, em particular as ENS, em meados do século XX, estava imersa numa sociedade em crises políticas, econômicas, sociais, religiosas e de sentido que atingiram a Europa e, conseqüentemente, transformou também o mundo. Paralelamente ao nascimento das Equipes de Nossa Senhora em 1939, iniciou-se também um sangrento conflito mundial, a segunda guerra mundial - nesse período, alguns esposos foram para guerra, bem como o próprio Padre Caffarel - cujo fim foi marcado pela detonação de duas bombas atômicas, nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945. Dois anos depois, na Festa da Imaculada Conceição de 1947, os Estatutos das ENS foram apresentados.

Na segunda metade do século XX, o mundo viu se atordoado pelas descobertas dos horrores dos campos de concentração, pela possibilidade de autodestruição em massa, tanto por armamentos nucleares como pela escassez de recursos ambientais necessários à vida. A pós-modernidade anuncia um tempo de muitos desafios em diversas áreas. Trata-se de um tempo da não solidez: tudo sofre um processo ininterrupto de transformação. No dizer de Maffessolli:

A pós-modernidade engloba um mundo fragmentado e uma multiplicidade de valores que se colocam uns ao lado dos outros (...) essa fragmentação explica ao mesmo tempo a desordem e a perplexidade dos intelectuais diante da situação, não somente para pensar, mas para agir sobre ela. (MAFESOLI, 1993, p. 133-134).

Neste contexto, na França, teólogos da *Nouvelle Theologie* – dentre os quais destacamos: Yves Congar e Henri de Lubac que tiveram contato com o Padre Caffarel, chegando a escrever artigos para a revista *L'Anneau D'or* – como membros da escola de pensamento Católico, recebiam críticas, ensaiaram respostas e métodos teológicos, sob critério de legitimação, em busca da reforma da Teologia e foram ‘cabeças pensantes’ de algumas intuições do Concílio Vaticano II. Neste cenário de fragilidades e efervescência situa-se a nossa pesquisa. O teólogo Alessandro Rocha, assim define em linhas gerais a pós-modernidade:

Partindo da afirmação do princípio de pluralidade encontramos a primeira exigência do exercício de discutir o pós-moderno numa perspectiva conceitual: a explicitação do lugar assumido, que é o mesmo tempo de marca e evidencia nossas escolhas e metodologias. No ambiente onde a diversidade é a atmosfera comum, O posicionamento da investigação não deve ser apenas a relativização do discurso, mas, também, a assunção da perspectiva como forma de assumir conseqüentemente um discurso que tem lugar próprio e, portanto, um ponto de vista com suas representa atividades e limitações (ROCHA, 2008, p. 39).

A modernidade em crise e o início da pós-modernidade³ trazem uma realidade muito mais que conceitual. Neste campo, como objeto correlato desta pesquisa, enfatizaremos apenas o aspecto doutrinal fragmentado e inclusivista em contraponto às instituições com doutrinas enrijecidas e absolutas.

Tal realidade, inclusiva e da hipervalorização da subjetividade do indivíduo, faz com que se tenha a impressão de que a família cristã viva imersa, numa sociedade de valores líquidos e moralidade elástica. Essa afirmação, inspirada em Zygmunt Bauman⁴ (1925-2017), no campo da relação conjugal, faz com que se tenha a impressão que as relações pareçam estar cada vez mais frágeis e prestes a rupturas, em sua constituição. Afirma Bauman:

A vida líquida e a modernidade líquida estão intimamente ligadas. A vida líquida é uma forma de vida que tende a ser levada numa sociedade líquida-moderna. Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquida-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo (BAUMAN, 2001, p. 7).

A partir dessa constatação, nosso itinerário intenta percorrer esse caminho de influências da pós-Modernidade, sobretudo no que diz respeito à caminhada das famílias cristãs inseridas no mundo de hoje, bem como suas perspectivas e dificuldades à luz de uma espiritualidade do casal cristão, especialmente dentro do movimento das Equipes de Nossa Senhora. Para conceituar este período e situar na pós-modernidade, usaremos o conceito de Lyotard:

O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o meta-discurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. O cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informational (LYOTARD, 2009, p. VIII) [...] Nossa hipótese de trabalho é a de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna. Esta passagem começou desde pelo menos o final dos anos 50, marcando para a Europa, o fim de sua reconstrução (LYOTARD, 2009, p. 5).

³ Por conceito de pós-modernidade destacamos o pensamento do filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998), que tem por objetivo analisar a posição do saber na pós-modernidade e define que pós-moderno é caracterizado pela incredulidade nas metanarrativas. Portanto, a pós-modernidade acentuaria a perda das visões totalizantes da história, gerando, apenas, consensos provisórios e parciais - jogos de linguagem. Como aspecto positivo, o filósofo, destaca o reconhecimento e o convívio harmonioso com as diferenças.

⁴ O pensador e sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, com ampla experiência acadêmica e social, dedicou os últimos anos de sua vida a estudar o que ele chamou de metáfora da liquidez. Ele associa todos os movimentos intelectuais e sociais da atualidade com a fluidez dos líquidos devido às intensas e rápidas mudanças pelas quais nossa sociedade passa atualmente. Igualmente, Bauman se dedica ao estudo das relações humanas, incluindo as afetivas, nesse contexto de fluidez e radicalismos de posturas e valores, bem como à falta de perspectiva em relação a um futuro objetivo e propulsor da humanização entre as pessoas.

Apesar das ENS terem surgido na década de quarenta, com a proximidade do afastamento do Padre Caffarel – que veio a ocorrer em 1973 - é a partir dos anos setenta que o movimento começa a reunir publicações para preservação do Carisma e da Identidade do Movimento. Por essa razão, situamos nossa pesquisa, como corte epistemológico, no contexto de modernidade em crise ou pós-modernidade.

O Guia das Equipes de Nossa Senhora, de forma breve, nos insere neste contexto social:

A Igreja encontra-se igualmente num momento decisivo da história. A partir do Concílio (1964), a Igreja, povo de Deus em marcha, quis assumir um compromisso mais positivo em relação ao mundo e dentro do mundo. Nada do que é humano pode ser alheio a uma Igreja cuja vocação é ser o germe do Reino de Deus, a partir das realidades concretas da vida dos homens (GENS, 2013, p. 166).

De maneira muito especial, nos últimos documentos magisteriais sobre família e matrimônio⁵, a Igreja sabiamente tem prestado atenção às vicissitudes e anseios do povo fiel e tem dado sua inestimável contribuição para a formação de toda uma geração de casais, teólogos, religiosos, pastores e canonistas interessados pelo tema e atentos às necessidades dos casais da atualidade.

Portanto, neste capítulo, situaremos historicamente nossa pesquisa, abordaremos as questões e desafios da Igreja em acompanhar as mudanças culturais e sociais da época; ainda que rapidamente, transitaremos no contexto dos documentos magisteriais a partir do Concílio Vaticano II; e por fim, o surgimento e adaptação do movimento das ENS às mudanças de paradigmas e acentos sócio eclesiais.

1.1 A CRISE DA MODERNIDADE E A FAMÍLIA

Ao abordarmos a modernidade em crise ou pós-modernidade como sendo o cenário onde atua nosso objeto de pesquisa, queremos situar a quem nos acompanhe dentro das questões postas no período pré-conciliar e pós-Vaticano II concernente à reformulação pastoral para o acompanhamento espiritual aos casais cristãos. A partir daí, mostrar o lugar de ação e o *modus operandi* do movimento católico Equipes de Nossa Senhora. Como referência intercruzada,

⁵ Nos últimos seis séculos, houve uma crescente preocupação da Igreja com as Famílias. Inúmeros documentos foram promulgados com o intuito de formar os fiéis e os pastores para o devido cuidado com essa realidade querida por Deus, especialmente a partir do Concílio Vaticano II, dentre os quais podemos citar: *Mater et Magistra*, de 1961; *Lumen Gentium*, 1964; *Gaudium et Spes*, 1965; *Apostolicam Actuositatem*, 1966; *Gravissimum Educationis*, 1965; *Humanae Vitae*, 1968; Discurso ao Movimento "Equipes de Nossa Senhora", 1970; Discurso à Peregrinação das "Equipes de Nossa Senhora", 1976; *Familiaris Consortio*, 1981; *Mulieris dignitatem*, 1988; *Gratissimam sane*, 1994; *Ad paucos dies*, 1994; *Evangelium Vitae*, 1995; A cada um de vós, 1995; Instrução *Dignitas Personae* sobre algumas questões de bioéticas, 2008.

com outros temas de igual relevância, dialogaremos com os teólogos pastoralistas, sobre a difusão dos conceitos e a sua possível integração em meio aos cristãos da atualidade.

Por conseguinte, os grandes temas de repercussão que afetam a vida das famílias em todo o mundo nos interessam nesse caminho para tomar ciência do cenário social. Afinal, a Igreja em suas publicações e seus estudos sempre está preocupada com o bem-estar das pessoas integralmente, e não apenas em relação aos seus fiéis, mas no entendimento de que todo ser humano precisa ser cuidado e respeitado.

Dentro dessa compreensão sobre singularidade de cada pessoa e a necessidade de intimidade com o Senhor, o Movimento posiciona-se:

O que conta não é aquilo que fazemos, mas, principalmente a necessidade que temos de união com Ele num abandono total ao Senhor, num amor incondicional qualquer que seja a fase de vida que nos encontremos. A missão de cada um é o conteúdo de sua própria existência. Por isso, a vocação não é algo acrescentado à pessoa, ela faz parte integrante da identidade de cada um (GENS, 2013, p. 103).

Outro ponto que nos ocupa e de fundamental importância para o caminhar dentro do que propomos é entender quais são os pilares para uma atenção e uma sustentação das famílias no mundo, especialmente para aquelas em situação de vulnerabilidade em meio aos desafios da sobrevivência e da educação e sustento dos filhos de maneira condizente com a dignidade humana feita à imagem e semelhança de Deus. Essa atenção se concentra nos principais pontos que visam dar essa segurança existencial e espiritual, de modo que as famílias sejam os lugares por excelência da vivência plena do amor ágape, ao modo do próprio amor de Deus pela criação e pelos seres humanos.

Em relação a esse contexto pré-conciliar, dezembro de 1960, para a realidade dos casais e famílias, aspira Padre Caffarel:

O Concílio será fonte, para a Igreja, de um “novo vigor”. Pressupõe-se, para tanto, que primeiramente ela se questione a respeito de seu ensinamento, de seus organismos, de suas atividades... Assim como ela se debruça sobre o estado clerical e sobre a vida religiosa no mundo, ela deve interrogar-se também sobre este outro “estado de vida” que é o casamento, sobre a qualidade, a saúde, a vitalidade de todos os casais cristãos, que alicerçam, sua vida sobre o sacramento do matrimônio do qual a Igreja é a guardiã (CAFFAREL, 2015, p. 148).

Havia, por parte das ENS uma expectativa que o Concílio pudesse trazer respostas válidas para o cuidado pastoral da família cristã em meio ao contexto de crise de valores e conceitos. Padre Caffarel, para chamar atenção da comissão do Apostolado dos Leigos para as questões ligas das ao aspecto do matrimônio cristão, elabora um documento composto de cinco

partes:

1) O casal cristão está não somente ameaçado, mas contaminado pelo ambiente pagão do mundo atual em que se insere. Para protegê-lo e ajudá-lo a realizar o pensamento divino sobre o matrimônio, impõe-se a Igreja; 2) um esforço pastoral mais estudado, mais eficaz do que aquilo que se faz atualmente; 3) Um aprofundamento doutrinal nos campos do dogma, da moral, da espiritualidade; 4) Este duplo esforço pastoral e doutrinal terá por efeito suscitar casais que tragam para a Igreja não somente a riqueza de sua vitalidade espiritual, mas também a sua insubstituível cooperação para expansão do Reino de Deus; 5) a Igreja tem por obrigação ser a educadora espiritual dos casais católicos. Deve, porém, considerar também as formas de ajudar os não católicos a descobrir o rosto do matrimônio cristão (CAFFAREL, 2015, p. 149).

Esta iniciativa do Padre Caffarel está calcada na urgência de medidas que se refletissem sobre o cenário de degradação do casamento, tendo como consequências: a rarefação das vocações sacerdotais e religiosas; perda do sentido da vida consagrada e a deficiência da educação dos filhos. “Quando se corrompe uma das fontes vivas da Igreja, a Igreja inteira é afetada” (CAFFAREL, 2015, p.150).

Esta narrativa sobre o contexto do matrimônio põe em evidência a necessidade, para a Igreja, de debruçar-se sobre sua ação pastoral no campo do matrimônio. Estudar que reformas teriam que ser feitas e as iniciativas a serem tomadas. Havia uma constatação: quase sempre a pastoral daquela época ignorava as necessidades do casal. Naquelas circunstâncias, estavam em causa a vida individual do casal cristão e a própria vitalidade da Igreja.

Cabe, neste momento, demonstrar a imensa relevância do trabalho desenvolvido pelas Equipes de Nossa Senhora, desde seus aspectos constitutivos até suas práxis pastoral junto aos casais e famílias cristãs, sendo presença ativa e afetiva junto a essas pessoas que buscam construir uma realidade familiar saudável e frutuosa à luz da fé cristã, tendo como modelo o próprio Jesus Cristo e seu amor por nós. No entanto, no passo seguinte, abordaremos o entendimento e as respostas da Igreja às crises na família no campo da atuação do cuidado pastoral.

Especificamente no campo do Magistério da Igreja, as últimas décadas têm sido de muita relevância para o surgimento e o aprimoramento de movimentos, pastorais e serviços eclesiais dedicados à família e ao casal cristãos. Sendo uma preocupação constante da Igreja, o acompanhamento familiar e conjugal, desde seu início até sua dissolução natural, com a morte de um dos cônjuges, faz parte de todas as diretrizes pastorais adotadas nos últimos anos. Notamos, também, que não apenas do ponto de vista pastoral, mas dentro de todos os âmbitos de atuação eclesial, a temática tem sempre sido referência nos estudos e discussões.

Como já inferido, diversos documentos foram promulgados pela Igreja acerca da temática da família. Alguns, específicos; outros, mesmo que contemplando um universo maior de temas e realidades, trazem também a preocupação do Magistério eclesial com a situação concreta das famílias ao redor do mundo, com suas especificidades positivas e negativas em nível de desafios.

Especialmente a partir do Concílio Vaticano II, os documentos produzidos pela Igreja visam fornecer subsídios teológicos e pastorais para o manejo dos casais cristãos e de suas unidades familiares, em busca de horizontes humanizados e espiritualizados, de modo a fornecer a essas pessoas orientação, consolo e esperança em suas caminhadas cotidianas rumo à concretização dos planos de Deus em suas vidas e nas vidas de seus filhos e filhas.

A esse respeito, atento às necessidades eclesiais, mudanças e acentuações, o movimento das ENS posiciona-se:

A Igreja exprimiu a sua vontade de assumir uma opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, de questionar-se frente a uma sociedade materialista, que ao mesmo tempo anda à procura de estranhos misticismos, de viver as tensões geradas por um difícil pluralismo, de buscar caminhos de uma nova evangelização para atingir o homem integral. A cada época, o Espírito de Deus suscita determinados carismas que dão origem a ordens religiosas e movimentos, em resposta às necessidades das novas gerações [...] (GENS, 2013, p. 166).

As principais preocupações estão nos campos da vida matrimonial, da educação cristã, do sustento digno das famílias e na vivência do amor entre o homem, a mulher e seus filhos, tanto naturais como vindos por adoção. A manutenção da vida plena e saudável com base nos ideais de Deus para nossa salvação são os princípios norteadores de toda a ação eclesial da atualidade, movida pela experiência conquistada no passado próximo, e pela esperança em tempos melhores para a humanidade, a partir da implantação do Reino de Deus entre os povos, cuja semente primordial é a família.

Há, em se tratando desse tema, uma dificuldade de sair do campo da subjetividade, das receitas prontas e universais, do subentendido e dos castos moralismos. Normalmente, a reflexão sobre o estado de vida matrimonial parte de ideais inalcançáveis, remetendo a compreensões previamente formuladas de um caminho mistagógico, supostamente apropriado aos cônjuges. Não se pode fazer uma simples transposição das escolas clássicas de espiritualidade para a vida do casal. A realidade matrimonial requer uma via própria, muito diferente da via espiritual proposta para o clero, os (as) religiosos (as), monges, ascetas, eremitas; trata-se de uma realidade distinta que carece de uma mistagogia específica.

Aí está a novidade: conduzir ao caminho novo sem esquecer o caminho percorrido. Não

temos que “esquecer” para “recomeçar”, mas converter a caminhada, voltar ao eixo fundante, ao foco inicial, ao encontro com o que Deus pensou para nós e nos ensinou com a presença de Jesus. Ao mesmo tempo em que essa experiência humaniza, também diviniza porque nos faz dirigir nosso ser à aquele que é o próprio Caminho. É a Revelação que acontece na vida de cada fiel que se dispõe a ouvir o chamado, mas também que recebe a orientação correta e coerente para direcionar seus passos de volta ao caminho primordial.

Todavia, no entendimento de Edward Schillebeeckx, faz-se referência expressamente à universalidade da salvação cristã como oferta vinda de Deus para todos os homens:

[...] para que também cada qual realize, em liberdade e pela práxis evangélica em seguimento de Jesus, de fato salvação e libertação para todos. A salvação que se funda em Cristo, como promessa para todos, torna-se universal não graças à mediação de uma ideia abstrata e universal, mas em virtude de seu caráter cognitivo, crítico e libertador numa e por uma práxis consequente do reino de Deus (SCHILLEBEECKX, 2003, p. 227).

Tal estratégia faz uma enorme diferença quanto às metodologias pastorais de acompanhamento dos casais e famílias cristãos, não anulando situações particulares e ‘imbróglis’ socioculturais, mas criando o ambiente ideal para que haja uma caminhada consciente e reflexiva da parte dos fiéis em relação ao que nos mostra a Igreja. Leva-se em consideração, portanto, a realidade humana encontrada pelos ministérios, pastorais e serviços ligados à família, conduzindo a um caminho de reencontro com as fontes da doutrina e espiritualidade cristãs e ao firmamento das raízes dessas relações em solo fértil e bem cuidado pelos pastores eclesiais, fomentando novos encontros de tantos outros fiéis a partir do resultado conseguido nas mais diversas experiências.

Por conseguinte, é preciso ainda alinhar nosso pensar e afirmar que tão importante quanto o serviço é o modo como ele é realizado, obrigatoriamente, sempre, dentro de forma evangélica. Sobre isso, eis o que nos diz Agenor Brighenti: “[...] Trata-se de comunhão de diferenças e diversidades, em torno da mesma fé, da comunhão eucarística, da vivência da fraternidade, da comunhão de bens, da comunhão intereclesial, da Apostolicidade da Igreja, comunhão com a criação e com toda a humanidade” (BRIGHENTI, 2006, p. 147).

E, quanto àqueles que nunca tiveram nenhuma experiência em relação a esse caminho eclesial, essa atitude “nova” propõe um caminho paralelo de conhecimento das realidades doutrinárias e espirituais da Igreja, juntamente com o autoconhecimento e a autorreflexão, propiciando a descoberta da conexão entre a humanidade e a divindade exatamente pela via do amor libertador, que põe, frente a frente, Criador, criatura e Salvador. Ora, desse encontro só sairão experiências de crescimento humano e espiritual, possibilitando, especificamente no caso

dos casais e famílias cristãs, o entendimento colaborativo na obra redentora de Jesus entre nós.

Edward Schillebeeckx, que faz teologia a partir da experiência, nos remete a essa contínua revelação e Deus na história:

É presença histórica da inspiração e orientação cristã possibilitada pela história de Jesus e por sua e nossa práxis historicamente concreta, nas pegadas dele, de libertação, que experimenta a comunhão de vida com Deus como a fonte e o fundamento da liberdade total-humana: como salvação não para certa classe privilegiada, e também não só de vivos ou eventuais sobreviventes, mas para todos, também para os proscritos, oprimidos e definitivamente mortos (SCHILLEBEECKX, 2003, p. 227).

O interesse da Igreja é o bem-estar de seus fiéis. Os documentos do Magistério eclesial, especialmente os que se referem à vida conjugal e familiar, têm esse cuidado redobrado. Isso é notório quando neles nos aprofundamos e percebemos sua íntima ligação com o cotidiano das sociedades. Vale a pena recordar aqui que a Igreja não se dirige apenas aos católicos, mas a todos os que tenham boa vontade para ouvi-la e perceber que seu discurso é universal, mesmo quando trata de assuntos diretamente ligados ao catolicismo. Isso se dá porque a Igreja é bastante consciente de que os católicos não são um grupo isolado dentro da sociedade, mas, antes, extremamente engajado em suas mais diversas realidades.

A abordagem honesta e coerente desses documentos sempre infere sobre os diferentes contextos e culturas em que os católicos estão inseridos ao redor do mundo, valorizando essas experiências concretas e visando poder inculturar tais modelos vividos ao bojo geral da doutrina e da espiritualidade, dos quais a Igreja é guardiã. O interesse primordial é que os fiéis, entendendo-se como tais, assumam seu lugar e sua corresponsabilidade na obra da criação. Quando esse lugar é compreendido, como citamos acima, o reto seguimento dos mandamentos e das normas, como também a vivência frutuosa da vida e da espiritualidade cristãs tornam-se meta, ponto de chegada. É o caminho que se faz caminhando.

Dentro do que propõe Edward Schillebeeckx, ao afirmar que a mensagem cristã do reino de Deus com seu potencial libertador permanece em sua peculiaridade uma oferta a todos os homens, e ao mesmo tempo também uma confrontação com outras religiões enquanto tais (e não só com seus membros), diz ainda:

Também a cultura dos homens, também sua cultura religiosa, pode ser evangelizada, sem que por isso essas culturas devam perder sua específica identidade e peculiaridade. E, de sua parte, também o cristianismo pode encontrar, em virtude e em outras culturas religiosas, uma nova “inculturação”, cristãmente ainda não realizada (SCHILLEBEECKX, 2003, p. 227).

Uma boa parcela dos autores que se debruça sobre temas referentes ao matrimônio,

sempre o faz ou na perspectiva bíblico-histórico-sacramental ou na perspectiva canônico-moral, ou seja, do vínculo – indivíduos casados. Esquecem-se da relação conjugal, da sua natureza santificadora e da abertura – em meio às imperfeições individuais – que os esposos têm para um caminho espiritual apropriado à sua condição. Essa abordagem da realidade e seu consequente tratamento pastoral deixa lacunas, sobretudo em tempos como os nossos. O resultado acaba sendo invertido e os casais terminam não compreendendo suas possibilidades de crescimento e de usufruto espiritual de maneira adequada.

Dessa nova forma de abordar a temática e a realidade de homens e mulheres de nosso tempo, dá-se origem a um estilo de acompanhamento espiritual que possa corresponder concretamente aos anseios daqueles que querem viver a vocação matrimonial, a espiritualidade conjugal e a minimizar os conflitos humanos, naturalmente presentes nas relações familiares e sociais. Portanto, abre-se uma janela de observação dos impactos dos conteúdos religiosos no processo de sociabilização e humanização do indivíduo, a partir da constituição do vínculo matrimonial, no contexto especificamente cristão católico.

1.2 A PASTORAL FAMILIAR A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Durante as reformas conciliares, no século passado, um clamor de urgência era ponto comum nas discussões e nas implantações das novas metodologias pastorais, a saber: uma pastoral voltada especificamente para as famílias. Não apenas uma no sentido unitário, mas no sentido de um conjunto de serviços, ministérios e pastorais propriamente ditas, voltadas para a realidade das famílias no mundo, centradas no chão concreto de milhões de lares, inclusive não cristãos, a fim de lhes ajudar na caminhada de santificação diária, como também na superação das dificuldades próprias dessas unidades sociais. A partir das constatações da realidade, sugerir caminhos de aprofundamento intelectual e espiritual. E, a esse respeito:

O Concílio Vaticano II inclui o tema do matrimônio e da família entre “as necessidades mais urgentes deste tempo”.⁶ O juízo que se faz na constituição *Gaudium et Spes* sobre a situação do matrimônio e da família na sociedade de hoje é animado pela confiança nas vantagens que a civilização atual oferece para o desenvolvimento da pessoa e da sociedade, mas aponta com precisão algumas feridas que se descobrem nela em relação com as instituições do matrimônio e da família (FLÓREZ, 2008, p. 299).

Era muito urgente que a Igreja, oficialmente, voltasse seu olhar materno para a realidade

⁶ Especialmente na Constituição dogmática *Gaudium et Spes* a Igreja renova sua missão de cuidadora e mantenedora da fé das famílias cristãs, ajudando-as a trilhar seu caminho de salvação de si mesmas e do mundo, mostrando a importância dessa colaboração na obra redentora do mundo e da criação inteira.

de milhões de famílias pelo mundo, especialmente no período pós-Segunda Guerra, acolhendo as angústias e vicissitudes de casais cristãos e ajudando-os em sua missão evangelizadora e santificadora dos lares e do mundo inteiro. A realidade do mundo, já naquela época, apontava para grandes mudanças sociais e existenciais, mostrando um movimento muito ativo do mundo e outro pouco interessado da Igreja. Daí a urgência e a enorme necessidade de formar frentes de estudo e espiritualidade para conduzir e orientar os casais e as famílias cristãs. Assim, lemos na Constituição Pastoral:

A família - na qual se congregam as diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social - constitui assim o fundamento da sociedade. E por esta razão, todos aqueles que têm alguma influência nas comunidades e grupos sociais, devem contribuir eficazmente para a promoção do matrimônio e da família (GS 52).

Quando nos deparamos, no serviço pastoral eclesial, com a realidade das famílias na atualidade, percebemos a variada gama de situações de conflito e de ruído espiritual que as assola e ameaça de dissolução. A pós-modernidade traz em seu bojo a promessa de uma sociedade de múltiplas oportunidades, de intensas e cativantes promessas de liberdade irrestrita, de distanciamento das responsabilidades e secularismo sem limites. É nesse cenário que a pastoral voltada às famílias tem que agir e interagir para semear a Boa-Nova e cumprir o mandato evangélico, levando esperança aos que estão distantes de Cristo, ou que, mesmo querendo estar perto, não sabem como fazê-lo. Sobre algumas possíveis dificuldades, alertamos Gonzálo Flórez:

As maiores dificuldades que a Igreja encontra hoje para que o comportamento dos fiéis corresponda às exigências do modelo cristão de matrimônio provêm das condições socioculturais nas quais vive atualmente a comunidade eclesial. [...] O problema é mais preocupante se consideramos que a formação cristã, na maioria dos fiéis adultos, é muito fraca e que a fé da maioria dos fiéis não se apoia em convicções firmes. Diante desse panorama, a primeira das tarefas pastorais em relação ao projeto cristão de matrimônio e de família é a de educar e formar na fé aqueles que um dia deverão contrair o sacramento do matrimônio (FLÓREZ, 2008, p. 307).

É necessário, no entanto, refletir sobre a natureza do serviço pastoral que se espera para as famílias hoje. Como um todo, a pastoral neste tempo não pode ser, de forma alguma, pautada sobre dogmatismos e prescrições jurídicas, mas, antes, pautada pela capacidade de acolher os fiéis em suas situações concretas, incluindo quando estão trilhando caminhos opostos aos propostos por Cristo e pela Igreja. Descendo ao nível dos interesses ou objetivos particulares da pastoral na atualidade, chegando no nível da família, se faz necessário também essa capacidade de acolhida inicial daquilo que soe um tanto diferente do desejado. Aqui reside o

espírito de Cristo operando no serviço pastoral. Acolher para favorecer um outro olhar sobre a própria vida e sobre a caminhada feita.

Colocando-nos no lugar de Jesus, se agimos em nome d'Ele, certamente sabemos como Ele o faria. Daí, então, os passos iniciais estão dados, restando aos discípulos e missionários, aos agentes de pastoral, especialmente os ligados ao serviço familiar, desenvolver o diálogo e a caminhada necessários para o alcance pastoral das famílias, especialmente as que estiverem sob o perigo da dissolução frente às dificuldades e incitamentos de nossos tempos.

A acolhida e a aceitação da situação inicial em que se encontrarem as famílias, entretanto, não significam em absoluto uma postura permissiva da pastoral, de modo a comprometer a seriedade do serviço e da verdade comunicada. O que se espera é que a acolhida sirva para criar o ambiente propício para o agir segundo o Mestre, ou seja, ensinar a fazer fazendo. Mostrar a alegria de uma vida segundo os desígnios do Salvador e em conformidade com o ordenamento eclesial. Como já mencionamos acima, fazer do agir correto o ponto de chegada, não o de partida.

Dessa forma, de acordo com Agenor Brighenti, a Igreja, enquanto instituição divina e humana, é também fator cultural. Consequentemente, a ação pastoral, ainda que permeada pela graça e sob o dinamismo do Espírito Santo, não deixa de ser uma ação humana, sujeita às contingências de qualquer ação. Assim:

Ao responder pastoralmente aos desafios de seu contexto, inevitavelmente irá configurar determinados “modelos” de ação, que, por sua vez, têm subjacentes diferentes “modelos” eclesiológicos. O peregrinar da Igreja na história nos mostra essa contingência, que, longe de ser um limite, livra-a de ser uma ideologia (BRIGHENTI, 2006, p. 19).

Experiências feitas fora dessa lógica eclesial se mostraram verdadeiros desastres no trato com os destinatários da missão da Igreja. Abordagens invasivas e sem nenhum tipo de metodologia pastoral que visassem à acolhida das pessoas envolvidas trouxeram o efeito reverso, ou seja, em vez de atrair para o seguimento de Cristo, tornaram as pessoas bem menos receptivas ou mesmo contrárias aos caminhos propostos, pois viam neles uma imposição quase jurídica ou dogmática, vias discursivas condenatórias e um verdadeiro cabedal de moralismos incompatíveis com seus estilos de vida. Eis que proceder a uma reparação dessa natureza custa tempo e esforços mil, para reconquistar a confiança perdida por parte dos destinatários da missão, como também um dinamismo, uma disposição e ânimo pastoral extras por parte dos responsáveis pela ação pastoral.

Especialmente no contexto da América Latina, essa ação pastoral deve ser implementada no viés exposto da conciliação inicial de estados de vida, testemunho operante

positivo e utilidade de ações, a fim de chegar àqueles que precisam de referenciais saudáveis para levar à frente a realização de sua vocação cristã à felicidade e à vida plena. Sobretudo em nossos tempos, a Igreja cada vez mais nos encoraja a esse tipo de atividade de discipulado nas mais variadas frentes de trabalho que têm como objetivo a implantação do Reino de Deus ainda entre nós, nos preparando para o futuro escatológico. Nesse sentido, nos mostra Ney de Souza:

O amor-caridade concretizado é sinal da identidade cristã e a experiência-limite da solidariedade, tal como se concebe na sociedade moderna a atualização da caridade. Aí está a forma fundamental de uma relação que se propõe na ótica do Evangelho: só é possível se o eu e o outro comunicam entre si o mais profundo da sua realidade. O amor para com o outro é traduzido em respeito, afirmação, promoção e responsabilidade para com sua vida e dignidade. O respeito pelo outro, diferentemente da intolerância reinante em muitas profissões de fé atuais, é a tradução mais exata do imperativo bíblico veterotestamentário de não matar – que não é pura negação do eu, mas uma contundente afirmação da vida do outro ser humano (SOUZA, 2007, p. 139).

É imprescindível que uma abordagem pastoral que vise à família cristã como ponto de chegada deva partir da família que se encontra no mundo real, com todas as dificuldades próprias do tempo vivido, bem como a intenção de conformar-se a Cristo e seus desígnios. Experiências vazias de sentido e significado são vislumbradas diariamente na sociedade e não incitam adesão, exatamente porque não apontam para uma vida minimamente coerente. Uma pastoral realmente familiar deve agregar grupos, movimentos, serviços e ministérios eclesiais dispostos a fazer a experiência de sentir o que as famílias da vida real sentem, passar pelo que elas passam, fazer-se um a exemplo do próprio Mestre. É justamente dessa visão do lugar de fala das famílias no mundo de hoje que os braços da Igreja podem abraçar e guiar os casais e famílias cristãs.

Por outro lado, um casal ou uma família que não consegue ver coerência e a presença de Cristo em agentes pastorais e demais integrantes de grupos e movimentos, não vai se sentir seguro o suficiente para se abrir à mensagem e ao propósito anunciado. Lembremo-nos das primeiras comunidades cristãs em contexto de perseguição, onde não se podia falar abertamente de Cristo e de seus ensinamentos, mas apenas pelo testemunho de vida dos cristãos. Outrossim, a necessidade de movimentos e pastorais bem formados e com capacidade de acolhida e escuta, pois grandes são as necessidades dessas presenças na sociedade atual. Portanto, o entendimento dos reais desafios faz com que as respostas cristãs sejam apropriadas e renovadoras:

Em cada época, a Igreja depara-se com desafios concretos a responder. Ela o faz dentro das condições e dos parâmetros culturais de cada época, o que acaba configurando “modelos” de ação e de Igreja distintos. A rigor, existe um único modelo, normativo para todos os tempos, distante do qual a Igreja deixa de ser a verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Mas esse único modelo, de acordo com o

modo de ser e de viver a fé em diferentes contextos, acaba configurando-se de modos distintos (BRIGHENTI, 2006, p. 39).

Há que se esclarecer, ainda, que essa presença não é de ordem assistencial ou caritativa, a não ser que também haja a necessidade. Há de ser uma presença que estimule a consciência cristã em casais e famílias de modo geral, com especial atenção às questões de demandas mais incidentes hoje em dia, como a necessidade da formação para uma espiritualidade cristã do matrimônio e da vida conjugal, da educação cristã dos filhos, do ordenamento relacional dos esposos através do respeito, do amor de comunhão e do sentimento de pertença à obra da salvação. A Igreja parte, dentre outros, do pressuposto de que:

A família deve ser, antes de tudo, a grande educadora do homem e da sociedade, partindo daquilo que somente ela pode dar e pode dar em abundância: o exemplo vivo de um amor fiel, alegre e esforçado, a prova diária de uma dedicação generosa, amorosa e sacrificada, a mostra palpável de que o mal não tem vez quando a vontade do bem não tem limites, o sinal real de que o amor e a graça de Deus se superpõem sempre às forças do mal (FLÓREZ, 2008, p. 314).

Os movimentos e pastorais em geral que assim direcionam sua presença acolhedora e animadora da vida cristã demonstram que não estão falando de uma coisa da qual não têm conhecimento, mas falando da própria vida e experiência cristã. Mostram que não há receitas mágicas nem metodologias mirabolantes, a não ser o amor a exemplo do amor de Jesus pela sua esposa mística, a Igreja.

É como o próprio Senhor fazia: Ensinar a fazer fazendo por primeiro, acolhendo, admoestando, ensinando, apontando possibilidades de diálogo e discussão de temas de relevância para a vida a dois nos moldes cristãos e para a formação e educação de uma família gerada no amor, no compromisso, na compreensão, na abertura e expansão das consciências, tendo como referencial principal a comunidade Trinitária, a Sagrada Família, o amor de Cristo pela Igreja.

Através do entendimento deste amor dilatado e inclusivo de Deus, Ney de Souza traz a compreensão não dissociativa do amor de Deus e aos irmãos: “O amor de Deus é inseparável do amor aos irmãos. No cristianismo, não existem dois amores, pois o amor a Deus passa sempre pelo amor aos irmãos” (SOUZA, 2007, p.117). Os relatos dos Evangelhos deixam transparecer que os discípulos nunca chegaram a entender muito bem a proposta do Reino, o compromisso com a missão e muito menos o fracasso da cruz. Mas tinham uma qualidade inegável: eram amigos de Jesus. Desta forma, por carinho e admiração estavam dispostos a dar a vida por ele. A partir dessa disposição, Jesus foi-lhes revelando os segredos do Reino e os compromissos da missão.

Eis que uma abertura grande se deu no período conciliar, e a Igreja também reconheceu movimentos já iniciados, mesmo que particularmente em alguns países ou dioceses, ao redor do mundo. Assim, inúmeras iniciativas de pastores e demais religiosos em salvaguardar a origem e a missão sagradas da família receberam grande impulso e incentivo dado pela própria Igreja. A partir do diálogo e das especificidades de cada situação pastoral encontrada ou tida como carisma a ser desenvolvido, esses movimentos partiam da realidade concreta dos casais e das famílias em busca de sentido para suas escolhas de vida.

Aqui entram em cena, juntamente com tantos outros movimentos que já existiam e que agora ganhariam maior impulso, as Equipes de Nossa Senhora, em ação desde os anos 1940, para avivar e servir de fonte de estudo, inspiração de vida e espiritualidade na realidade dos casais e das famílias cristãos. Vivenciar a realidade das famílias em suas alegrias e dificuldades, sendo braço que acolhe e motiva a continuidade, mostrando possibilidades de seguimento e maneiras de compreender o amor cristão.

Assim, toda uma atenção especial há de ser dada não apenas à manutenção daquelas famílias que estejam na caminhada cristã e na construção de seus valores, mas também àquelas que se encontram na carência dessas estruturas. Há aqui a consciência de que é preciso fornecer substrato intelectual, espiritual e doutrinal, nessa ordem, para estabelecer condições mínimas para o decurso do projeto familiar à luz do Evangelho e do seguimento cristão. Essa é uma premissa valorizada pelo Vaticano II, formar as pessoas para o seguimento de Jesus conferindo-lhes, a partir de sua vocação, uma sua missão específica. Sobre estas etapas, no que é pertinente aos esposos, descreve a *Gaudium et Spes*:

Os esposos cristãos são fortalecidos e como que consagrados em ordem aos deveres de seu estado por meio de um sacramento especial. Cumprindo, graças à força deste sacramento, a missão conjugal e familiar, penetrados do Espírito de Cristo que impregna toda sua vida de fé, esperança e caridade, avançam na própria perfeição e mútua santificação e cooperam assim, juntos, para a glória de Deus (GS 48).

Essa é uma realidade por demais interessante e eficaz em tempos como os nossos. Ir ao encontro das pessoas com as quais queremos partilhar a alegria e a riqueza do discipulado de Cristo e da concomitante corresponsabilidade com os irmãos, com a Criação, trabalhando, no dizer de São João Paulo II⁷, no seio da célula fundamental da sociedade, a saber, a família.

⁷ São João Paulo II, no ano de 1994, Ano da Família, fala sobre os perigos de famílias imersas no mundo sem referenciais sólidos, especialmente por parte da Igreja. E recorda a responsabilidade da sociedade na atenção e manutenção da família, exatamente por conta de sua relevância enquanto Instituição Social e, também, religiosa. Na Carta *Gratissimam Sane*, afirma que “A família constitui a ‘célula’ fundamental da sociedade. Mas tem necessidade de Cristo — ‘videira’ da qual os ‘ramos’ extraem a linfa — para que esta célula não fique exposta à

Dentro dessa realidade, promover o seu desenvolvimento integral, observando e respeitando todas as dimensões constitutivas do ser humano nesse processo de condução à vida cristã.

Na concepção de Ney de Souza, na constituição da vida cristã não pode haver compartimentações e rupturas, mas uma integração entre os valores espirituais e a soma de ações capazes de transformar a realidade social. E, por isso, admitir e assimilar essas acepções significa assumir as tarefas de servir, anunciar, dialogar, denunciar, promover e testemunhar a comunhão. Em suas orientações, a Igreja exprime essa constituição de um Povo de Deus, a serviço de seu Reino de amor, justiça e verdade. “É uma consciência cujas consequências são uma evangélica opção pelos pobres e uma práxis de comunhão, participação, libertação, anúncio e denúncia de injustiças estruturais opressivas, numa dimensão profética e libertadora” (SOUZA, 2007, p. 237).

O ponto de partida é a promoção de valores religiosos e humanos. Há a percepção de que muitos casais e famílias inteiras, devido ao fluxo da vida na pós-modernidade, se afastam dos valores fundamentais da vida: respeito, solidariedade, diálogo, amor, observação de parâmetros doutrinários, formação espiritual, transmissão de valores morais e éticos. Esses aspectos são de fundamental importância para, antes de qualquer outro elemento, formar pessoas de bem, honestas, éticas, humanas e solidárias. Infelizmente, há inúmeros contextos familiares em que tais valores estão ausentes e, por isso, a convivência se torna um fardo que nem sempre é tolerado por muito tempo, causando cisões, intrigas e a separação da família em sua totalidade. Nessa linha de reflexão, a Doutrina Social da Igreja nos lembra:

Uma sociedade à medida da família é a melhor garantia contra toda a deriva de tipo individualista ou coletivista, porque nela a pessoa está sempre no centro da atenção enquanto fim e nunca como meio. É de todo evidente que o bem das pessoas e o bom funcionamento da sociedade, portanto, estão diretamente conexos “ao bem-estar da comunidade conjugal e familiar”. Sem famílias fortes na comunhão e estáveis no compromisso, os povos se debilitam. Na família são inculcados, desde os primeiros anos de vida, os valores morais, transmitem-se o patrimônio espiritual da comunidade religiosa e o cultural da nação. Nela se dá a aprendizagem das responsabilidades sociais e da solidariedade (CDSI, 211, p. 131).

Os valores religiosos agem em concordância com os valores humanos. A recuperação da dignidade humana abre portas ao reconhecimento da realidade religiosa que abrange todos os seres humanos. Um indivíduo sem dignidade não encontra forças nem sentido para buscar

ameaça de uma espécie de desenraizamento cultural, que pode vir tanto do interior como do exterior” (cf. n. 13). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families.html. Acesso em: 17 jun. 2021.

uma formação ou realização religiosa dentro de seu projeto de vida. A lógica dessa ausência é, por não haver realização humana, não haver também interesse no religioso. Ainda mais, se o humano não está valendo a pena, há uma resistência ou desistência do âmbito transcendente, como se a situação concreta fosse resultado do abandono do ser humano por parte de Deus. Então, se Deus não me ajuda, por que haveria eu de segui-lo, aceitá-lo ou contar com Ele?

Sabemos que, antropológicamente, o ser humano é religioso por natureza e essa realidade não se modifica, nem mesmo nesses tempos globalizantes. Exatamente por isso, quando não entendemos ou aceitamos essa natureza religiosa e, consciente ou inconscientemente, tentamos dissuadir essa nossa dimensão, o vazio espiritual se faz notar e repercute em todas as outras áreas de nossa existência. Dentro da lógica de formar pessoas de bem e, conseqüentemente, seguidores de Jesus, o pressuposto da religiosidade inata deve guiar a formação religiosa presente nas pastorais que cuidam especificamente das famílias. Nesse sentido, Agenor Brighenti traz sua contribuição reflexiva:

A razão é o horizonte do Reino de Deus, que vai além das fronteiras da Igreja, bem como da autonomia do temporal, no emaranhado das relações de poder e das estruturas da organização social e do trabalho. Perder de vista esses elementos é passar por cima de antagonismos históricos concretos, responsáveis por um mundo de crucificados. Sem conhecer os aspectos antropológicos e culturais, assim como os mecanismos estruturais que geram exclusão, os excluídos serão vistos como uma categoria genérica, sem rosto (BRIGHENTI, 2013, p. 668).

Essa formação deve ser centrada na doutrina e no Magistério eclesiais e colocadas para as pessoas como algo que faça sentido e complemente sua vida, bem como se faça perceber em frutos na vida cotidiana nos mais diferentes espaços e ambientes que se encontrem, tanto os membros dessas individualmente como coletivamente. É a formação religiosa que se faz presença e atitude condizentes com as de um filho de Deus, consciente de seu lugar e de seu papel na sociedade e na obra criada, em que se perceba a relevância desse comportamento orientado pela reta observância dos aspectos doutrinários da fé vivenciada, sem demonstrar peso ou sacrifício no pior sentido das palavras. Essa vivência, inclusive, é via de testemunho prático do seguimento de Cristo Jesus.

Há que se ter cuidado, no entanto, com modelos e instituições que realizam essa formação de maneira desordenada ou exagerada, pautadas por rubricismos e interpretações equivocadas dos compêndios doutrinários, ou mesmo seguindo a modismos religiosos que dão visibilidade a seus seguidores, não por testemunho, mas por exposição e propaganda enganosa. Um cristianismo que assim é vivido não faz com que as pessoas adiram a Cristo, mas, antes, espantam aqueles que já estão saturados dessas atitudes nas pessoas do mundo e não suportam

ver a mesma idiosincrasia naqueles que se dizem fiéis.

Encontramos em nossas realidades pastorais locais muitas “novidades” em se tratando de movimentos que cuidariam pastoralmente das famílias e que realizam um desserviço ao Povo de Deus. Modismos e interpretações errôneas da doutrina e do Magistério povoam a práxis desses grupos que não demonstram qualquer sinal de colegialidade com a Igreja e agem aos moldes de cismáticos e rubricistas sem conhecimento teológico, podendo ocasionar imensos prejuízos sociais, religiosos e espirituais de modo geral. É necessário sempre estar ligado à Igreja, não apenas no nome, mas na prática concreta cotidiana, não indo de encontro àquilo que a autoridade eclesiástica prega ou permite. Sobre essa questão, destacamos:

As instituições mais severamente solapadas pelo novo individualismo moral próprio da cultura atual foram a família tradicional e as Igrejas organizadas, as quais sofreram desabamentos impressionantes no último terço do século XX. De fato, podemos afirmar que estamos em uma época de “desafeição eclesial”. Surge, hoje, um novo tipo de cristão, ou seja, o cristão não-eclesial, fruto da sociedade moderna marcada pelo processo de industrialização e urbanização. No entanto, não existe cristianismo autêntico sem Igreja [...] (CIPOLINI, 2007, p. 68).

Essa prática, em vez de gerar pertença e conhecimento, propicia a separação entre as pessoas a partir de fundamentos puramente ideológicos e narcisistas. Infelizmente, nem tudo que ostenta o nome de “Familiar” ou “Família” realmente faz de seu objetivo o objeto de sua missão. Isso se dá não apenas em relação às pastorais, serviços e ministérios destinados à família, mas encontramos diversos tipos de, como já dissemos, desserviço à Igreja, ao Reino e ao próprio Senhor Jesus. Mais uma vez frisamos a importância de estarmos ligados a movimentos oficializados pela Igreja e comprovadamente a serviço da implantação do Reino. Contudo, Cipolini ajuda-nos na compreensão das nuances que pautam a reflexão em cada fase daquele momento histórico:

A subjetividade foi o núcleo da Modernidade, e agora o individualismo é o núcleo da Pós-Modernidade, o fruto dessa situação é o relativismo crescente em todos os campos. Como consequência, a religião foi confinada ao âmbito do individual, sofrendo os efeitos do mercado. A inspiração cristã foi substituída pelas ideologias que mostraram sua falência com o fim das utopias (CIPOLINI, 2007, p. 69).

Assim, toda a ação eclesial deve estar atenta a esses sinais de separação e não correspondência com o itinerário pastoral desejado, a fim de evitar os problemas supracitados, bem como buscar sanar as feridas causadas pelos sinais a que nos referimos tratando desses movimentos separatistas ou mal-intencionados. Muitos podem se perguntar se esses seriam, de fato, os únicos entraves à uma práxis pastoral frutuosa em relação às famílias. Não. Afinal,

temos plena consciência da gama de situações vivenciadas pelos homens e mulheres de nosso tempo, como também da urgência de a Igreja se colocar acerca dessas mesmas situações, incluindo uma atitude de estudo e discussão dos referidos temas, a fim de melhor se preparar para o encontro com os destinatários de nossa missão pastoral.

Essa realidade sendo diversa, também o entendimento e a preparação da Igreja devem ser diversos, respeitando as particularidades das pessoas em sua composição e formação, mas podendo propor ajustes e ajudas em diversos campos inerentes à vida humana em sua integralidade, visando ir ao encontro dos seres humanos em sua inteireza, desejando salvá-lo por completo, em sua totalidade de seres humanos e de filhos do mesmo Pai de amor.

Outra vez, aqui, destacamos o desinteresse por parte da Igreja de ações proselitistas e de caráter propagandista ou comercial, mas, exclusivamente a inserção das pessoas em um nível de vida com dignidade e humanidade, que condigam com a nossa realidade de filhos amados de Deus e constituídos à sua imagem e semelhança. Assim, o foco está em, a partir do que destacamos aqui, entender que:

A mensagem cristã oferece uma visão universal da vida dos homens e dos povos sobre a terra, que leva a compreender a unidade da família humana. Tal unidade não se deve construir com a força das armas, do terror ou da opressão, mas é êxito daquele supremo modelo de unidade, reflexo da vida íntima de Deus, uno em três pessoas, ...que nós cristãos designamos com a palavra 'comunhão' e uma conquista da força moral e cultural da liberdade (CDSI, 211, p. 131).

Toda tarefa humana precisa de referenciais sólidos, de itinerários coerentes e de objetivos claros e eficazes. Assim sendo, a tarefas das pastorais, serviços, ministérios e movimentos eclesiais que intentam trabalhar a partir da realidade das famílias da atualidade têm que ter com muita clareza esses elementos, sob o risco de não levarem a termo seu serviço, ao menos do modo como deseja ou requer a Igreja. Planejar e estruturar as atividades levando em conta a realidade concreta em que se vive é um primeiro passo para exercer o mandado salvífico de ir ao encontro das pessoas, especialmente as mais afastadas, e mostrar-lhes a possibilidade do seguimento a Cristo como sentido de vida.

O ponto de partida é sempre a realidade dos destinatários da missão, seu modo de vida, suas condições socioeconômicas, seu contexto cultural e político, a fim de não se iniciar um trabalho sem conhecer o terreno onde este vai acontecer. Essa tomada de consciência acerca da realidade das pessoas com as quais se vai trabalhar é de profunda importância, pois a partir dessa constatação a missão eclesial irá lançar as bases de sua ação, o que tornará o serviço exitoso ou não, no caso, de as bases não serem suficientemente sólidas. Conhecer o cotidiano dessas pessoas, no caso as famílias e os casais cristãos com os quais se deseja contato e

alinhamento pastoral, é a chave para todo o restante do trabalho. Há ainda, segundo Brighenti, algo que merece uma atenção especial:

A identidade do ser humano se tece na conjugação harmônica entre sua natureza individual e social. Desfaz-se essa harmonia quando a pessoa se fecha no egoísmo ou se deixa absorver ou é agredida pelo universo exterior. A pessoa se afirma pelo dom da vida e os vínculos se estreitam quando, através deles, cresce a pessoa. Individualismo, desenraizamento cultural pela migração ou êxodo, ecletismo religioso, relativismo ético etc. são sintomas de perda de identidade (BRIGHENTI, 2006, p. 160).

Não há sentido em iniciar um contato pastoral, missionário e/ou evangelizador que destoe da concretude da vida das pessoas comuns, dando-lhes a impressão inicial de que aquilo que lhes é oferecido não é alcançável ou que não o merecem. Com o exemplo de tantas iniciativas mal planejadas, a ação eclesial que assim procede não consegue chegar “ao outro”. Conforme já nos referimos anteriormente, as linhas doutrinárias, jurídicas e normativas não podem ser colocadas como ponto de partida para quem não as conhece ou está delas afastado. Elas devem sempre estar presentes, sob o risco de invalidar a ação eclesial sem seus referenciais, mas deve estar implícita e ser mostrada como alvo a ser atingido, alvo esse possível e acessível a todos aqueles que se dispuserem com boa vontade.

O cenário mais que propício para a aplicação, tanto das atividades pastorais quanto dos recursos humanos e espirituais empregados nessas atividades com as famílias, é o da maturidade afetiva. Queremos nos referir aqui ao nível de comportamento afetivo de homens e mulheres que permita o entendimento do que se propõe o serviço pastoral dedicado às famílias e aos casais cristãos. Sendo a afetividade um dos contextos referenciais do ser humano, um dos maiores desafios de nosso tempo é o desenvolvimento dessa afetividade de modo a favorecer e ajudar o crescimento do ser humano por inteiro e a maneira mais completa possível. O Fator da mútua aceitação, segundo Rubio, como um passo importante no caminho do convívio e relação com os diferentes:

A pessoa, nas suas relações interpessoais, se abre aos outros seres humanos, respeitados e aceitos como diferentes. O homem que reconhece e aceita a mulher como diferente e vice-versa. O pai e a mãe aceitam o filho e a filha como diferentes, como outros seres respeitados e valorizados. Uma vez que a criatura humana é necessitada e carente, ele espera encontrar alguma resposta e alguma reciprocidade nas suas relações com os outros. Todavia, no primeiro plano, está a pessoa do outro. É superada, assim, a tentação de ‘coisificá-la’ e de instrumentalizá-la (RUBIO, 2006, p. 38).

No âmbito maior da sexualidade, que envolve todas as dimensões constitutivas da pessoa humana, a afetividade é o lócus da vivência plena dos valores humanos e, por consequência, dos valores cristãos como seguimento do próprio Cristo, que sempre vivenciou

sua afetividade em relação aos irmãos e irmãs de maneira plena e sublime. Seguindo esse modelo de equilíbrio e ideal cristão, os serviços pastorais que servem às famílias devem ter a devida preocupação com a formação que vise alimentar essa maturidade afetiva, fazendo-a crescer e frutificar, especialmente na continuidade das famílias, filhos, netos e demais descendentes. E, caso não haja nas realidades abordadas, fomentá-la e testemunhá-la de modo a torná-la desejada.

O ponto de partida seria o que podemos chamar de subjetividade aberta, isto é, a consciência de que precisamos trabalhar e alimentar nossa capacidade de convivência e aceitação do outro como outro de nós e, assim sendo, cuidar desse outro como cuidaríamos de nós mesmos ou desejaríamos ser cuidados. O entendimento de que precisamos ser cuidados da melhor maneira possível, com carinho, respeito, atenção e amor deveria nos fazer ter as mesmas atitudes em relação aos outros nossos irmãos e irmãs. E, dentro da especificidade de nosso itinerário, esses sentimentos e atitudes deveriam ser aqueles cultivados e partilhados por esposos e famílias que se querem ver à imagem do Senhor Jesus no mundo. Assim:

Na subjetividade aberta, o ser humano vivencia a alteridade, isto é, o reconhecimento, a aceitação e a valorização do outro como outro, na sua diferença. Comporta superação do medo do que seja diferente e do narcisismo. Na relação com Deus, a pessoa é capaz de abrir-se à sua novidade, de aceitar a sua transcendência e de acolher a sua interpelação. Supera a tentação de medir Deus segundo a expectativa humana. Deus não é manipulado nem instrumentalizado. Na relação com ele, o ser humano pode encontrar resposta às carências do ser criado (RUBIO, 2006, p. 38).

Usualmente, o entendimento de sexualidade fica aquém de seu real significado e potência dignificadora da realidade humana. Muitas vezes tido como sinônimo de genitalidade, fica nublado quanto ao seu real papel dentro das relações, especialmente as conjugais e familiares, obliterando o amor de Deus pelos seus filhos e filhas. Bem compreendida, é um suporte sem tamanho para o entendimento das diferenças próprias entre seres humanos e de suas vicissitudes individuais, porta de entrada para uma afetividade sensata e bem vivida entre os casais e as famílias cristãs para o desenvolvimento de suas jornadas humanas e espirituais, seja no âmbito individual de suas identidades particulares, seja na partilha amorosa da vida enquanto família.

A falta dessa consciência é bem perceptível nas realidades familiares que encontramos hoje em dia, especialmente nos lares que não têm nenhum referencial religioso. Há uma desagregação tida como normal e como sinal da evolução natural da vida em sociedade que se confunde com o cotidiano das famílias, fazendo-as perecerem de males ligados à fragmentação e à indiferença. Uma “naturalidade” que não é natural, afinal, mas sinal da falta de entendimento

acerca do que compõe a vida humana em níveis de realização, felicidade, amor e afeição aos planos de Deus. E, sobre esse ponto, de maneira bastante prática Rubio diz:

[...] A sexualidade tenderá a ser vivenciada na aceitação do próprio limite e na abertura agradecida ao ser sexuado do outro, reconhecido como diferente. Esta experiência está enraizada no amor criador e salvador de um Deus que precede, fundamenta e dá vida a todo amor humano. A sexualidade deve ser valorizada, pois é uma dimensão fundamental do ser humano. Trata-se de uma riqueza a ser integrada no projeto pessoal de vida. Integrada, não negada nem reprimida. Não há porque ter medo da sexualidade. Todavia, importa muito não ser ingênuo, pois a sexualidade é fortemente ambígua, sendo necessário todo cuidado para que não descambe para a instrumentalização do outro, tornando-se, assim, desumanizante. Do medo da sexualidade, é fácil passar a uma vivência da sexualidade vista como um fim em si mesma (RUBIO, 2006, p. 111).

Essa afetividade amadurecida deve estar presente nos serviços pastorais e de evangelização, a fim de que os destinatários desses serviços se sintam confiáveis em partilhar suas vidas com os agentes que vão ao seu encontro. Essa relação de confiabilidade é a premissa principal para as relações que se pretendem firmar em busca do objetivo comum da causa da missão. Como levar uma realidade aos que dele necessitam se não se vive essa mesma realidade como testemunho de vida? Daí a necessidade dessa coerência diante da vida e dos irmãos e irmãs que se vão encontrando no caminho e a caminho dentro da proposta de atenção pastoral e do cuidado zeloso com o Reino.

Tendo como objetivo o engajamento da pessoa por inteiro no caminho do seguimento a Jesus, o trabalho pastoral deve se preocupar e se integrar com a pessoa inteira. Nada que faça parte da realidade da pessoa humana, seja no nível material, dos excessos e carências, no nível existencial, ligado ao psiquismo e à espiritualidade, seja no nível da realidade familiar concreta deve estar ao largo do entendimento da Igreja e dos agentes dos serviços pastorais. O encontro com o outro deve ser feito na realidade em que o outro se esteja, a fim de criar uma consciência ampliada da situação real atual e, a partir das propostas existenciais feitas, a consciência da vida poder ser transformada e potencializada gradativamente. Desta forma, podemos então inferir que:

A íntima relação entre evangelização e maturidade afetiva fica mais evidente quando se considera o dinamismo presente em toda a vida de Jesus Cristo. Deus mesmo, o Deus-ágape, vem ao nosso encontro mediante Jesus Cristo, tornando-se um de nós e participando da condição humana, “provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4,15). O Deus criador-salvador revelado no Antigo Testamento se autocomunica mediante Jesus Cristo. Alguém que é de “condição divina” vive um profundo esvaziamento, assumindo a “condição humana” (Cf. Fl 2,6ss). Não fica fechado numa esplêndida autossuficiência, mas vive um desprendimento bem real a possibilitar uma encarnação também real. Este dinamismo constitui a atitude

fundamental que a comunidade cristã é chamada a vivenciar com prioridade (Cf. Fl 2,5). É o dinamismo básico que deve nortear o trabalho evangelizador (RUBIO, 2006, p. 111).

Esse amadurecimento do ser humano deve se dar em todas as dimensões que o constituem sendo, ao menos, despertado para isso em suas atribuições cotidianas. É claro que essa maturidade não será alcançada por todos nem ao mesmo tempo ou na mesma intensidade exatamente pelas diversidades da criação de Deus. Mas ao menos em consciência ela deve estar colocada como meta de todos e em todas as atividades humanas. Não sendo mais, portanto, desconhecida dos indivíduos, essa maturidade será de preponderante importância para o crescimento do atendimento às famílias e para uma melhor estruturação entre seus membros.

O caminho a ser trilhado, portanto, por qualquer movimento ou serviço pastoral, que intente servir aos casais e às famílias cristãs, deve estar bem estruturado e alicerçado sob os mais diversos aspectos constitutivos da realidade humana dentro da sociedade atual⁸. Esse encontro imprescindível só terá bom termo se estivermos atentos às principais necessidades de homens e mulheres de nosso tempo. Observando particularidades étnicas, culturais, sociais, religiosas mas, sobretudo, atentos aos sinais dos tempos e dispostos a dialogar com esses mesmos sinais, a fim de que, a exemplo da práxis do próprio Jesus, possamos nos fazer um com aqueles nossos irmãos e irmãs que tanto carecem de nossa presença referencial cristã, especialmente os mais necessitados e excluídos sob os padrões comportamentais de nossa sociedade tão ferida e fragmentada, correndo grave risco de perder-se dentro de seus próprios desejos e vicissitudes.

Dentro das reflexões e inferências que fizemos, podemos notar a estrutura complexa de um serviço pastoral que se disponha a acompanhar e orientar grupos específicos dentro da Igreja, sempre numa perspectiva de ajuste de conduta mediante o oferecimento da possibilidade de configuração da vida cotidiana à luz do que fez o Divino Mestre a partir do cotidiano concreto dos destinatários da missão, sem romantizações e sem proselitismos. É o oferecimento de um estilo de vida que reconheça e valorize a dignidade da vida humana à imagem e semelhança de Deus.

Nos moldes que ensinou o próprio Jesus, é ensinar a fazer fazendo, construindo uma “pró-existência”, ou seja, viver através do e pelo irmão, de maneira mais que especial aquele

⁸ Marciano Vidal, teólogo da Moral, em seu livro: Matrimônio: Entre o ideal cristão e a fragilidade humana, traz uma abordagem que pode referenciar nossa argumentação. Ele parte das "perspectivas teológicas", apoiadas nas Sagradas Escrituras; passa pela análise do "ideal do casal conjugal", recorrendo aos fatores básicos da conjugalidade, do amor e da sexualidade. Assim, o autor consegue, sem rebaixar o ideal de união conjugal, contemplar a fragilidade humana, servindo-nos como referência.

ou aquela que mais precise. A vida inteira de Jesus não foi vivida para si mesmo, mas pelos irmãos. Por eles, por nós, sua vida foi entregue. Para que tivéssemos vida plena ele sacrificou a sua. Não a contragosto, mas em sinal de obediência, de amor. Um amor tão intenso que a maioria dos homens não conseguiu entender e ainda hoje causa escândalo e perplexidade diante de atitudes semelhantes às suas. A estratégia é exatamente esta: acolhimento, testemunho, oferecimento, acompanhamento e orientação. Outro passo ainda precisa ser dado, segundo Brighenti:

No âmbito da pessoa, a ação pastoral contempla um amplo leque de ações, umas básicas e permanentes, outras mais emergentes, segundo contextos e épocas. [...] Sem dúvida, o grande desafio atual consiste na reconstrução da identidade pessoal e na conquista de uma liberdade autêntica na sociedade consumista. [...] A identidade do ser humano se tece na conjugação harmônica entre sua natureza individual e social. Desfaz-se essa harmonia quando a pessoa se fecha no egoísmo ou se deixa absorver ou é agredida pelo universo exterior (BRIGHENTI, 2006, p. 159).

O acolhimento da pessoa por inteiro e em sua realidade existencial, sem proceder a juízos de valores, mas, antes, a partir do juízo da vida real dos irmãos e irmãs, fazê-los se sentirem acolhidos e respeitados, como filhos muito dignos de Deus, independentemente do rumo que suas vidas tenham tomado. É o olhar para a humanidade antes de qualquer outro pseudo parâmetro imposto pela sociedade que tanto julga e exclui, apontando metas e padrões inatingíveis pela maioria das pessoas, levando ao distanciamento e à marginalização sob diversas formas. É o amar como Jesus amou, sem fazer distinção e sem medir esforços para que o peso dos dias e da vida na sociedade pós-moderna seja aliviado e as pessoas adquiram sentidos novos para viver. Ainda segundo Agenor Brighenti:

Uma ação pastoral, que promova a reconstrução da identidade pessoal, passa, entre outros, pela acolhida e orientação, pelo aconselhamento pastoral, pela atenção às necessidades básicas, pela educação permanente e integral, pela formação do espírito crítico etc., que pode contribuir na reconstrução da identidade pessoal. Nesse contexto, ganham cada vez mais relevância os ministérios da acolhida e do aconselhamento pastoral. É de fundamental importância, igualmente, o resgate das raízes culturais e das relações familiares da pessoa, superando-se o “presenteísmo” ou o “momentaneísmo” atual, que prescinde da tradição. Sem consciência do passado, desde a realidade presente, não há possibilidade de um futuro crescentemente melhor (BRIGHENTI, 2006, p. 160).

O testemunho é o que deve falar mais alto na hora de evangelizar. É a falta de autenticidade que perturba a confiança e impede a transparência. Portanto, o testemunho cristão nada mais é que transparência da mensagem evangélica na própria pessoa, coerência de via com o que se crê e anuncia, experiência de adesão e relação pessoal com Cristo, autenticidade na

vivência da própria realidade limitada (BRIGHENTI, 2006, p. 180).

O oferecimento é vivenciado dando sentido a tudo o que construímos na vida. Nunca alimentar os dissabores ou resultados negativos de atitudes e posturas, mas oferecer a Deus como oblação aquilo que somos em nossa inteireza e em nossas intencionalidades. Devemos fugir das propostas que mostram vidas perfeitas e cobiçadas dentro de uma gama de situações ilusórias do mundo onde reina o entendimento de Deus como sendo um Deus da prosperidade para uns e da maldição para outros, quase no sentimento de padecer uma predestinação querida pelo Altíssimo e que, não importa o quão sejamos bons, nossa situação não mudará e seremos sempre os piores diante do Criador. Quanto a essa realidade, eis um perigo:

A despersonalização da missão faz com que o discípulo esteja tão dedicado aos meios que esquece o fim, que são as pessoas a quem serve e em função das quais estão as estruturas, que tanto o absorvem. O ponto de partida de toda missão são as pessoas, com suas possibilidades e com seus limites, não a instituição ou determinados objetivos, por mais ideais que sejam (BRIGHENTI, 2006, p. 195).

Outro ponto de extrema importância é o constante acompanhamento fraterno e pedagógico dos casais e das famílias, dando-lhes suporte humano e direcional para que nunca se sintam sozinhos em suas caminhadas individuais e familiares. É extremamente importante essa presença que dá segurança e aviva os passos a serem percorridos. Pensemos em como não é bom ao nos sentirmos sozinhos em nossas empreitadas. Mais ainda no que tange a uma caminhada tão importante e cheia de responsabilidades como é a da formação e manutenção de uma família cristã.

Nesse sentido, se deve privilegiar o processo de iniciação e que isso significa dar maior atenção a participação. Quando se caminha com alguns, que vão à frente sozinhos, vai-se mais rápido, mas se chega depois e, quase sempre, nunca se chega. Nota-se a necessidade de mútua colaboração entre todos, vai-se mais devagar, mas se chega antes (BRIGHENTI, 2006, p. 206). Nesse aspecto, orienta a *Gaudium et Spes*:

Finalmente, os próprios esposos, feitos à imagem de Deus e estabelecidos numa ordem verdadeiramente pessoal, estejam unidos em comunhão de afeto e de pensamento e com mútua santidade de modo que, seguindo a Cristo, princípio da vida, se tornem, pela fidelidade do seu amor, através das alegrias e sacrifícios da sua vocação, testemunhas daquele mistério de amor que Deus revelou ao mundo com a sua morte e ressurreição (GS 52).

Segundo a Constituição Pastoral, a orientação é, por fidelidade, percorrer o caminho sob a ótica da obediência de Jesus. Ele que não apenas dá comandos e ordenamentos de modo geral, mas seguir na direção, apesar dos possíveis perigos da estrada, conservar no coração a certeza da missão confiada: viver e testemunhar a graça e felicidade da vida matrimonial.

Na compreensão de Agenor Brighenti: “Partir da realidade não significa que os problemas e os desafios que se apresentam têm a última palavra. A realidade, por mais contraditória e dura que seja, não nos condena ao derrotismo e ao conformismo.” Desse modo, ter os olhos voltados para o horizonte torna-se condição imprescindível para sintonizar a utopia do Evangelho e, desde aí, projetar um futuro desejável, na perspectiva do Reino de Deus (BRIGHENTI, 2006, p. 211).

1.3 AS EQUIPES DE NOSSA SENHORA (ENS) NESSE CONTEXTO

A realidade que se estabelece nas sociedades no século XX, sobretudo dos anos 1940 em diante, faz acender o alerta da Igreja em relação à sua práxis pastoral geral e, especificamente, no campo das famílias. A grande quantidade de traumas gerados pelo próprio ser humano no que se refere ao trato com seu semelhante colocou a humanidade, mais que nunca, sob iminente risco de desagregação e deterioração das dimensões espirituais e humanizadoras. Eram necessárias uma ação e reação potentes, com vistas a uma recuperação desses sentidos primordiais para a sobrevivência efetiva da espécie humana, mas não apenas sob a esfera biológica, e sim a partir da valorização de um *modus vivendi* que realçasse a dignidade da Criação.

No encontro internacional das ENS em Roma, em 1959, o Papa São João XXIII dirigiu aos casais estas palavras que já apresentavam a razão de ser do movimento e a missão dele na Igreja.

“Efetivamente, é importante que a santidade de Cristo se faça presente em todos os setores da vida moderna: em nosso mundo há uma necessidade imperiosa de santos leigos. Santos, missionários, e talvez, ainda, mártires. Que não nascerão por geração espontânea: somente podem surgir de famílias profundamente cristãs, e somente podem alcançar a sua formação e encontrar o seu sustento nestes movimentos de aperfeiçoamento cristão” (CAFFAREL, 2019, p. 27).

Daí, então, não apenas se criam ambientes de formação e aperfeiçoamento da fé, mas propícios a uma evangelização contundente e com foco no resgate da dignidade humana. Criase uma abertura a movimentos que viessem corroborar com esse intuito. É exatamente aqui que alguns movimentos já existentes encontram a possibilidade de colaborar com a ação da Igreja de maneira efetiva, ampliando os horizontes dessa mesma ação e apontando rotas ou saídas para as dificuldades enfrentadas pelas sociedades em seus lugares culturais e antropológicos. Era preciso dar novo fôlego à ação eclesial, respeitando essas particularidades e valorizando as novas iniciativas, como sendo de grande valia aos serviços de atendimento pastoral que se

estruturavam a partir desse momento. Em relação a essa ação eclesial:

Como toda sociedade humana, a sociedade cristã, apesar de sua natureza espiritual de sinal-realidade, não deixa de requerer em seu seio, na própria constituição de sua realidade histórica, uma grande variedade de funções, que se diversificarão de acordo com as características e as exigências do contexto sociocultural em que esteja inserida (CATÃO, 2001, p. 145).

Tal abertura possibilita a visão da realidade eclesial a partir de outros pontos de vista e sob óticas nunca imaginadas pela própria Igreja. Realidades específicas começam a ganhar visibilidade e preponderância sob o aspecto da viabilidade dos planos pastorais e de desenvolvimento de consciências comunitárias e de serviço ao próximo. Isso era essencial naquele momento da história, especialmente no pós-Segunda Guerra, onde uma humanidade estraçalhada pela desilusão e frustrada pelo comportamento violento e destruidor, ansiava por essa oportunidade de redescobrir sentido para a vida em todas as suas instâncias. Essa abertura da Igreja, mesmo que não fosse tão querida por muitos membros eclesiásticos, era urgente e deveria acontecer, sob o risco de a Igreja não mais conseguir atingir seus fiéis em suas necessidades agora tão pungentes.

Há, aqui, uma forte ligação com a dimensão da Revelação, como refere o texto de Andrés Torres Queiruga:

A revelação que alcança sua plenitude em Cristo não fecha, mas antes abre; não paralisa a presença de Deus, mas antes a torna patente em sua máxima atualidade. Por isso a revelação é sempre atual! Deus continua se revelando, não no modo de abrir novas chaves – isso já se atingiu em Cristo –, mas no modo de poder vivê-las todas na livre acolhida de sua presença viva. Contudo, essa acolhida do Deus que se dá totalmente só foi total em Cristo; para os demais, é um processo sempre aberto e, portanto, história em marcha [...] (QUEIRUGA, 1995, p. 414).

O risco do fechamento, em todas as épocas, está em haver uma cristalização de uma visão única ou unilateral, prescindindo do entendimento das realidades múltiplas que conformam o povo de Deus em suas vidas cotidianas, com seus aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e espirituais. Muitas vezes, uma visão com aspectos macroscópicos, ou seja, a partir da giganteza da Igreja, impede de haver o conhecimento concreto das dificuldades e das soluções pastorais encontradas nas igrejas particulares, por exemplo, ou ainda, por grupos que desempenham serviços e ministérios específicos e podem ser as grandes vias pastorais para nosso tempo. A necessidade é uma grande incentivadora da criatividade, e respostas que aguardamos há séculos podem vir de pequenas iniciativas. Na visão de Leonardo Boff:

Importa fazer uma teologia responsável – leal ao passado, mas também livre para poder dizer uma palavra necessária para o presente, original como são originais os desafios. Há que superar o espírito da geometria, pois este espírito

maltrata as coisas divinas, esquecendo-se de que não pode haver nenhum critério rígido para o mistério de Deus e do homem (BOFF, 1988, p. 180).

Por outro lado, as visões microscópicas das realidades totais das sociedades podem proporcionar a visibilização de conjuntos de aspectos essenciais a uma revitalização espiritual e pastoral, que passam despercebidos e, se não levados em consideração, podem fazer com que essa criatividade morra, considerando-se ineficaz ou inútil. Essa versatilidade de visão e trânsito de inovações pastorais se torna essencial para uma práxis eclesial realmente encarnada na realidade do povo de Deus, atenta às vicissitudes de homens e mulheres em todas as situações, mas, sobretudo, diante de uma movimentação humana que coloca a espiritualidade, os valores religiosos, a própria doutrina, muitas vezes, em cheque. Aqui encontramos o enorme risco de desagregação dos fiéis e seu concomitante distanciamento das verdades de nossa fé, o que os coloca diante do perigo iminente da perda de sentido para suas vidas. Sobre esse aspecto de abertura e versatilidade:

A Igreja, como Jesus, está a serviço da humanidade. Embora o sentido e o alcance profundos dessas funções se insiram como realidade-sacramento na dinâmica da atuação constante e inseparável de Jesus e do Espírito, na sustentação divina da comunidade, sua forma e sua diversidade se explicam antropológicamente e historicamente, e não por uma espécie de instituição divina destinada a se manter imutável, como uma estrutura rígida, através da história e nas mais diversas culturas alcançadas pelo Evangelho (CATÃO, 2001, p. 146).

O Vaticano II, sob maravilhosa e legítima inspiração do Espírito Santo, traz à baila a discussão sobre essa necessidade da visão de conjunto e do respeito a essas iniciativas, por assim dizer, particulares no âmbito da Igreja. Devemos destacar em relação ao Concílio que o esforço pelo retorno às fontes originárias da vida eclesial foi de imensa importância para o resgate de valores e comportamentos já considerados em desuso e tidos como ineficazes frente à nova configuração social e mundial. Esse retorno foi de fundamental relevância para a observação das iniciativas de cuidado pastoral edificadas à luz das primeiras comunidades cristãs. A observação atenta dos universos microscópicos, a que já nos referimos, trouxe à Igreja novos ares e novas inspirações. Igualmente, nos trouxe a diferenciação vital entre Tradição e tradicionalismo, que é algo que, ainda hoje, dificulta a realização de uma pastoral eficiente em alguns locais e realidades eclesiais. Na visão de Edward Schillebeeckx:

Mudanças de cultura constituem, pois, para as igrejas cristãs sempre tempos de provações, crises e inseguranças. O fato constitui parte da natureza da fé cristã e de sua forma fenomênica histórica: a aclimatação da fé cristã a “nova” cultura ou fase cultural da mesma, como, por exemplo, à tradição cultural ocidental, de fato está cheia de riscos, mas é a única maneira de apresentar de forma viva o evangelho nas circunstâncias concretas. E este é o interesse da

“igreja de Deus”, e não manter uma coletânea de “reliquias culturais” como lembrança do passado cristão (SCHILLEBEECKX, 2003, p. 67).

Especificamente, no tocante às famílias e aos casais cristãos, o Concílio elabora um itinerário que condensa Tradição, Doutrina e visão pastoral que traz grande alento a essas instituições humanas, marcadas tão negativamente durante o século em questão. O reconhecimento de estruturas ministeriais e de serviço elaboradas em igrejas particulares trouxe novos ares para o atendimento às necessidades do povo fiel, construiu novos alicerces para ampliar as estruturas eclesiais e eclesiásticas, motivou a revisão de normas e ordenamentos jurídicos, ressaltou a importância de novos atores e protagonistas, mostrou que é possível dialogar com as diferenças e que é perfeitamente factível uma Igreja em diálogo com a sociedade pós-moderna e ligada com as transformações próprias das sociedades em geral. A esse respeito, Francisco Catão, tem um lugar de fala pertinente à reflexão:

Observam-se, nos documentos do Vaticano II, diversas formas de sistematização das funções eclesiais [...]. Com relativa frequência, os textos se referem ao tríplice carisma de Cristo, sacerdote, profeta e rei, aplicando-o ora a toda a comunidade cristã, ora aos ministros encarregados do exercício das diversas funções. A trilogia ajuda, sem dúvida, a colocar em evidência aspectos importantes da comunidade e das funções eclesiais, mas seu caráter evidentemente analógico dispensa-nos aqui de um aprofundamento maior (CATÃO, 2001, p. 149).

Esse é o cenário onde as inúmeras possibilidades de trabalho pastoral irão se desenvolver no século XX, e onde encontramos nosso objeto de pesquisa e de ação junto aos casais e famílias cristãs. Nesse contexto se dá o início de uma ideia de encontro e acolhida das realidades familiares, com suas dificuldades e desafios, bem como com suas esperanças e sua energia que nunca se esgota em busca da construção, tanto de uma sociedade melhor para gerar e criar uma família, como da implantação do Reino de Deus entre nós, como colaboradores diretos na obra redentora da criação inteira. A família, como já inferido algumas vezes durante esse nosso percurso, é de fundamental importância para a estrutura social e eclesial. É chão fecundo para a geração de iniciativas de ação, caminho de santificação e de diálogo, lugar por excelência do amor e da caridade, a exemplo do amor com o qual Cristo ama sua divina esposa, a Igreja.

Aqui entra em cena o objeto vital de nosso itinerário de estudo. Dentre os movimentos e serviços pastorais que se destacam nesse cenário que delineamos, está o que é chamado de Equipes de Nossa Senhora. O nome, por demais sugestivo, destaca a natureza infinitamente familiar de sua ação entre os fiéis, congregando casais e famílias cristãs dentro de um caminho de santificação, formação teológico-doutrinal, diálogo existencial e amor incondicional, aos

moldes do amor do próprio Jesus por sua divina esposa, a Igreja.

No final dos anos 1930, quatro casais cristãos procuraram um jovem sacerdote na cidade de Paris, contando-lhe seus propósitos em estabelecer um grupo de reflexão e de vivência de um amor que fosse guiado pela fé e pelos aspectos doutrinários, teológicos e espirituais cristãos, de modo a potencializarem suas uniões dentro do sentimento de amor ágape. A proposta surpreendeu o jovem padre que não tinha essa prática pastoral dentro de seu ministério, diante do que se sentiu desafiado e motivado a levar à frente a proposta dos casais que o haviam procurado. Contando com os divinos auxílios do Espírito Santo, nascia ali a primeira Equipe de Nossa Senhora, um espaço de vivência do verdadeiro amor conjugal à luz da fé cristã. Assim sendo:

As Equipes de Nossa Senhora, um Movimento de espiritualidade conjugal da Igreja Católica, são constituídas por casais cristãos, unidos pelo Sacramento do Matrimônio, que aderem aos objetivos e aos métodos do Movimento. Os casais das Equipes de Nossa Senhora querem: Permanecer fiéis às promessas do seu batismo; Colocar Cristo no coração das suas vidas; Fundamentar a sua vida conjugal e familiar no Evangelho; Levar para o mundo a mensagem de Cristo; Testemunhar os valores cristãos em sua vida social e profissional; Fazer de suas atividades uma colaboração com Deus e um serviço aos outros; Promover o casamento e a vida familiar na sociedade; Caminhar ao lado da Igreja, dando-lhe um apoio ativo (GENS, 2013, p. 15).

O Padre Caffarel foi o grande instrumento de Deus para que essa proposta fosse levada adiante. Como um apóstolo em tempos pós-modernos⁹ sentiu a moção do Espírito e se entregou de pronto à missão de fazer crescer e propagar as Equipes de Nossa Senhora, compartilhando com aqueles e aquelas dispostas a construir esse ideal de vida acessível a todos quantos assim o desejassem. Como todo começo, o das Equipes também teve seus percalços.

Logo após o seu surgimento, veio a Segunda Guerra e a vida da Europa foi literalmente devastada. Milhões de mortos, desespero, insegurança, traumas. Durante o conflito, vários grupos de casais se unem e formam uma pequena rede de solidariedade e resistência espiritual aos horrores da guerra. Conseguem, inclusive organizar um veículo de reflexão, a revista “*L’Anneau d’Or*”, ou seja, “A Aliança de ouro”, contendo artigos, cartas do padre Caffarel e discutindo assuntos de interesse das Equipes e servindo de apoio e refúgio para os casais. Um pouco após a Segunda Guerra, a partir de 1947, as Equipes retomam suas atividades e conseguem propagar seu ideal de serviço junto aos casais e famílias cristãs (Cf. GENS, 2013, p.15). Sobre o intuito inspirador do Padre Caffarel, vejamos a qual missão ele se dedica:

⁹ Apesar do Movimento das ENS ter surgido na década de 40, o Pe Caffarel acompanhou, como SCE até 1973. No entanto, até sua morte em 1996 ele permaneceu como grande influência sobre as ENS. Por esta razão, falamos em pós-modernidade visto que este conceito tem como marco a década de 80.

A missão do Padre Caffarel, desde as origens das equipes, é fundada no desejo de dar aos outros a alegria de entrar na luz de Deus: “O essencial é procurar o Cristo”. Para ele, os cristãos casados estão à procura de Deus; eles devem aprender como, seguindo o exemplo de Cristo, servir a Deus em sua vida e no mundo. A santidade, realização do amor conjugal e do amor de Cristo, constitui a vocação dos casais equipistas (GENS, 2013, p. 16).

Assim, casais começam a se agregar às Equipes, onde encontram uma atmosfera de diálogo, estudo, oração e vislumbre de uma caminhada à luz do verdadeiro amor, vindo de Cristo e testemunhado entre os cônjuges. A riqueza do Sacramento do Matrimônio é o mote do trabalho dentro das Equipes. Por essa razão, o método desenvolvido por Pe. Caffarel, aplicado nas ENS, mostra-nos uma proposta de acompanhamento espiritual para consortes que têm consistência, corpo e expressão global. Pe. Caffarel, provocado por alguns casais, advindos da Juventude Operária Católica (JOC)¹⁰ e da Ação Católica (AC),¹¹ responde às questões de fé próprias do itinerário espiritual sem causar rupturas eclesiais e contribui também com o Magistério da Igreja em busca de alargar o entendimento sobre a ação pastoral junto àqueles que abraçaram a vida matrimonial. São objetivos das Equipes de Nossa Senhora oferecer aos casais:

Eixos para viver em casal cristão no mundo de hoje de acordo com os ensinamentos de Cristo; Orientações de vida para ajudar a progredir no amor de Deus e dos outros; Meios de aperfeiçoamento que conduzem ao aprofundamento da fé e a uma vida melhor de casal; Uma vida em equipe, comunidade de casais cristãos unidos pelo Sacramento do Matrimônio, assistidos por um Conselheiro Espiritual; Uma ajuda mútua fraterna ao mesmo tempo espiritual, humana e material; A oportunidade para estudar e refletir juntos, a fim de ajudar a formar uma consciência pessoal e de casal; Uma organização para promover a animação, ligação e formação, obtendo a unidade dentro da internacionalidade do Movimento (GENS, 2013, p. 25).

Esse itinerário, por ele estabelecido para os casais, configura cotidianamente o ritmo de suas vidas e os insere mistagógicamente nos conceitos e valores cristãos, infundindo espiritualidade às tarefas humanas ordinárias:

A razão de ser das Equipes de Nossa Senhora é ajudar os casais a descobrir as

¹⁰ Grupo de Jovens Operários Católicos fundado em 1923, pelo padre Joseph Cardjin, em Bruxelas. O jovem padre era oriundo de uma família operária e intuiu a criação desse movimento tendo como missão "a libertação dos jovens trabalhadores e trabalhadoras; ser testemunha da presença libertadora de Jesus e do projeto de Jesus Cristo no seio da classe operária." Seu principal objetivo era o de ensinar aos jovens operários como se viver de maneira mais humana e engajada dentro da sua realidade profissional, utilizando a metodologia do Ver, Julgar e Agir. No Brasil, em algumas cidades, a JOC foi substituída pela Pastoral da Juventude no Meio Popular (PJMP) no decorrer dos anos 1970 e 1980. Disponível em: <https://ordosocialis.de/wp-content/uploads/A-Acao-Catolica-e-Sociedade.pdf>

¹¹ A Ação Católica foi um movimento criado pelo Papa Pio XI, em 1938, tendo como uma de suas metas congregar movimentos cristãos laicos para fortalecer a fé católica e suas atividades, sobretudo as baseadas na Doutrina Social da Igreja. Acabou desaparecendo no limiar dos anos 2000. Disponível em: <https://ordosocialis.de/wp-content/uploads/A-Acao-Catolica-e-Sociedade.pdf>

riquezas do Sacramento do Matrimônio e a viver uma espiritualidade conjugal. Através do seu exemplo, os casais das Equipes de Nossa Senhora querem ser testemunhas do casamento cristão na Igreja e no mundo. [...] Os casais das ENS contam com a ajuda daqueles que partilham o seu ideal e comprometem-se a “unir-se em equipe”, porque conhecem a dificuldade de viver como cristãos e estão conscientes da própria fraqueza e da insuficiência de seus esforços (GENS, 2013, p. 23).

No Brasil, as Equipes de Nossa Senhora surgem a partir de 1950, também como resultado de diversos outros movimentos e serviços ligados a congregações religiosas e associações de fiéis que já vivenciavam caminho de formação e espiritualidade semelhante ao Movimento. A partir da cidade de São Paulo, motivados por notícias e compartilhamentos de informações vindas da França, alguns casais deram início ao que seria a evolução das Equipes em solo brasileiro. Sendo, posteriormente, abraçada por outros casais, padres e bispos, tal iniciativa logo se espalhou de modo conciso e encontrou lugar entre os casais brasileiros desejosos de potencializar suas experiências conjugais à luz dos passos das Equipes de Nossa Senhora.

O grande método das ENS é a própria equipe. Nela cada membro se propõe e se permite obter o maior conhecimento mútuo e entrosamento entre os membros da Equipe. Tal realidade, proporciona o desenvolvimento de uma fraternidade cristã mais rica e profunda. Bem como, a vivência mais efetiva da comunidade. Portanto, a grande riqueza das ENS é a vivência da fé e da espiritualidade conjugal de forma comunitária.

No entanto, a dimensão comunitária é o espaço de expressão de um caminho espiritual percorrido pelo casal. Por esta razão, o casal é provocado a comprometer-se em dar passos voluntários e seguir uma pedagogia proposta – porém, que se ajuste ao cotidiano dos esposos equipistas – pelo movimento que exige disciplina. A ascese é um meio para o qual o casal buscará viver de forma cristã sua vida conjugal e familiar. Esta consiste em exercitar-se em amar à maneira de Cristo: “Todo atleta se priva de tudo; mas eles é para ganhar uma coroa corruptível; nós, porém, para ganhar uma coroa incorruptível” (1Cor 9,25).

O exercício do amor (caridade fraterna) é a base e o fundamento de uma equipe das ENS. A razão de ser de uma comunidade é o desabrochar de seus membros, o seu crescimento. É o que a equipe procura realizar: os seus componentes unem os seus esforços para “tender a perfeição cristã no quadro de sua vida conjugal e familiar” (CAFFAREL, 2019, p. 24). Por conseguinte, não se trata de esforços aleatórios, mas com instrumental comum e mútua colaboração, assim:

É indispensável pôr em prática estas duas vertentes (oração e formação) para se encontrar uma coerência entre vida e fé. Os três pilares das Equipes de

Nossa Senhora (orientações de vida, Pontos Concretos de Esforço e Vida em Equipe) constituem uma base sólida para ajudar a crescer progressivamente na Espiritualidade conjugal (ENS, 2012, p. 65).

A metodologia usada no movimento, como instrumental de disciplina e ascese, no desenvolvimento da espiritualidade, compreende seis etapas nomeadas: Pontos Concretos de Esforço (PCE). Vejamos, de forma sintética, cada uma delas: 1) Regra de vida – que consiste em eleger e fixar ações ou propósitos a serem aperfeiçoados de forma individual ou em casal; 2) Dever de sentar-se – tempo propício ao casal para, através da oração, avaliar, celebrar e projetar a vida a dois, na presença de Cristo; 3) Retiro Anual - como um tempo privilegiado de paragem, de escuta, de oração e uma oportunidade de renovação espiritual, sobretudo no seu caminho de crescimento. 4) Escuta da Palavra de Deus - consiste em buscar ouvir, diariamente, a Palavra de Deus, reservando um tempo para ler uma passagem da Bíblia, em particular dos Evangelhos, e refletir sobre ela em silêncio, buscando se alimentar de sua Palavra; 5) Meditação - importante para desenvolver essa profunda união com Deus, com perseverança e regularidade; e, por fim, 6) Oração Conjugal: é a expressão comum de duas orações individuais que nasce naturalmente de uma vida partilhada¹².

Os Pontos Concretos de Esforço (PCE) estão entrelaçados e coesos. Neles não há dispersão, não são díspares, são complementares. Existe uma pedagogia que os une, procurando dar um sentido mais evangélico à vida do casal. Esta coerência interior está na base de toda a metodologia das ENS, em todos os níveis. Há uma lógica que está por detrás dos PCE que os une e os encadeia e lhes dão um sentido de conjunto. Esses, ao serem assumidos tendem a criar um espírito, um clima, um estado que levam o casal a despertar para as Atitudes de Vida.

Essas atitudes ou orientações de vida são essencialmente desenvolvidas em três passos, a saber: 1) Procura assídua da vontade de Deus: cultivar a perseverança de querer-mos abrir à vontade e ao amor de Deus; 2) Procura da verdade sobre nós mesmos: desenvolver a nossa capacidade de buscar, viver e falar a verdade; 3) Experiência do encontro e da comunhão: aumentar a capacidade de viver o encontro e a comunhão – com Deus e com o próximo.

Um outro fator de contínua formação e celebração é a reunião mensal da Equipe. Como uma pequena comunidade de fé, coloca-se na presença de Cristo. Crê na presença de Cristo ali presente, presidindo e assumindo na fé aquela comunidade reunida. É um momento celebrativo, orante, formativo e de envio. Esta reunião é composta dos seguintes elementos: 1) Reunidos em nome de Cristo; 2) comer e beber juntos – fração do pão; 3) rezar juntos – aprofundar a experiência da oração partilhada em Equipe; 4) partilha da vida espiritual; 5) por em comum

¹² Para cada PCE há uma cartilha/livreto contendo detalhadamente os passos e o específico de cada ponto.

(vida, dificuldades e correções fraternas); 6) tema de estudo – aprofundamento; 7) Comunicações, avisos (vida da equipe)¹³.

Um outro instrumento facilitador na reunião da equipe, para o fortalecimento do vínculo fraterno e mútua ajuda, é a coparticipação. Em vista da busca pela fraternidade, o cultivo do amor mútuo e a realização humana e cristã de cada membro, há abertura para coparticipar. O apóstolo Paulo ensina: “carregai os fardos uns dos outros” (Gl 6,2). A coparticipação, nas ENS, é composta pela partilha das alegrias e tristezas, preocupações familiares e das realidades que tendem a levar ao desânimo e abatimento.

Desta forma, requer, antes de tudo, humildade: a humildade de se mostrar na equipe tal qual se é. O clima de confiança, de reserva e de absoluta discrição, como trata-se de uma experiência pessoal ou do casal, é necessário. Ter responsabilidade de não envolver terceiros. Falar apenas da vida em casal. É preciso muita humildade para pedir conselhos e muito mais ainda para ouvir e adotar ações para resolução. Resta a cada membro da equipe um esforço cotidiano para se manter leal e verdadeiro ao compromisso assumido.

É importante lembrar que não se trata apenas de um grupo agrupamento humano social, mas de homens e mulheres, na condição de casados, que atentos a Palavra de Deus, estão motivados e em busca de espiritualidade na conjugalidade. Reunidos em nome de Cristo! Eis assim, a mística das equipes de nossa senhora: a mística do Cristo comunitário.

Ouvindo a “Palavra de Deus” aprende-se, na condição de discípulos a disposição para dar mais de si e a colocar-se no mundo com o humilde e desejo de formar fraternidade. O espírito de cooperação e a fé no poder do auxílio mútuo fraternal constituem a ideia-força capaz de impulsionar a mística do movimento das ENS.

Hoje, fortemente estabelecido, o Movimento está presente ao redor do mundo e em inúmeras cidades brasileiras, operando conscientemente a partir de seus pilares e objetivos de ação e continuidade da missão de levar casais e famílias cristãs ao seguimento amoroso e dedicado do Cristo; na implantação do Reino de Deus já aqui, especialmente no solo fértil do amor conjugal e do entendimento da pertença dos cônjuges à obra salvífica, como colaboradores do próprio Deus.

No capítulo seguinte, aprofundaremos os fundamentos bíblico-teológicos das ENS. Para isso, direcionaremos nossa atenção à teologia da espiritualidade conjugal especificamente evidenciadas nas ENS, a partir da teologia do sacramento do Matrimônio. Como segundo passo,

¹³ Sobre a reunião da equipe, numa perspectiva de pequena Ecclesia e com fundamentos bíblicos-teológicos, dedicaremos maior atenção no segundo subtítulo do próximo capítulo.

exploraremos os fundamentos bíblico-teológicos da Equipe como uma pequena Ecclesia e, por fim, buscaremos expor alguns pontos que denotam limites, nesta experiência.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA

Após trilharmos espaço considerável no primeiro capítulo ao que nos propomos, cabe, aqui, lançar luzes sobre a segunda parte de nossa pesquisa, tomando como base os fundamentos bíblico-teológicos do movimento das Equipes de Nossa Senhora, especialmente no contexto da abordagem teológica, a partir do que define todo o cabedal doutrinal católico. É imprescindível que, mesmo sendo orientado ou direcionado aos fiéis de modo geral, haja a consciência de que é um movimento católico e, portanto, suas diretrizes e sua base teórico-formativo-prática são da doutrina católica.

Para ingresso nas ENS, tendo em vista que nos referimos a um Movimento de Espiritualidade conjugal, tem-se como prerrogativa que os vínculos conjugais tenham sido constituídos através do sacramento do matrimônio. Dessa forma, os fundamentos bíblicos das ENS são os mesmos da fundamentação bíblica do sacramento do Matrimônio. Por esta razão, restringiremos nossa maior atenção ao específico desse Movimento no campo teológico.

No campo Bíblico a metáfora da relação Deus e o seu povo se dá através da aliança¹⁴. As Sagradas Escrituras (do Gênesis ao Apocalipse) narram a história desse vínculo de predileção entre Deus e o seu povo equiparando-o à relação do Amado em busca da amada. No Novo Testamento, Cristo assume o lugar do noivo (cf. Jo 2,1-12) aquele que ama até o fim (cf. Jo 13,1), rompe com o tempo e abre as portas da eternidade (cf. Ap 22,12), onde permanece à espera da sua amada a qual o Espírito e a noiva dizem: Vem! (cf. Ap 22,17).

É importante que toda ação pastoral e eclesial seja totalmente planejada seguindo um caminho de orientações bíblicas e percepções socioculturais que visam dar um norte seguro às ações pastorais a serem realizadas junto aos fiéis, destinatários da missão. Porém, no caso das ENS, trata-se de um processo contínuo, dinâmico e vivo, que se propõe a corresponder às questões humanas, através de uma espiritualidade conjugal.

O Padre Caffarel, ao longo de toda a sua vida, não cessou de repetir que o Movimento, para se manter vivo, tem de evoluir. Para ele, um movimento vivo é um movimento que se constrói a cada dia graças à ação de seus membros. [...] O padre Caffarel, com seu espírito profético, tinha já previsto novas situações que surgiriam em relação ao Movimento, tendo em conta as grandes transformações que se anunciavam no mundo e na Igreja Deus (GENS, 2013, p.180).

A este mundo, em constantes mudanças, os casais cristãos são convocados a

¹⁴ A Aliança de Deus com seu Povo se exprime com promessas e compromissos recíprocos (cf. Ez 16,8.60; Is 62,5; Os 2,21-22), e a nova Aliança é selada por Cristo também como um matrimônio (cf. Ap 19,7; 21,2; Ef 5,25).

testemunhar a alegria da vida conjugal. Antecede ao anúncio, a escuta. Fundamentado nas Sagradas Escrituras e como expressão do carisma e da identidade do movimento, o Padre Caffarel estabelece seis pontos concretos de esforço (PCE). Através deles, busca-se intimidade e encantamento com a Palavra de Deus.

Estes passos ou etapas, estabelecidos pelo Padre Caffarel, são frutos da *Lectio Divina* com as Sagradas Escrituras. Vejamos cada um dos seis, com sua fundamentação bíblica: 1) A REGRA DE VIDA – esforço pessoal e em casal para estabelecer pontos concretos em busca de mudanças e conquistas que deem melhor qualidade à vida matrimonial. Este, como expressão de cuidado e zelo com o amor que os une: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12); 2) A ORAÇÃO CONJUGAL – A oração permite que o casal se una à Trindade santa: “Em tudo dai graças. Esta é, de fato, a vontade de Deus a vosso respeito, em Jesus Cristo” (1Ts 5,18); 3) A MEDITAÇÃO OU ORAÇÃO PESSOAL – A meditação é, ao mesmo tempo, reflexão e oração interior, um encontro de contemplação amorosa: “Aquele que permanece em mim e Eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5); 4) O DEVER DE SENTAR-SE – Um tempo reservado ao casal, sob o olhar do Senhor, para dialogar em verdade e com serenidade: “Quem dentre vós querendo construir uma torre, primeiro não se senta antes para calcular ... qualquer um de vós que não renunciar a tudo que possui não pode ser meu discípulo” (Lc 14,28-33); 5) A ESCUTA DA PALAVRA – Requisito fundamental ao caminho discipular como testemunhas do amor de Deus: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põe em prática” (Lc 8,21); e por fim, 6) O RETIRO - Tempo de parar, tomar consciência do que é essencial, ouvir e responder aos apelos do Senhor e se reconectar (indivíduo – casal): “Diz o Senhor: por isso, eis que, eu mesmo, a seduzirei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração” (Os 2,16).

Este capítulo visa apresentar os fundamentos de ordem bíblico-teológica, magisterial e doutrinal, a fim de fazer notar nas ENS a dimensão missionária na Igreja. Como toda a práxis da Igreja, os alicerces estão nas Escrituras, na Sagrada Tradição e no Magistério, formando o trinômio existencial da atividade cristã de forma individual ou comunitária. No entanto, há um outro fator a ser considerado nesse itinerário: as mudanças culturais.

Por essa razão, estruturaremos este capítulo, em busca de explicitar o específico das ENS, da seguinte forma: a teologia da espiritualidade conjugal; os fundamentos bíblico-teológicos da reunião da equipe como uma pequena Ecclesia; e, por fim, apresentar alguns limites desta experiência.

2.1 A TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE CONJUGAL

Para explicitar com maior clareza a teologia da espiritualidade conjugal, recordemos que antecede a este passo a graça de Cristo recebida no momento da celebração do Sacramento do Matrimônio. Por isso, desde o início, é um ato de Cristo. O Senhor toma a seu cargo essa união humana, esse amor de barro. Cristo não estará somente junto deles (nubentes) mas neles; é a partir de dentro que ele quer purificar e enobrecer a vida conjugal conformando o seu mistério à semelhança da relação Cristo-Igreja.

“Este casamento, essa união do Filho de Deus e da natureza humana, operou-se em dois tempos: Primeiro tempo, a Encarnação: o filho de Deus “desposa” a natureza humana no seio da Virgem Maria. Segundo tempo, a Cruz: “Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos (Jo 15,13). Ao sacrificar-se Cristo obtém o perdão da humanidade, chama-a e une-se a Si. Os padres da Igreja de bom grado aproximaram a união de Cristo e da Igreja na cruz do casamento de Adão e Eva. Assim Eva foi tirada de Adão adormecido, assim também a Igreja nasce do lado traspassado de Cristo por amor dela (CAFFAREL,2016, p. 84).

Em primeiro lugar, Cristo traz à união conjugal uma graça de cura. Torna-se imperativo, através do amor, curar os fracassos, submissões e feridas. Curar a doença espiritual do egoísmo e dar lugar à celebração da alegria e abertura para amar e deixar-se amar. Todavia, a graça conjugal não é de conforto e de facilidade. Na relação matrimonial tem-se a necessidade de um amor diligente: mortes e ressurreições quotidianas, morte e ressurreição final, configurando-se ao mesmo mistério: o mistério de Cristo, logo, o mistério de Cristo no casal.

O Sacramento do Matrimônio é estabelecido sob à luz do mistério pascal de Cristo. Na linha da Carta aos Efésios (cf. Ef 5, 21-33), o autor refere-se ao amor conjugal equiparando-o ao “amor divino” manifestado em Jesus que “amou a sua Igreja e se entregou por ela”. Estar unido a Deus significa viver de seu Espírito. Os casais são chamados a viver assim no Senhor (cf. 1Cor 7,39). Desde o consentimento sacramental, os cônjuges, enquanto mantêm sua liberdade espiritual pessoal, são “enxertados” de maneira nova na cepa que é Cristo. O modo conjugal de união é um caminho de união pascal com Deus – que não nega o caminho particular do esposo e da esposa -, mas que os une em uma comunhão à imagem da comunhão divina: ela é unitiva e fecunda ao mesmo tempo na história dos homens. A presença de Cristo na história é indissociável de sua relação sponsal com o corpo da Igreja. Padre Caffarel, no que diz respeito a relação Cristo-Igreja-Matrimônio, faz a seguinte leitura:

Estas perspectivas são familiares para vocês: Deus, de toda a eternidade, formou um Desígnio benevolente a se realizar na plenitude dos tempos. Trata-se de reunir todas as coisas sob um único Chefe: o Cristo ressuscitado, primogênito de toda criatura e primogênito entre os mortos. Fazer residir nele,

que possui a Plenitude da divindade, a Plenitude da criação para o louvor da glória do Pai. De tal forma que o Cristo glorioso é a Cabeça do Corpo imenso da humanidade salva. Mas a construção deste Corpo precisa de tempo e de trabalho, todas as criaturas devem contribuir de acordo com seus dons, seu carisma, seu ministério, sob a direção de Deus que opera em todos (ENS, 2011, p. 166).

A vida conjugal é um dos grandes dons de amor que subsistem à criação de Deus e seu plano salvífico. Na bênção sobre o casal, no ritual do matrimônio, está escrito: “a única bênção que não foi abolida nem pelo castigo do pecado original nem pela condenação do dilúvio” (RITUAL DO MATRIMÔNIO, 2007, p. 47). vivendo numa sociedade que traz aspectos da pós-modernidade, a família e, dentro dela, a espiritualidade conjugal, porta consigo elementos bíblico-teológicos que pautarão o esforço por manter a sua integridade e indissolubilidade.

O Papa São João Paulo II nos fala na introdução da Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*”:

A família nos tempos de hoje, tanto e talvez mais que outras instituições, tem sido posta em questão pelas amplas, profundas e rápidas transformações da sociedade e da cultura. [...] Consciente de que o matrimônio e a família constituem um dos bens mais preciosos da humanidade, a Igreja quer fazer chegar a sua voz e oferecer a sua ajuda a quem, conhecendo já o valor do matrimônio e da família, procura vivê-lo fielmente, a quem, incerto e ansioso, anda à procura da verdade e a quem está impedido de viver livremente o próprio projeto familiar. Sustentando os primeiros, iluminando os segundos e ajudando os outros, a Igreja oferece o seu serviço a cada homem interessado nos caminhos do matrimônio e da família (FC 1).

A vida conjugal é sinal da presença de Deus, é sacramento entre os sacramentos. Desde os primórdios, homens e mulheres se dispõem a viver uma só vida, ou seja, coexistirem partilhando o sentido de união, cooperação, doação, fecundidade e harmonia. Há quem questione todas as uniões de que temos notícias que não foram de fato vida conjugal, mas submissão, sacrifício no pior sentido da palavra, infelicidade e desarmonia.

Pois bem, aí está a chave de leitura: os vícios observados obliteraram as virtudes da vida conjugal. Tais pessoas, por situações e, também, por falta de opção, se viram em um relacionamento asfixiante, unilateral, explorador, o oposto, portanto, daquilo que realmente significa essa união firmada debaixo do olhar cuidadoso e atencioso do Criador. Segundo Padre Caffarel, a própria pedagogia da iniciação de uma relação de mútuo encantamento já traz uma dinâmica de atração e encontro, a partir da condição humana – potencialidades e fragilidades:

[...] Dois seres aproximam-se um do outro. Põem as suas duas mãos nas mãos do outro, as suas duas almas, as suas duas vidas, umas nas outras. Que são eles? Turbilhões de aspirações e de instintos, tumultos de veleidades e de fraquezas. Que dão eles um ao outro? A sua humanidade tal qual ela é, a sua vida tal qual ela há de ser: a meio caminho entre o bem e o mal. Aqueles que

os acompanham e que têm “experiência” sorriem de “suas ilusões” ou apiedam-se deles: sabem que a vida se encarrega de dissipar as quimeras mais generosas (CAFFAREL, 2009, p. 23).

Não há aqui nenhuma espécie de construção ilusória ou desconectada da realidade das famílias, e da sociedade em geral. Qualquer pessoa de pensamento razoável tem consciência de todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia, inclusive nos relacionamentos e casamentos. O diferencial está exatamente no modo como os casais irão construir suas relações, desde a base até o objetivo da união. Quais são os propósitos? Quais são os planos? Quais as disposições individuais de entrar nessa caminhada?

Acompanhamos tantos casais em que apenas uma das partes tem essa consciência. E, infelizmente, sabemos o resultado: Desestruturação das pessoas, sofrimento dos envolvidos, especialmente os filhos. Qualquer que seja o nível de relacionamento pessoal que mantivermos vai exigir de nós cuidado, zelo, dedicação. Com a vida conjugal mais ainda. Não há o elemento mágico dos contos de fadas, afinal ninguém vive feliz para sempre. No entanto, a felicidade está na construção diária, constantemente alimentando o amor para que este cresça e fique cada vez mais robusto e seja tanto via de caminhada quanto objetivo de chegada de quem opta pela vida a dois.

Outrossim, é imprescindível ao casal que queira trilhar esse caminho de construção cotidiana o cultivo de uma espiritualidade adequada ao seu estado de vida. Ela é o combustível que reforça as energias dos cônjuges, dando-lhes alento e motivação para o seguimento conjugal. A união conjugal não é uma instituição proforma ou fora de moda, mas se assenta na própria história do povo de Deus como um dom do Criador ao gênero humano. Através dela, homem e mulher experimentam a relação comparada à do próprio Cristo com sua Igreja (cf. SCHILLEBEECX, 1969, p. 145). O mútuo encantamento de dois seres a partir de sua humanidade, agora, encontra um outro sentido: espiritual, bíblico, profético e cristão. Neste quesito, O Padre Caffarel explica:

Para compreender o efeito do Sacramento do Matrimônio, é necessário remontar ao batismo, fonte do nosso “ser cristão”. Este homem e esta mulher que vêm casar-se são cristãos, quer dizer, já não se pertencem (cf. 1Cor 6,1); estão no poder de Cristo e, portanto, já não dispõem da sua pessoa. Como poderiam dar-se um ao outro, se Cristo não os unisse pessoalmente? Membros do Corpo de Cristo, é Cristo quem os junta como um homem junta as suas mãos. Por isso devemos dizer como São Paulo, que se casam “no Senhor”. Se cada um está no Senhor, também a sua união está no Senhor: está engastada no Corpo do Senhor, penetrada, irrigada, levada, transformada pela própria vida do Corpo. Corpo de Cristo, união de Cristo e da Igreja, é tudo em um. Mas, enquanto as expressões Corpo de Cristo ou Corpo Místico realçam a unidade que Cristo forma com os seus, a expressão união de Cristo e da Igreja sublinha a dualidade na unidade, o diálogo, o amor mútuo de Cristo e da Igreja

que se dão um ao outro... Por isso, a união do homem e da mulher está inserida na união de Cristo e da Igreja, no próprio interior desta união (CAFFAREL,2016, p. 87).

A espiritualidade que envolve a vida conjugal é construída a partir do amor que une os cônjuges, associando esse amor à vontade da convivência e da construção de um lar. Nesse aspecto pode ser comparado com a própria relação entre Cristo e sua Igreja, onde o amor é a premissa principal, e não há quem ame mais. Ambos amam. A reciprocidade faz do amor um sentimento que acompanha marido e mulher durante toda a sua vida em comum.

Ainda sobre esse tema, vê-se na exortação paulina que acentua a semelhança existente entre a união dos esposos e a união de Cristo com a Igreja. A mulher, nessa concepção, é para o homem como sua própria carne, da mesma forma que a Igreja é o corpo de Cristo (cf. Ef 5). Então, o esposo deve amar sua esposa e cuidar dela como sua própria carne, como a si mesmo, da mesma forma que Cristo faz com a Igreja. “No pensamento de Paulo aparece uma relação entre a união dos esposos e a união de Cristo com a Igreja, que se inspira na afirmação do Gênesis, “tornam-se uma só carne”, e na literatura profética, que recorre à imagem do matrimônio para se referir à aliança de Deus com seu povo” (FLÓREZ, 2008, p. 131).

Sendo elo que solidifica a união conjugal, a espiritualidade deve ser constantemente alimentada e exercitada através das práticas litúrgicas e devocionais, especialmente nas ENS a estrita observância dos Pontos Concretos de Esforço (PCE). O casal religioso e com uma espiritualidade viva é exatamente aquele que compreendeu o sentido da união conjugal à luz dos ensinamentos do próprio Cristo, como um sacramento entre os sacramentos, a demonstração concreta da presença do próprio Senhor na relação. Como um sacramento entre os sacramentos, o casal religioso é alimentado frequentemente pelos sacramentos da Igreja, refletindo em sua vida cotidiana a alegria e a esperança firmes de serem discípulos daquele que doou seu amor para nossa salvação.

No ideal cristão do casamento encontramos ainda outra característica para a vida do casal. É a doação. Doação que é ao mesmo tempo posse. Não posse no sentido de possessão e dominação, mas no sentido de encontro, de mútuo relacionamento, de mútua doação. Temos, então, outra dádiva da espiritualidade vivenciada entre casais religiosos, o dom de si ao outro e aos filhos, à própria sociedade, para servir de exemplo para que tantos outros percebam a riqueza de uma vida guiada pelo amor de Deus. A doação de si aqui se equipara à doação de Jesus, o dom de sua vida por nós e por nossa salvação. Doar-se sem esperar ou exigir nada em troca é próprio de quem entendeu o que é o amor, a dimensão ágape, como o amor de Cristo pela Igreja.

E, mesmo sem esperar ou exigir nada em troca, esse amor é vivenciado de tal forma que os cônjuges se amam e correspondem ao amor um do outro de maneira espontânea, numa reciprocidade mística, que conduz ao ápice de uma vida a dois plena de sentido, de experiências positivas, de realizações e de conformidade à Palavra de Deus.

Reciprocidade entre os cônjuges que, pela fé, carece ser alimentada e fecundada de sentido. À luz do amor de Cristo, que se encarna na humanidade e se une indissolivelmente a ela, desta forma, a fé cristã aprofunda o valor do matrimônio como lugar no qual se projeta de forma especial o amor redentor de Jesus e no qual se manifestam a fecundidade e a santidade da Igreja. “Na nova dimensão do Reino de Jesus, o matrimônio é chamado a anunciar a realidade futura das núpcias do Cordeiro” (FLÓREZ, 2008, p. 139).

É importante salientar que isso não significa que não haverá dificuldades no caminho matrimonial. Contudo, o casal que entendeu e aceitou sua missão, que segue os passos de Jesus, que cria e educa seus filhos no mesmo sentido, que dá suporte um ao outro, que reza junto, que frequenta os sacramentos, que participa das celebrações litúrgicas, que é igreja, encontra os meios e as motivações necessárias ao seu múnus conjugal. Não sem problemas e dificuldades as mais diversas e de todas as ordens, mas, apesar de tudo isso, vive plenamente seu casamento e sua vida a dois, com respeito, solicitude, felicidade e resignação, sendo imensamente agraciados por esse entendimento. Neste ponto, afirma o Padre Caffarel:

Não basta restaurar a legislação do casamento; porque se o amor, o casamento e o casal não estiverem curados e transformados, a natureza humana deixada a si mesma voltará a cair com todo o seu peso nos seus erros, apesar de toda reforma legislativa. Ora, no espírito de Cristo, é preciso que, ao contrário, cada casal, na cidade ou no campo e no mundo inteiro, seja um testemunho vivo do amor de Deus à humanidade e que apresente aos homens o espetáculo de uma vida conjugal em que se reflitam os esplendores da sua união com a Igreja. Por isso, Ele faz do casamento dos seus discípulos um sacramento (CAFFAREL, 2016, p. 85).

Isso significa que o matrimônio possui encanto, seu significado e sua função no novo contexto da fé e da vida cristã. “Tanto do ponto de vista antropológico como do ético e do teológico, o matrimônio encontra na fé cristã um espírito novo que o ajuda a recuperar todo o seu sentido enquanto dom de Deus” (FLÓREZ, 2008, p. 139). É esse amor que, inclusive, continua a acompanhar um dos cônjuges quando da morte do outro, dando-lhe sentido para a caminhada restante, mesmo com a ausência do outro com quem se conviveu tanto tempo.

De modo geral, a espiritualidade cristã deveria ser fonte de confiança em Deus diante da realidade da morte. Ao professarmos a esperança na ressurreição dos mortos, nos colocamos em caminhada com um Deus presente na história de seu povo e que, no contexto do Mistério

Pascal, nos abre as portas da vida eterna à qual o passaporte é a morte para as coisas deste mundo, inicialmente, e, depois, a morte física como fator natural para a consecução da eternidade junto de Deus. Nesta questão, segundo Renold J. Blank:

Aquele que tem fé sabe estar seguro na certeza de nova vida, transmitida por Jesus ressuscitado, vida que já se inicia muito antes da morte, vida na qual a morte já perdeu o seu aspecto assustador, porque não vai dar no nada, mas sim, em nova existência em Deus... Consequentemente, à luz da ressurreição, o fim da vida transforma-se em algo completamente novo para o pensamento secularizado e revela-se como segundo nascimento: renascimento (BLANK, 2000, p. 54).

No entanto, percebemos cada vez mais que o apego às coisas materiais e às pessoas incita o desejo de refutar e até mesmo querer negar a morte, como se isso fosse possível. A verdadeira espiritualidade cristã conduz à aceitação da morte e à devida preparação para isso. É claro que isso não quer dizer que se ama ou se deseja a ideia da separação das pessoas que amamos, como algo extremamente agradável e de fácil convivência, mas, antes, a ideia de que diante da realidade da morte, resta, além do luto e saudade, a certeza da vida eterna.

Quando inserimos essa discussão no contexto da vida conjugal, ela ganha uma dimensão ainda maior. O casal que entendeu e atendeu à sua missão como colaboradores do próprio Deus na implantação do seu Reino, ainda nessa nossa realidade, experimenta um nível ou uma qualidade de amor, como já dito, comparável ao amor que vem do próprio Deus.

Nesse contexto, no que concerne à vida familiar, o primeiro ponto de referência para aferir a coerência do casal pode ser o de sua atitude em relação ao compromisso de ter um lar comum, de partilhar os mesmos interesses e projetos e de atender devidamente aos filhos. “Quando se mantém sinceramente esse compromisso, as dificuldades que o casal possa encontrar para resolver os problemas da vida familiar não devem ser consideradas um obstáculo insuperável para a manutenção da unidade familiar” (FLÓREZ, 2008, p. 298).

A experiência vivenciada por jovens dentro de uma família de caminhada e de espiritualidade cristãs é notadamente diferente de outros contextos, especialmente no que tange aos assuntos que estamos destacando ao longo desse nosso trabalho. Os filhos, gerados ou adotados, ou mesmo todas aquelas pessoas que possam ser agregadas à família que vivencia uma espiritualidade cristã saudável experimentam do amor, da compaixão, do zelo, do carinho, do afeto, dos bons exemplos, do ambiente de compreensão e de ensinamento que, ao mesmo tempo, os educa, espiritualiza, humaniza e os faz conhecedores do amor de Deus por nós.

Neste momento, percebemos e grifamos que a grandeza da união conjugal e da solidariedade familiar, tal como se manifesta no fundo do coração humano e na experiência mesma da vida conjugal e familiar, contrasta com a mísera realidade do amor enganado ou

fracassado, do matrimônio desunido ou rompido, dos filhos rejeitados, maltratados ou abandonados que, quando acontece essa desgraça, nos sentimos tentados a pensar que o amor dos esposos e a união familiar são mera utopia “[...]. Numa sociedade pragmática como a nossa, amiga das estatísticas e dependente das opiniões públicas, faz-se necessário determinar com nitidez o que é que deve ser considerado comportamento coerente e correto na convivência do casal e da família” (FLÓREZ, 2008, p. 297).

É notória, dentro da sociedade, a ausência de ambientes saudáveis onde crianças e jovens possam se desenvolver de maneira minimamente equilibrada e harmoniosa. Noutra ponta de vista, também é notória a realidade de crianças e jovens que vivenciam realidades de desagregação, desarmonia e desequilíbrio em todos os aspectos, proporcionando um *continuum* de desordens humanas, psicossociais e religiosas, comprometendo sua capacidade para, mais à frente, construir famílias como as que nos referimos acima, que sejam capazes de proporcionar ambiente físico e espiritual adequados ao crescimento e ao desenvolvimento de todos os seus membros.

Sabidamente, a Igreja construiu toda uma teologia em torno do tema da Unidade e da Indissolubilidade da união conjugal, não para o convencimento das pessoas, mas, antes, para a constatação do sentido teológico referente à questão exatamente para legitimar e dar um lugar de destaque ao casamento como instituição desejada e encorajada pelo próprio Jesus. Desta forma, as disposições legais e teóricas construídas ao longo do tempo pelo Sagrado Magistério encontram sua base teológica e disposições legais nos alicerces do entendimento canônico, na sacramentalidade.

Quanto a isso, o próprio Código de Direito Canônico nos instrui:

As propriedades essenciais do matrimônio são a unidade e a indissolubilidade que no matrimônio cristão recebem firmeza especial em virtude do sacramento. A unidade significa a impossibilidade de uma pessoa ficar ligada simultaneamente por dois vínculos conjugais. [...] A indissolubilidade é a impossibilidade da dissolução do vínculo conjugal, a não ser por morte de um dos cônjuges [...] (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 2002, p. 481, Cân. 1056).

Há muitos que criticam de forma negativa essa prerrogativa eclesial do ordenamento e da funcionalidade do matrimônio nas bases canônicas da Igreja. No entanto, tal ordenamento não deve ser compreendido como ponto de partida para o entendimento da união conjugal dentro da organização da Igreja, mas como ponto de chegada, após séculos de caminhada e organização eclesial e pastoral, bem como a organização da herança judaica recebida na Igreja primitiva.

A Igreja acredita que, partindo do amor recíproco, a exemplo do amor de Cristo por sua

esposa, a mesma Igreja, o casal que caminha na construção e na partilha de uma vida, como já abordamos, o faz na intenção de que seja algo concreto e duradouro dentro dos propósitos de Deus, visto que nossa vida é totalmente contingente. A indissolubilidade aqui não é uma exigência externa, mas uma constatação a partir do desejo dos cônjuges e do nível de sentimentos empenhados na relação, que resulta na solidez e durabilidade dessa parceria de almas dispostas a caminhar juntas. No entendimento de Jesús Hortal:

[...] o direito matrimonial canônico é uma tentativa de realização da justiça divina, na conduta social da sociedade eclesial, mediante um sistema de normas [...] Não se trata, portanto de um sistema perfeito, mas perfectível; é uma tentativa, não uma realização plena (HORTAL, 2012, p. 13).

A indissolubilidade não é de modo algum uma prisão ou uma tortura punitiva, mas o entendimento do que é o amor, em especial o conjugal, que congrega pessoas de maneira indissolúvel a ponto de manter os cônjuges juntos não por obrigação, mas pelo sentimento construído de um pelo outro onde o amor é o fio condutor, mas existem tantos outros elementos que, alinhados, favorecem a perenidade da relação. Aqui, mais uma vez, ressaltamos que não estamos partindo de uma visão romantizada do amor, em uma versão melosa e açucarada como as incentivadas pela cultura de massa hodierna, mas o amor em sua realidade e concretude.

Segundo Padre Caffarel, apesar da dureza da realidade, é preciso, para que o casal se mantenha firme à aliança de amor conjugal, ter os olhos fixos em Cristo para não perder a esperança:

Na verdade, haverá, para os homens, certeza mais exaltante do que o fato do dom de Cristo à humanidade não ser revogável e de Cristo, apesar das infidelidades dela (Igreja), continuar esposo fiel que sempre perdoa, sempre dá, sempre trabalha para o bem daquela que escolheu? [...] Mas como poderia alguma vez aceitar que se quebre este elo do homem com a mulher, prova visível, penhor tangível dado por Deus aos homens de amor indefectível de Cristo à Igreja? (CAFFAREL, 2009, p. 63).

Muitas pessoas, hoje em dia, argumentam que as relações acabam por falta de amor. Na verdade, o que percebemos são relações narcisistas e utilitaristas, que objetificam as pessoas ou simplificam a relação no sexo e na aparência que segue os padrões de beleza e modismos propagados pela grande mídia e seus apelos consumistas. Podemos até mesmo dizer que há uma cultura consumista em relação às pessoas. Elas “se consomem” de acordo com os apelos de valores sociais e humanos deturpados e fragmentados.

A esse respeito, podemos trazer como referência a ideia formulada pelo filósofo polonês Zygmunt Bauman, que usa a metáfora da liquidez para ilustrar o momento em que vivemos,

com todos os nossos níveis relacionais sendo vivenciados de maneira fluida e inconsistente. É uma das principais características de nosso tempo. E isso também pode ser notado dentro das relações afetivas, especialmente as uniões conjugais que inutilmente são idealizadas fora do terreno do amor consistente de que temos falado ao longo de nosso trabalho. Sobre isso, denota o autor:

Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades. As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente. [...] Em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante (BAUMAN, 2007. p. 8).

Cônjuges ou parceiros, como se diz hoje, entram em relações sem a predisposição de construir juntos, mas de serem agradados ou serem o centro da relação. É óbvio que uma relação que se inicia assim está fadada a não dar certo. No entanto, tal modelo é colocado em evidência como sendo o ideal. Em tais modelos, a liberdade é tratada de maneira leviana ou equivocada, evocando a total ausência de regras ou parâmetros minimamente necessários a uma vida a dois. Ainda há a intolerância, a inabilidade para enfrentar pequenas crises e acertos necessários a quaisquer pessoas que tentam uma relação afetiva.

Com esses modelos sendo incentivados, fica bastante clara a crítica a que nos referimos acima, de que a união conjugal está fadada ao descaso e à obsolescência. Nossa observação aqui, mais uma vez, se dá no campo do juízo de realidade, e não de valores. Mas seria impossível falar da indissolubilidade sob a realidade que trabalhamos sem dar notação a essas outras diversas realidades paralelas que, infelizmente, afastam as pessoas do ideal da vida matrimonial e conjugal. Segundo Bauman:

O “relacionamento puro” tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante do convívio humano, na qual se entra “pelo que cada um pode ganhar” e se “continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando, a cada um, satisfação suficiente para permanecerem na relação”. [...] O compromisso com a outra pessoa ou com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional e certamente aquele do tipo “até que a morte nos separe”, na alegria e na tristeza, na riqueza ou na pobreza, parece cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo (BAUMAN, 2004. p. 111).

Uma vez que identificamos esta possível concepção da aliança conjugal como uma amarra, abordaremos a indissolubilidade como ponto dogmático em relação aos modos e situações dos esposos. Isso pode acabar incrementando as fileiras daqueles que não acreditam na instituição familiar sob a ótica do matrimônio. Como já dissemos, não se trata de ponto de

partida dogmático, mas ponto de chegada experiencial, ou seja, constatação e desejo de uma vida conjugal duradoura e feliz, dentro das realidades humanas, uma vez que não estamos romantizando a vida conjugal.

Do mesmo modo que Cristo encarnou nossa humanidade, os aspectos teológicos de nossa fé não são conceitos vazios e etéreos, mas vivos e também encarnados na vida cotidiana de homens e mulheres. O próprio Senhor se faz presente constantemente em nossa caminhada, nos animando e mostrando possibilidades, nos apontando a direção, nos incentivando a sermos colaboradores na construção do seu Reino já nesse mundo e nessa vida, para depois nos conduzir ao Reino definitivo, junto d'Ele. Como nos diz Padre Caffarel:

Por isso, no lar, Deus está não menos impaciente de se dar do que de se fazer conhecer. Dar-se, fazendo-se conhecer. É o que exprimimos quando dizemos que a união do homem e da mulher não é somente coisa sagrada, realidade santificada, mas também realidade santificante porque rica das graças que Cristo lhe confere. Estas graças são múltiplas e variadas (CAFFAREL, 2009, p. 75).

Unidade e indissolubilidade são, ao mesmo tempo, caminho e destino, método e meta. Não há relação milagrosa nem cônjuges sem defeitos, até porque são todos humanos. Temos, então, que o segredo não está naquilo que se é, mas aquilo que se quer tornar, o que nos coloca numa atitude de atenta escuta ao Senhor, atenção aos nossos objetivos enquanto casal e o desenvolvimento da consciência de que só se consegue viver bem uma relação conjugal a partir do amor real, concreto e presente nas atitudes do cotidiano.

Nesse sentido, evocamos, em referência ao amor conjugal, o próprio amor que mantém a unidade da Trindade, onde os cônjuges são, continuamente, amantes e amados e o amor é Deus mesmo presente na relação, lhe conferindo santidade, fecundidade e perenidade. Quem compreende isso compreende também a importância da missão que está contida na união matrimonial, tanto em nível particular, na constituição e manutenção da família como desejo de Deus, como também em nível universal, do papel da família no anúncio e na implantação do Reino de Deus entre as pessoas que não o conhecem.

Destacamos a importância não de palavras ou de inusitadas metodologias missionárias, mas do testemunho e da fidelidade à Palavra de Deus e da observância dos valores religiosos na construção de uma sociedade mais justa, equânime e humanizada. A melhor pregação e evangelização será esse serviço de testemunho e de amor vivenciado de maneira prática e objetiva dentro da vida matrimonial, motivando outras tantas pessoas a fazerem o mesmo. À maneira de como Cristo ama a sua Igreja, em unidade, como na Trindade. Portanto:

[...] Do mesmo modo que se sobe um rio até a nascente, assim o conhecimento

do amor humano os levará a entrever o amor divino, esta vida trinitária que se reflete no lar. Uma família em que se é um como o Pai e o Filho [...] faz pressentir o mistério de Deus, familiariza com Ele, se assim posso dizer. Tanto melhor se estas realidades divinas nele se exprimirem na linguagem mais inteligível, mais universal, na linguagem internacional por excelência: o amor. Um lar onde as pessoas se amam diz muitas coisas, mesmo àqueles que ignoram a sua língua! (CAFFAREL, 2009, p. 158).

A santidade, dentro da vida conjugal, é a proposta do próprio seguimento de Jesus. É a construção do amor-ágape, do amor-doação, é o sentido de completude do casal dentro de um caminho que, vivenciado corretamente, fará essa santidade cada vez mais aumentar e se aperfeiçoar, não em moldes fictícios ou piegas, mas concreta e realmente. Após termos inferido sobre as dificuldades inerentes à vida conjugal, sabemos que abordar o tema da santidade é igualmente complexo. Tal complexidade, no entanto, pode muito bem ser interpretada e desmistificada à luz do que Cristo propõe aos esposos. Desse modo:

Os casais cristãos de hoje devem ter a possibilidade de receber verdadeiramente a “Boa-Nova” a respeito desta realidade discutida e frágil que é o amor conjugal. Esta Boa Nova revela-nos que o Sacramento do Matrimônio está a serviço do amor, a serviço da felicidade e a serviço da santidade. Somente o casamento-sacramento pode satisfazer a dupla aspiração humana de amor e de felicidade e atender a inspiração inscrita no coração do homem e nem sempre percebida: o chamado à santidade (GENS, 2013, p. 167).

Durante muito tempo, a santidade foi vista como algo totalmente inalcançável pelos seres humanos, posta como uma meta inatingível, que só servia para conscientizar os pobres homens e mulheres de sua miserável condição pecadora e, quase, do desespero de salvação. Ideais utópicos e distantes da realidade das pessoas foram colocados como perfil daqueles e daquelas que desejavam seguir a Cristo e seus ensinamentos. Com isso, a santidade foi interpretada sempre como algo que não nos pertencia, ou, na melhor das hipóteses, pertencia a alguns seletos seguidores do Mestre que, inclusive, tinham que dar incríveis demonstrações de poderes de santidade para assegurarem tal virtude para si.

Especialmente durante a Idade Média, a santidade foi colocada como sendo algo que só se alcançaria com sacrifícios extremos, o que resultou numa elaboração de exercícios espirituais degradantes da dignidade humana. Fatidicamente, a santidade era tida como a posse de dons especiais e miraculosos aos olhos das pessoas mais simples, o que resultou numa vida extremamente pobre de perspectivas humanas, incluindo a da salvação. A santidade passou a ser vista como um fardo pesadíssimo aos simples humanos que não conseguiam carregá-lo.

A Modernidade abre um leque diferenciado em relação ao tema, e todas as reformas ocorridas na humanidade a partir de então corroboram uma mudança urgente e necessária de

sentido, sob o risco de não restar alguém sequer que pudesse trazer a prerrogativa da santidade. A própria Igreja, em sua sabedoria, acompanhando as urgências dos tempos e preocupada com o bem-estar dos seus filhos e filhas, nos fez reinterpretar os sentidos de santidade e de seguimento de Jesus à luz das fontes primordiais de nossa fé e de nossa Tradição, de modo a melhor compreendermos nossa participação na obra toda de Deus. Aqui, é importante destacar que:

Dentro da diversidade de explicações e matizes que aparecem em uns e outros autores, pode-se falar de um projeto teológico comum que vai se desenvolvendo progressivamente e que contribui para esclarecer a ideia da Sacramentalidade do matrimônio. [...] O significado sacramental e a santidade do matrimônio partem dessa realidade íntima, querida por Deus e revestida da graça de Jesus Cristo (FLÓREZ, 2008, p. 203).

Na Pós-Modernidade, apesar de tantos desafios e estilos de vida que podem ser interpretados quase contrapostos à Boa Nova de Jesus, a santidade deve ser trabalhada a partir de dois pontos bastante significativos: a necessidade e a possibilidade. Há a necessidade de sermos santos, não para sobressairmos aos outros, mas, exatamente ao contrário, para se ter condições de auxiliar em suas necessidades, especialmente as espirituais. O imperativo categórico, nesta via espiritual: É necessário ser santos para se conformar a Jesus, que é santo!

Há, também, a possibilidade de sermos santos dentro daquilo que somos e fazemos cotidianamente. Essa “possibilidade” se abre aos seres humanos exatamente como porto seguro diante de tantos cenários excludentes e estranhos de convivência e relações. Ser santo não é mais algo impossível ou pouco provável de acontecer, mas necessário e possível a todos.

No entanto, no atual cenário em que nos encontramos, em que tantas ideologias vêm e vão levando os seres humanos ao desconforto e à descentralização:

Cada vez mais, os apelos a mais liberdade, a apresentação da liberdade mais ampla como a cura universal para todos os males presentes e futuros, e as demandas para dismantelar e tirar do caminho os resíduos de restrições que tolhem os movimentos dos que esperam fazer bom uso do fato de estar em movimento são vistos com suspeita de uma ideologia da elite global emergente (BAUMAN, 2007, p. 192).

Essa perspectiva vem como novidade, não exatamente por ser nova, mas por significar um retorno às fontes de nossa fé em Cristo, demonstrando a proximidade entre nós e Aquele que nos criou e que nos quer bem. Por isso, abre para nós essas portas de possibilidades. As raízes do cristianismo mostram essa apropriação da santidade pelos fiéis como caminho e meta da vida cristã que, infelizmente, se perdeu durante longo tempo, como vimos. A novidade é o próprio Cristo, seu amor por nós, sua mediação, seu desejo de ver-nos salvos e com Ele na eternidade.

Quando falamos sobre essa “novidade” na união conjugal, percebemos, assim como o fazemos em relação ao tempo que perdemos pensando que a santidade não nos era acessível, o quanto a santidade é possível ao casal cristão exatamente por sua conformação ao próprio Cristo, que amou tanto a nós todos e livremente deu seu consentimento de entregar-se por nós para nos garantir salvação e plenitude de vida junto de Deus. Basta olharmos, como exemplo, para a liturgia do matrimônio, como seus textos e formulários nos colocam dentro dessa dimensão de santidade, de entrega, de amor, de solicitude, de reciprocidade. Segundo Padre Caffarel:

As comunidades verdadeiras têm uma alma comum e esta alma vive de fé, de esperança e de caridade. O casal cristão pode ter a certeza de que, à medida que for crescendo em vida teologal, irá contribuindo eficazmente para o crescimento do Corpo de Cristo e exercendo de maneira eminente a sua missão apostólica. [...] Cada casal que se eleva, eleva o mundo; cada crescimento de vida teologal no casal é crescimento de vida teologal no Corpo Místico (CAFFAREL, 2009, p. 166).

Na vida real e cotidiana, o casal cristão, que tantas vezes perde de vista a santidade por causa das várias dificuldades enfrentadas, deve ter consciência de que exatamente essas dificuldades cotidianas é que são o caminho de santificação. Somos chamados a ser santos nas “pequenas coisas” do dia a dia, cada um no seu lugar de existência e de ação, no seu papel social e familiar, demonstrando o amor que Cristo tem por sua divina esposa, a Igreja. Sim, porque todos somos Igreja, somos a divina esposa do Senhor, e devemos espelhar esse amor total, doação, reciprocidade, cuidado, carinho.

Qual lugar seria mais privilegiado para se tornar uma “oficina do amor e da santidade” que uma família formada por um casal cristão que sabe da extrema importância de seu compromisso conjugal perante Deus e perante os outros membros do corpo místico de Cristo? De fato, as dificuldades são imensas em nossos tempos. Mas, se sabemos que a santidade é possível e necessária, que temor devemos ter em trilharmos seus caminhos tendo como exemplo aquele que é o próprio Amor? Assim nos diz a Doutrina Social da Igreja:

A caridade conjugal, que promana da caridade mesma de Cristo, oferecida através do Sacramento, torna os cônjuges cristãos testemunhas de sociabilidade nova, inspirada no Evangelho e no Mistério Pascal. A dimensão natural do seu amor é constantemente purificada, consolidada e elevada pela graça sacramental. Deste modo, os cônjuges cristãos, além de ajudar-se reciprocamente no caminho de santificação, convertem-se em sinal e instrumento da caridade de Cristo no mundo (CDSI, 2011, p. 135).

Esse caminho de santidade atinge uma dinâmica multilateral e multiforme, fazendo todo o *modus vivendi* do casal cristão ser modulado a tantos quantos possam conviver com ele, numa

espécie de simbiose de santidade, se tornando o mote de vida daqueles e daquelas que se sentirem motivados e encorajados a partir do exemplo irradiado. É bastante séria aqui a questão do testemunho do casal cristão como veículo de evangelização dos mais eficazes em meio a uma sociedade tão marcadamente desfigurada pela fragmentação típica de nosso tempo.

Os primeiros a serem alcançados pelas ondas de santidade do casal, se pudemos assim nos referir, são seus filhos, e aqui queremos destacar que não há diferenças entre os filhos gerados e os adotados ou agregados pela família cristã. Os bons exemplos dos pais serão levados pelos seus filhos por toda a vida, como uma fonte memorial de onde eles possam beber todas as vezes que precisarem se reabastecer na caminhada cotidiana. A vida prática dos que crescem em ambientes ajustados e guiados por uma fé ou uma espiritualidade, sem dúvidas, se constitui de maneira bem mais saudável que em outros ambientes, como bem podemos constatar. Segundo a Doutrina Social da Igreja:

A família propõe-se como espaço daquela comunhão, tão necessária em uma comunidade cada vez mais individualista, no qual faz crescer uma autêntica comunidade de pessoas, graças ao incessante dinamismo do amor, que é a dimensão fundamental da experiência humana e que tem precisamente na família um lugar privilegiado para manifestar-se (CDSI, 2011, p. 135).

Boa parte dos males da atualidade envolve famílias desreguladas e caminhos que não conduzem à construção de um sentido, mas, antes, à sua perda em todos os detalhes. A santidade vivenciada e comungada numa união conjugal que entendeu sua missão é um bem preciosíssimo e a melhor herança que se possa deixar aos descendentes, seja em que nível for o parentesco. Mas, especialmente em relação aos filhos, tal riqueza é fonte inesgotável de vida renovada e disposição em Cristo de caminhar na construção do Reino ainda entre nós, ao mesmo tempo preparando a vivência no Reino Futuro. Por este itinerário, constatamos que:

A existência de famílias que vivem em tal espírito põe a nú as carências e as contradições de uma sociedade orientada preponderantemente, quando não exclusivamente, por critérios de eficiência e funcionalidade. A família, que vive construindo todos os dias uma rede de relações interpessoais, internas e externas, coloca-se por sua vez como “a primeira e insubstituível escola de sociabilidade, exemplo e estímulo para as mais amplas relações comunitárias na mira do respeito, da justiça, do diálogo, do amor” (CDSI, 2011, p. 136).

Igualmente aos filhos, outros parentes e membros da família, inclusive aqueles que foram agregados por casamentos, podem e devem colher os frutos espirituais de um casal que vive a santidade em seu dia-a-dia. Muitíssimas vezes, os referenciais de amor, solicitude, cuidado, regramento, sustento e vida espiritual podem ser visibilizados e aproveitados de casais próximos, quando da inexistência desses valores numa família nuclear. Um casal cristão ajustado pode ser um farol a iluminar tantas pessoas em uma convivência familiar, daí a

importância do zelo com a espiritualidade, a prática religiosa saudável, a frequência aos sacramentos, o testemunho e a práxis evangelizadora que se enfatiza, sobretudo, na acolhida àqueles que ainda estão distantes do caminho do Senhor.

A todos quantos possam conectar-se em seu caminho, a família cristã irradiará sua santidade e seu modo de vida no caminho de Cristo, sem alarde e sem proclamações espetaculosas, mas na simplicidade e na nobreza de seu cotidiano, tendo o próprio Senhor como companheiro de caminhada. Os filhos serão faróis na escola, na vizinhança, nas suas futuras famílias. Os familiares irradiados pela santidade do casal e de seus filhos terão sempre um firme referencial de vida e sempre a eles acorrerão em suas necessidades. Os companheiros de trabalho, do futebol de final de semana, colegas da faculdade, destinatários da pastoral e amigos poderão sempre contar com a luz desse casal, que segue a Luz verdadeira. Por esta via, destacamos o entendimento do Padre Caffarel:

Um “sacramento” da Igreja. E um sacramento tão humano: “o rosto sorridente e meigo da Igreja”, segundo a expressão admirável de um casal das equipes. É lá que o não crente faz um primeiro contato com a Igreja, que o pecado experimenta a sua misericórdia; é lá que os abandonados, os mal-amados, os órfãos e os pobres descobrem sua maternidade. O casal cristão é uma pregação sem palavras, mas espantosamente persuasiva (CAFFAREL, 2009, p. 181).

Por fim, a própria obra de Deus, através da ação eclesial, nos mais diversos lugares, especialmente onde Jesus se faz pequeno junto aos pequenos e nos chama a fazer o bem, crescerá imensamente com a presença de homens e mulheres que, dispostos a serem luz para os que andam longe dos caminhos do Senhor, fazem de sua vida serviço aos irmãos. A ação de casais nos mais diversos serviços e ministérios eclesiais corrobora com o plano e o desejo salvífico de nosso Senhor, levando Palavra e vida aos que ainda não vislumbraram tais realidades. A santidade se aprende e se vive na prática de ações e movimentos santificadores, a exemplo do que nos ensinou o próprio Jesus.

2.2 A EXPERIÊNCIA DA PEQUENA *ECCLESIA* NAS ENS

Um conceito bíblico-teológico fundamental nas ENS é o de pequena *Ecclesia*. Não vista apenas como uma ‘Igreja Doméstica’, mas, como uma parcela do povo de Deus reunido, em comunhão de vida, orações e preces. A primeira vez que apareceu nas ENS esse termo foi numa conferência do Padre Caffarel, aqui no Brasil em 1957. Em seu discurso, ele diz:

O objetivo desta conferência é convidá-los a olhar com os olhos da fé a reunião mensal de nossas equipes, a adquirir o ponto de vista de Deus sobre uma reunião mensal. Há uma palavra técnica, uma palavra da Igreja que define com

precisão a nossa reunião mensal - é uma palavra grega que conservarei sem traduzir: “*Ecclésia*”. Poder-se-ia dizer “Igreja” ou “*Assembleia Cristã*”. A grande preocupação de Nosso Senhor Jesus Cristo, durante toda a sua vida apostólica, foi agrupar, reunir (CAFFAREL,1957, p. 1).

Nesta conferência, o Padre Caffarel já explicita e equipara a reunião mensal das Equipes a uma *Ecclesia*. No específico desta pequena assembleia cristã, na reunião mensal, está a convocação em nome de Cristo. Ele que convoca e preside os convocados. Desperta-lhes para oração, fração do pão, mútua ajuda, escuta da Palavra, partilha e envio. Nessa assembleia, há a união e mútua colaboração de dois convocados: os Casais e o Sacerdote Conselheiro. Desta forma, na reunião mensal, há a mútua colaboração daqueles que foram selados com os dois sacramentos para a missão: a Ordem e Matrimônio¹⁵.

Normalmente, quando falamos em Igreja, tendemos a nos reportar ao universo macro da eclesialidade, numa dimensão ampliada, ou mesmo na totalidade dos filhos e filhas de Deus. É necessário notar, entretanto, que o universo macro eclesial se faz a partir dos muitíssimos universos micro eclesiais, cristãos e cristãs do mundo inteiro que vivenciam sua fé e seu seguimento a Jesus Cristo a partir de seus núcleos sociais primordiais, especialmente suas famílias. Relata-nos Vincent Branick:

As habitações particulares funcionavam para a Igreja em dois níveis. Formavam o ambiente para as igrejas estritamente falando, reunindo os cristãos ao redor de uma família em seu lar. [...] Num segundo nível, mais amplo, as habitações particulares formavam o ambiente para as reuniões da igreja local, a assembleia de todas as famílias cristãs e indivíduos de uma cidade. Para tais grupos, o edifício continuava sendo da família anfitriã (BRANICK, 1994, p. 12).

Que a Igreja tenha seu *locus* existencial na família não é uma grande descoberta, mas, antes, como sendo uma volta às origens, aos primórdios do cristianismo. Naquele tempo, sim, era algo de fato novo, um dos diversos “escândalos” dos seguidores do “rei sem reino”, do carpinteiro de Nazaré. Imaginemos a cabeça das pessoas, sobretudo as mais conservadoras, com a ideia de celebrar, cultivar em suas próprias casas. Essa “simplificação”, dentre tantas outras operadas pelos seguidores do ressuscitado, na verdade, era a demonstração da proximidade de Deus com o seu povo, da própria participação d’Ele na vida dessas pessoas, acolhendo suas necessidades e vicissitudes, dando-lhes amparo, consolo e esperança.

Inegavelmente, a igreja doméstica desempenha um papel de imensurável importância na sedimentação do cristianismo e na compreensão da relevância do papel de todas as pessoas

¹⁵ Uma Equipe normalmente é composta por 07 (sete) casais mais 01 (um) Sacerdote Conselheiro (SC) ou - mais recentemente - um Acompanhante Espiritual (AE).

indistintamente, mesmo que já aí surgissem ministérios diversos entre os fiéis. A ideia de uma Igreja que “funciona” nas casas traz consigo a semente de uma família que começa a ser Igreja em sua própria casa. O fato de famílias cultuarem em seus lares ramifica de maneira assombrosa e eficiente o alcance litúrgico e espiritual, mesmo que não soubessem disso em sua época. Segundo Vincent Branick:

Por cerca de um século a habitação particular moldou a vida da comunidade cristã, formando o ambiente no qual os cristãos se relacionavam uns com os outros, provendo subestrutura econômica para a comunidade, plataforma para o trabalho missionário, estrutura para liderança e autoridade e, provavelmente, papel definido às mulheres (BRANICK, 1994, p. 13).

É a Igreja que se faz presente nas casas, onde os apóstolos e demais discípulos conhecem a realidade daqueles e daquelas que decidiram seguir o Senhor. A partir da realidade dessas pessoas é que os escolhidos por Jesus traçaram suas estratégias missionárias e construíram os rudimentos textuais sagrados do Novo Testamento. Devia ser um ambiente de grande efusividade em torno da Boa Nova e do *Kerigma* inicial. Quanta energia missiológica deveria existir naquelas comunidades domésticas! Basta atentarmos aos inícios da nossa literatura neotestamentária para intuímos essa realidade. Outrossim, não podemos romantizar e esquecer dos problemas que, tanto essa novidade quanto a dura realidade das pessoas, fizeram surgir e foram enormes desafios à Igreja nascente.

A partir dessas experiências, a Igreja se expandiu e se fortaleceu, espalhando-se rapidamente e contando a Boa Nova de Jesus a quem se dispusesse ouvir e acolher tal anúncio. Os próprios relatos bíblicos nos dão uma ideia de tais fatos, sendo fontes de pesquisa ainda hoje sobre o modo de vida dos chamados primeiros cristãos, do conhecimento sobre sua missionariedade, dos grandes acontecimentos ligados ao cristianismo e, é claro sem esquecer, das dificuldades e dos desafios enfrentados por nossos antecessores na fé no Ressuscitado.

Contudo, ao longo do tempo, quanto mais as pessoas se convertiam ao cristianismo, mais a realidade da Igreja doméstica perdia sua consistência em um mundo que passou a absolutizar as grandes construções em detrimento do culto familiar. Aqui se faz necessário destacar que não estamos fazendo crítica negativa ao transcurso histórico da humanidade, mas uma observação de cunho teológico, analisando efeitos de mudanças de hábitos e comportamentos de ordem geral ligados à fé cristã. Sem apegos ou saudosismos, constatamos esta mudança histórico-geográfica significativa do espaço celebrativo: a Igreja (templo) passou a ser o lugar físico da reunião, da celebração, do culto eucarístico. Assim, mostra-nos a história:

As reuniões cristãs nas igrejas consagradas e basílicas mostravam uma autocompreensão, diferente das reuniões em igrejas domésticas. A liderança

passou a ser concentrada em menos mãos: as mãos de uma classe especial de pessoas santas. As atividades eclesiais tornaram-se rituais estilizados. O edifício, em vez de comunidade, tornou-se o templo de Deus (BRANICK, 1994, p. 13).

Ao resgatarmos um pouco da história e do sentido da Igreja doméstica, o fazemos pensando na realidade em que nos situamos, onde as distâncias espaciais foram reduzidas e as distâncias existenciais aumentaram de maneira abrupta. É impressionante notar o quanto estamos ao mesmo tempo conectados virtualmente e desconectados humana e existencialmente. Sobretudo nas famílias, percebemos esse distanciamento que, não raras vezes, faz com que haja a fragmentação dos laços familiares de maneira a comprometer a saúde do grupo familiar, inclusive sob o ponto de vista espiritual.

A família “pós-moderna” é o lugar da falta de tempo, das refeições rápidas e individuais, das conversas por aplicativos, da inabilidade de se lidar com aspectos humanos, das crianças entretidas por equipamentos eletrônicos, de pensamentos e estilos de vida independentes de doutrinas e conceitos eclesiais. Constatções do tipo: Gerações não se complementam mais, mas rivalizam e entram em fortes atritos ideológicos; há uma enorme incapacidade de escuta e compreensão. Não é algo exclusivo do hoje! O consumismo, a dificuldade na partilha dos bens materiais e a religião não encontram lugar, pois a religião formal (institucional) está “ultrapassada” para muitos grupos familiares. Há uma sensibilidade ou desejo de transcendência e espiritualidade e não mais necessariamente de uma instituição.

Tristemente constatamos fluxos relacionais cuja principal característica é a impessoalidade. Agiganta-se uma onda de contravalores, de superficialidades, de vivências religiosas equivocadas, de intolerância à estabilidade. Dentro desse movimento também está a família na sociedade atual, vivendo ao sabor de tais ondas influenciadoras e fazendo com que seus membros percam o entendimento do que de fato venha a ser a unidade social chamada de família. O Guia das Equipes de Nossa Senhora ilustra essa situação:

Não estamos simplesmente em uma época de mudanças, mas em uma mudança de época. Assistimos à chegada de um novo sistema cultural que, embora partindo muitas vezes dos nossos próprios valores cristãos, parece distanciar-se deles, distorcê-los e questioná-los estruturalmente. A sociedade atual não parece disposta a adaptar-se às verdades e aos costumes preestabelecidos. Pelo contrário, no mundo de hoje são as realidades vividas que interpelam as normas, pedindo-lhe justificativas e respostas coerentes (GENS, 2013, p. 186).

Nesse cenário temerário, porém, há um incrível fôlego de renovação. E essa renovação se dá exatamente pela novidade do retorno às fontes, a que temos nos referido constantemente no decorrer desse nosso trabalho. E como tem funcionado! Tal fôlego é notado quando temos a

valorização do espaço familiar como lugar de nascimento e de renovação, de crescimento, de partilha e de vivência da fé, da esperança e da caridade cristãs. Aspectos que “nunca saíram de moda”, mas estavam obliterados pelas aspirações pós-modernas de cada vez mais liberdade inconsequente, fluxo sem parada e coisas sempre novas, e que, como bem sabemos, não garantem sucesso às tais aspirações de homens e mulheres que trilham esses caminhos. Assim:

O nosso mundo está, todavia, longe do ideal cristão de um desenvolvimento humano integral e que respeite a criação para alcançar todos os povos da terra. O progresso econômico e tecnológico global das últimas décadas foi acompanhado de desvios e desequilíbrios que acabam por afetar as famílias, tanto nos países desenvolvidos como nos mais pobres. Assim, nós vivemos em um mundo repleto de contradições e descontinuidades, cujo futuro não se prevê claramente. É precisamente por isso que nós devemos agir para que possamos transformá-lo (GENS, 2015, p. 186).

A união conjugal e a família cristã, construídas sob os aspectos que vimos delineando e destacando de maneira positiva nessa nossa empresa, são verdadeiros faróis em meio à desorientação característica desses tempos. E, dentro dessa perspectiva, se destaca a dimensão da família como Igreja doméstica, o lugar por excelência do amor conjugal, da unidade e da indissolubilidade relacional e do caminho de santidade e santificação das relações transversais.

A pequena *ecclesia* ou pequena Igreja é uma semente fecunda na sociedade, que germinará indivíduos aptos a construir uma sociedade justa e equânime dentro dos princípios religiosos cristãos. Nos moldes das comunidades primitivas, como já nos referimos, as famílias-igreja são uma imensurável rede de articulação de vida plena em Jesus Cristo, de missão e de evangelização, de serviço fraterno e caritativo, de vivência litúrgica e frequência aos sacramentos. Sobre isso afirma Padre Caffarel:

Como a Igreja da qual é uma célula, o verdadeiro lar cristão não pode deixar de estar animado por uma ardente aspiração missionária. Quer ser missionário, por meio de sua oração por todo este mundo que o cerca e que ainda não recebeu a mensagem de Cristo. Mas quer também que sua vida seja uma manifestação, uma “epifania” do Cristo, proclamando, aos que acolhe como aos que o cercam, que o Senhor veio para salvar o pobre amor humano, que sem a graça se deixaria sufocar e corromper (CAFFAREL, 2013, p.46).

Partindo daí, o Padre Caffarel convida o movimento a olhar com os olhos da fé a reunião mensal das equipes, a adquirir um ponto de vista de Deus sobre uma reunião mensal. Nesta conferência, ele inicia lembrando que era costume chamar os cristãos de homens de fé. E o que significa ter fé? A fé significa, neste contexto, olhar com os olhos de Deus todas as realidades humanas e, também, todas as realidades sobrenaturais. Ter fé é possuir a certeza de estar na presença de Deus. Ele explica:

“Daí a necessidade muito importante de fazer adquirir aos membros de sua equipe esta visão de fé: que não olhem a sua reunião como um encontro qualquer, mas que pouco a pouco, tomem consciência desta misteriosa presença de Cristo entre eles” (CAFFAREL, 1957, p. 23).

Não se trata apenas de uma simples convocação nem de uma reunião de amigos. Uma reunião de equipe, se expressa como ponto mais alto da vida da pequena comunidade. Naquele ambiente cria-se um momento privilegiado da partilha da caridade e do amor fraternal. Se estabelece um clima de confiança mútua, discrição e sigilo. Contudo, os elementos mais marcantes da reunião e que, portanto, a configura como uma realidade espiritual, traduzem-se em cinco pontos essenciais: a refeição, a oração, a partilha dos pontos concretos de esforço, a coparticipação e o tema de estudo.

Considerando a definição *Ecclesia* como assembleia messiânica ou agrupamento dos convocados, O Padre Caffarel convida as ENS a avivar a fé e encarar com olhar da fé, a reunião mensal. O olhar da fé é essencial para o casal descobrir o mistério que ali se vive, quando estão reunidos em nome do Senhor. O mistério da *Ecclesia* que ali, na reunião mensal, se vive também uma epifania da Igreja - dos discípulos de Cristo: convocados. Logo, Cristo está presente! A preside e manifesta sua presença eficiente e santificante.

“Cristo promete a seu novo povo, ao seu povo espiritual, que estará sempre no meio dele e se acha espiritualmente presente entre os seus. E quem diz presença de Cristo no meio da Igreja, diz ação eficiente, santificante. Cristo presente em meio aos seus está permanentemente em ação, para nos santificar. Esta grande Igreja, frequentemente, é chamada a “esposa de Cristo” e, por vezes, os cristãos sentem-se desorientados ante esta denominação. Porque “esposa”? Porque apelidar Cristo de esposo? No entanto, os cristãos casados deveriam encher-se de júbilo. Cristo é o Esposo: o que significa que, um dia, Ele mesmo escolheu; elegeu este povo fiel. Ele o chamou, como o esposo que chama a esposa e lhe faz maravilhosas promessas. É exatamente o que faz o esposo, ou melhor o homem que encontra a jovem a quem quer tornar sua esposa. Quanto à esposa, de seu lado, a Igreja, exulta de alegria por ter sido escolhida, de reconhecimento pelas promessas que lhe foram feitas, e que, aliás, já estão em parte cumpridas. Ela é toda reconhecimento ao apelo de Cristo. Inteiramente dada (CAFFAREL, 1957, p. 5).

Para que uma reunião mensal se configure de fato como uma *Ecclesia*, assembleia dos convocados, O Padre Caffarel elenca sete condições: 1) a fé; 2) a ruptura; 3) a convocação em nome de Cristo; 4) o auxílio fraterno; 5) escutar a Cristo; 6) responder a Deus; e, por último e não menos importante, 7) a união com a Igreja. Na reunião mensal, a união da assembleia a Cristo se realiza pela intenção de se reunir, com a presença do Sacerdote Conselheiro Espiritual (SCE), o ministro da Igreja, e pela oração litúrgica que une a todos à grande Igreja de Cristo.

A Equipe, verdadeira comunidade eclesial, constitui a célula base do Movimento. Suscitar e animar pequenas comunidades de casais que procuram viver plenamente a vida cristã no seu casal e na sua família é, pois, vocação específica das ENS, como Movimento de Igreja (ESTATUTOS, 2017, Art. 5º)

O lar como Igreja não é uma divisão da Igreja em sua institucionalidade, mas a base da Igreja em sua originalidade onde, aos moldes das primeiras comunidades, pais, filhos e agregados vivenciam o amor de Deus de forma gregária, prática e com vislumbres de futuro. Numa visão orgânica, a Igreja doméstica é a célula primordial para que todo o organismo desempenhe suas funções de maneira satisfatória e traga saúde ao seu funcionamento, de modo a prevenir e evitar males associados ao seu mau funcionamento. Assim, esclarece o Padre Caffarel:

Qual é a grande esperança do esposo e da esposa, senão, precisamente, de serem um. “E os dois serão uma só carne” diz a Bíblia. É realmente o que se passa entre Cristo e a Igreja. Cristo e a Igreja, duas realidades, é verdade, mas duas realidades e dois seres que se amam, que se dão um ao outro para não fazerem mais do que um só corpo, como o homem e a mulher não fazem mais do que uma só carne: este corpo que chamamos o “Corpo Místico de Cristo”. E o Corpo Místico de Cristo é formado precisamente por todos os fiéis, agrupados, não ao redor dele, mas nele, de quem Ele se serve para viver a sua grande religião dirigida ao Pai, o seu louvor ao Pai e a sua grande mediação, oração pelos homens (CAFFAREL, 1957, p. 5).

O que é esta misteriosa presença do Cristo, quando dois ou três estão reunidos em seu nome? E precisamente a presença de Cristo na sua Igreja se dá quando dois ou três, se estão reunidos em seu nome, são uma *Ecclesia*. Desta forma, na reunião da Equipe, os casais assumem sua condição de discípulos e representam, atualizam a grande Igreja e o Cristo está presente no meio deles, ao centro de uma reunião mensal. Por conseguinte, a pequena *Ecclesia* bíblica, litúrgica e teologicamente tem no seu centro precisamente Jesus Cristo, invisível, porém presente. Nessa linha de pensamento, continua o Padre Caffarel:

É uma palavra de ordem dada por Cristo à primeira *Ecclesia*, palavra esta que Ele dirige a toda Igreja e, por tanto, a cada uma de nossas reuniões mensais: “Todo poder me foi dado no céu e na terra; ide pelo mundo, pregai a boa nova a toda criatura”. E São Marcos esclarece pouco depois: “E eles se foram - pregar por toda a parte - e o Senhor os assistia” (CAFFAREL, 1957, p. 15).

A abertura para missão implica concretamente na vida dos casais no testemunho da fé. Uma parcela do povo do Deus que, após a experiência do encontro com ele, se coloca a serviço e disponível à missão. Uma assembleia cristã é essencialmente uma assembleia missionária, isto é, a reunião da Equipe lhe serve de base, onde cada qual parte para levar a convocação de Deus a todos os homens. Por fim, através da mútua colaboração e entreatura entre os casais e os sacerdotes, o Papa Francisco agradece e enaltece a colaboração dos Sacerdotes Conselheiros

Espirituais (SCE) no Movimento das ENS:

Agradeço-vos, queridos casais das Equipes de Nossa Senhora, porque sois um apoio e um encorajamento no ministério dos vossos sacerdotes que encontram sempre, no contato com as vossas equipes e com as vossas famílias, alegria sacerdotal, presença fraterna, equilíbrio afetivo e paternidade espiritual (ESTATUTOS, 2015, p. 31).

No entanto, apesar do movimento das ENS ter linhas formativas definidas, a experiência ou a vivência da espiritualidade conjugal se dá de forma plural – respeitando a identidade de cada equipe –, sem deixar de lado os elementos que constituem o carisma, essencial ao movimento. Por conseguinte, como nem tudo é perfeito, justamente no próximo passo, apresentaremos alguns fatores que impõem limites a essa experiência.

2.3 OS LIMITES DESSA EXPERIÊNCIA

Na altura em que estamos em nossa pesquisa, chegou a hora de abordar alguns limites desta experiência. Sabemos que a promessa e a exigência ligadas ao matrimônio devem ser vividas na realidade pessoal e social de cada um (cf. TABORDA, 2005, p. 54). Uma vez que há essa compreensão, resta-nos trazer à baila os limites do método das ENS, principalmente no contexto de Brasil.

Por essa razão, nesse solo pátrio, nas ENS, fatores como cultura da não-leitura, imaturidade espiritual, ideias marcadas por tabus no campo da sexualidade, frágil formação humano-cristã (evangelização), absolutização da estrutura institucional do movimento, indisciplina e infidelidade aos pontos concretos de esforço, dentre outros, são aspectos que fragilizam o caráter, o carisma e a identidade do método desse Movimento.

A proposição de um caminho espiritual sempre põe a humanidade diante de um ideal (meta) a ser alcançado. No entanto, apesar de ter elementos que viabilizam uma espiritualidade conjugal palpável e que muito ajuda aos esposos na vivência do compromisso matrimonial e da sua fidelidade aos valores cristãos, as limitações humanas põem, de certo modo, esta experiência em xeque. Uma vez que, mesmo propondo um caminho, são as liberdades individuais e as motivações humanas que fazem com que esse percurso seja transcrito ou não.

Outros fatores ou dado cultural que fragilizam a proposta e os métodos deste movimento, neste contexto de Brasil e, mais precisamente, no Nordeste, são: fragilidade e falta de perseverança na prática da acese cristã; casais, muito jovens, inseridos no mercado de trabalho, sobrecarregados de ocupações – realidade que restringe o tempo para o cultivo da vida

espiritual - acentuando a ansiedade e estresse, quando são questionados sobre os PCEs ou sobre as três atitudes.

As ENS, como visto no primeiro capítulo, surgiram e foram formadas dentro de uma cultura cristã e espiritualidade sólida amalgamada à dimensão social (comunitária) da fé. Em nossa realidade atual, no contexto da Igreja Católica pós-moderna, temos diversas pessoas com sensibilidades religiosas subjetivas. Com desejo de progredir no caminho espiritual muitos casais acorrem ao Movimento. Porém, poucos estão realmente dispostos a empreender esforços neste caminho. Ficam, porém, com uma formação bíblico-cristã e magisterial muito frágeis.

Por isso, muitas vezes o texto base (Livro Tema) de estudo, proposto para as reuniões mensais, nem sempre é compreendido ou de fácil compreensão - visto que pressupõe que o casal ou indivíduo tenha sido iniciado e já saibam as normas da Igreja. Muitas vezes, casais manifestam desejos e intuições nas celebrações dos sacramentos e sacramentais que evidencia, apesar de se identificarem como cristãos católicos, não estar familiarizados com as normas da Igreja à qual pertencem, como parte do rebanho e evangelizadores.

Mesmo que, como já abordamos, haja esferas em nossa sociedade que apregoem o fim da família e o surgimento de formas alternativas de união, bem sabemos que não se trata de epílogo, mas de interlúdio. Isso é, mudanças sempre acontecem e são necessárias, até mesmo para manter a vida e o mundo em funcionamento, mas num mundo tão diverso, que é a realidade em que estamos, faltam referenciais seguros para a vida.

A família cristã não está fadada ao fracasso. Antes, se firma como um desses referenciais dentro da gama de possibilidades oferecidas pela pós-modernidade. O grande diferencial é justamente a história e a concretude acumuladas por essa instituição, o que faz dela uma realidade imprescindível nesses nossos tempos. Aí entra o entendimento da novidade de que tratamos, como retorno às origens e às fontes dentro do cristianismo, recuperando valores de certa forma adormecidos ou em desuso para a adequação aos tempos desafiadores que vivemos. Assim, nos é dada esta constatação:

Efetivamente, a família, que nasce da íntima comunhão de vida e de amor fundada no matrimônio entre um homem e uma mulher, possui uma dimensão social própria, específica e originária, enquanto lugar primário de relações interpessoais, célula primeira e vital da sociedade: esta é uma instituição divina que está colocada como fundamento da vida das pessoas, como protótipo de todo ordenamento social (COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA, 2011, p. 130).

Nessa perspectiva, devemos compreender essa presença e essa atuação da família cristã como um desígnio do próprio Deus para ajudá-la na obra redentora da humanidade. Dentre os muitos mistérios do Criador, a família cristã figura como aquele desejado para salvaguardar a

geração e educação de pessoas prontas para elevar a humanidade ao ponto de entender sua missão dentro da história da salvação.

Os muitos mistérios dentro de nossa caminhada devem ser compreendidos como realidades às quais só temos acesso no tempo definido por Deus, que se manifesta e se revela plenamente em nossa história, mas, por nossa condição humana, não o conseguimos apreender na totalidade, mas aos poucos e em determinados acontecimentos e situações. Sobre isso nos fala Pe. Caffarel:

Na linguagem cristã, essa palavra “mistério” é reservada à vida e à ação de Deus: Há um mistério da Trindade, um mistério da Encarnação, um mistério da Redenção. O que o matrimônio evoca e simboliza é o mistério de Cristo e da Igreja. há na união do homem com a mulher algo que evoca a união inefável do Redentor com a humanidade salva. [...] Não é, pois, profanar o mistério de Cristo, descobri-lo por assim dizer incrustado nas profundezas dos amores humanos; é ver neles o seu caráter de sinais sagrados, de evocações divinas (CAFFAREL, 2015, p. 53).

A família cristã, o amor e a união conjugais, os filhos gerados ou agregados no amor e a missão dessas pessoas são mais um dos mistérios de nossa evolução e da história escrita por Deus para a humanidade. Tudo isso é originado do próprio amor do Criador para conosco. Um amor que quer nosso bem de maneira gratuita, que nos desejou, nos mantém e nos quer salvar. Essa é a combinação que dá sentido ao mistério envolvido na família cristã, ela é moldada ao próprio Deus, assim como nossa humanidade se imagina e assemelha a Ele mesmo.

Evocamos aqui o sentido da *kenosis* desse amor como o exemplo do amor do Pai pelo Filho no Espírito: o Deus que se “abaixa” até nossa humanidade, para elevar-nos à sua divindade. Na união conjugal há uma aproximação divinizadora entre homem e mulher, que os coloca em condições de descobrir o fundamento último do amor na acolhida e comprometimento de um com o outro. O amor fruto da própria comunidade trinitária, melhor modelo de convivência a ser adotado pelos que optam por viverem unidos em Cristo. Sobre isso:

O grande trabalho do amor é realizar progressivamente a união em todos os planos: no plano dos corpos, das inteligências, dos corações, das atividades. Só aquele que o tentou pacientemente sabe o quanto isso é duro: mas sabe também que alegria e que força daí resultam. A união de Cristo com os seus membros não é nem menos total, nem menos difícil, nem menos fecunda. Exige o mesmo esforço, traz a mesma alegria (CAFFAREL, 2015, p. 54).

O resultado só pode ser uma experiência de grande relevância, tanto para suas vidas particulares quanto para aqueles que participarem mais diretamente dessa unidade amorosa, bem como toda a comunidade dos fiéis e todas as pessoas da sociedade, que passam a contar

com mais um referencial de amor. Porque é exatamente isso que essa família vai se tornar: um imenso referencial de vida fraterna e de amor doação, sempre tendo o amor de Cristo pela Igreja como meta e itinerário.

Daí nos vem a ideia de que o desconhecimento do mundo em relação à importância e eficácia de uma estrutura familiar adequada, dentro do modelo proposto por Jesus, pode colocá-la na dimensão de mistério enquanto não entendimento de como tal realidade funciona ou consegue se manter durante os séculos, apesar das imensas mudanças pelas quais o mundo passou até hoje. Ou seja, as pessoas, limitadas pelos contextos em que vivem ou nos quais acreditam, não conseguem alcançar a magnitude do que está presente e visível nas uniões conjugais e famílias cristãs, ocasionando, a partir desse desconhecimento, sua desvalorização. Constatamos a partir do exposto:

Em um mundo materialista e marcado pelo ateísmo, parece que os casais cristãos que fazem a experiência incomparável da riqueza do matrimônio, por meio de sua vida eclesial e sacramental, já não podem contentar-se em testemunhar o valor deste modelo conjugal. Em uma sociedade que não aceita mais um sistema de verdades preestabelecidas, é indispensável, se não queremos faltar à nossa missão apostólica de batizados unidos pelo sacramento do Matrimônio, demonstrar e justificar pela nossa ação como as características do matrimônio cristão são compreensíveis, admissíveis e benéficas, sob o ponto de vista humano, mesmo quando não esclarecidas pela fé (GUIA DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA, 2013, p. 180).

Outrossim, há alguma intencionalidade em desvalorizar a família por motivos diversos. Num mundo e numa sociedade tão complexos, temos que avaliar que existem motivações as mais esdrúxulas e egoístas que também podem interferir, tanto no entendimento da funcionalidade e importância das famílias ajustadas, como em processos que resultem em sua desvalorização.

Um ponto interessante em relação a esse descaso de algumas pessoas pela união conjugal e a construção de uma família cristã se dá pelo fato de elas perceberem que há crises dentro dessa realidade. Sua superficialidade de conhecimento e até mesmo de vida lhes impede de perceber que não há nenhuma modalidade de vida que esteja imune às crises. Esse desejo tão antigo dos seres humanos de viverem sem problemas ou sem suas consequências faz com que muitas experiências sejam avaliadas de maneira totalmente superficial, como no caso do que fazem em relação à união conjugal. Assim:

A nossa experiência de fé cristã faz de nós testemunhas privilegiadas, não para impor nossos costumes a uma sociedade que não os quer, mas para revelar as características do êxito do amor humano a uma sociedade que as oculta. O desafio hoje é encontrar novas maneiras para provar, sobretudo aos jovens, que o casal e a família não são uma fonte de prisão, mas, ao contrário, são uma

fonte de liberdade interior, de abertura, caminho de felicidade e caminho para Deus (GUIA DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA, 2013, p. 180).

Não há receita mágica para impedir que as crises e os erros aconteçam. No entanto, se tanto os cônjuges como os outros membros da família se desenvolvem dentro de ideais e doutrina cristãs, as mesmas crises passam a ter significado dentro da proposta de crescimento humano e espiritual, bem como passam a ser oportunidade de aprendizado e de fortalecimento dos laços que os unem.

Mais uma vez, temos aqui os valores pós-modernos de fragmentação e superficialidade interferindo na vida de pessoas que, buscando a total estabilidade, não são capazes de se lançarem nas experiências humanas que podem lhes dar essa mesma estabilidade, com o diferencial de ter a capacidade de lidar com os problemas e enfrentar as crises. Assim, o entendimento acerca da realidade espiritual do matrimônio passa obrigatoriamente pela aceitação da possibilidade do sofrimento porque é uma categoria eminentemente humana. Segundo Padre Caffarel:

O matrimônio evoca ainda a união de Cristo com a Igreja como um mistério de sofrimento. Foi sobre a Cruz que nosso Redentor se uniu para sempre à humanidade [...]. O grande estupor dos aprendizes do amor é descobrir que se pode sofrer, não somente um ao lado do outro, não somente um para o outro, mas também um pelo outro, um do outro; e, no entanto, só quando se aceitou humildemente esse sofrimento é que se percebe os mais belos horizontes do amor; amor e dor, amor e sacrifício, amor e redenção são palavras que já não se podem desligar. Um casal que medita diante da Cruz, nela reconhece suas próprias provações e compreende melhor “a amplitude e a profundidade” da caridade de Deus (CAFFAREL, 2015, p. 54).

Para que um jardim produza potencialmente, é preciso cuidar da terra, adubar, regar, podar e nem sempre o resultado é o planejado. Então, é necessário repetir o processo tantas vezes quantas forem necessárias para obter o que se desejou ou planejou. Haverá aridez, haverá ataques de pragas, o cansaço muitas vezes irá chegar, a vontade de desistir, inclusive. Mas, visibilizando essa metáfora, sabemos que o segredo de se conseguir é exatamente não desistir de tentar fazê-lo.

Imaginemos que, nesse processo de cultivo, tenhamos ajuda de alguém bem mais experiente e com dons para cuidar desse jardim de maneira amorosa e eficaz. Pois bem. Que amorosidade e eficácia maior do que a do próprio Senhor quando o permitimos participar de nossas vidas! Mais ainda. Que resultados teremos se entregarmos esse cultivo de nossas famílias dentro da união conjugal nas mãos do Divino Mestre! Ao nos espelharmos em suas qualidades, mesmo que ocorram todas as intempéries, que tenhamos diversas dificuldades, que cansemos e até mesmo pensemos em desistir, seremos fortalecidos por sua presença divinal em nossas vidas

e faremos esse nosso jardim de amor florescer. Podemos assim compreender a mistagogia do matrimônio cristão:

A graça do matrimônio procede da caridade que une Cristo com a Igreja, que leva Cristo a entregar sua vida pela salvação do mundo, que santifica, purifica e embeleza sua esposa, a Igreja. a graça do matrimônio tem presente a debilidade da natureza humana, que sente na própria carne a força do pecado; mas visa sobretudo à dignidade do matrimônio e à grandeza da missão que os esposos cristãos exercem, segundo o projeto de Deus na ordem da criação e na da redenção (FLÓREZ, 2008, p. 221).

Tal florescimento encantará a todos quantos puderem vislumbrá-lo. Ao contemplarem a beleza e a diversidade de suas flores, quantos não desejarão fazer o mesmo? Assim como um belo e bem cuidado jardim atrai vida para si, quanta diversidade de vida não poderá ser incentivada pela existência do que viermos a cultivar? O odor de suas flores existenciais e espirituais se espalhará pela sociedade de modo a se tornar desejável a quantos não têm algo semelhante. Sua beleza visual será fonte de inspiração para outras pessoas, casais especialmente, seus espécimes de amor, mansidão, carinho, afeto, cuidado, compreensão, amor-doação, partilha, temor de Deus e evangelização através do testemunho firme e sincero de tais realidades vivenciadas.

Padre Caffarel, no discurso de 3 de maio de 1987, em Chantilly, na França – 14 anos depois de ter-se afastado do serviço de SCE do Movimento –, elabora uma síntese de sua percepção sobre alguns sinais de fragilidade e limites das ENS. Naquele momento, ele demonstra preocupação com aqueles que envelhecem para que as ENS os ajudem a continuar a progredir para a santidade. Esta é uma lacuna que ainda precisa de maior atenção em desenvolver estratégias específicas.

Outros limites desta experiência situam-se no fato de ao longo de sua história e estruturação do movimento se colocar tendendo mais às linhas conservadoras e perdendo fôlego no tocante ao profetismo e aos novos desafios de uma sociedade em constante progresso. O acento, no momento presente, concentra-se na normatização das regras para preservação do carisma do que numa atenção aos sinais e dinâmicas de uma sociedade em constante mudança e transformações. Mesmo diante da abertura, incentivos e provocações do Papa Francisco. Mesmo assim, tendem ao conservadorismo em vistas da autopreservação.

Uma outra questão que fez com que as ENS tivessem fama de movimento elitista é a estruturação organizacional pesada e onerosa. Bem sabemos que para elaboração de material de expediente e formativo, bem como estruturar e organizar um movimento com características globais não é simples e economicamente fácil. Contudo, há uma tendência humana de propostas de encontros e retiros em lugares onerosos sem levar em consideração a realidade

socioeconômica das famílias que, por motivos econômicos ou falta de abertura do casal, alguns membros ficam privados desta experiência.

No tocante às instruções claras sobre vivência da sexualidade na vida matrimonial, o movimento tem dado passos na reflexão. Contudo, há um fator limitante: o preciosismo doutrinal e eclesial. Muito embora já se tenham feito consultas e pesquisas, é um tema que no movimento ainda tem pouca literatura. Tal escassez foi elencada no discurso do Padre Caffarel, em 1987:

“O Papa perguntou-nos, então, sobre qual tema gostaríamos que ele nos falasse, e eu propus que nos desse uma apresentação sobre o sentido humano e cristão da sexualidade. Preparamos uma nota de 30 folhas sobre este tema. Submetemo-la a Paulo VI e ele nos respondeu que o tema não estava maduro e, portanto, não poderia atender nosso desejo” “... prega-se a moralidade do matrimônio, diz o que está permitido e o que está proibido, porém não se oferece aos cristãos casados nem um só livro sobre a maneira de fazer bem o amor, sobre a maneira de viver bem a relação sexual (digam-me se conhecem algum, eu não conheço)” (CAFFAREL, 2019, p. 48-49).

Somente em 2012, a Equipe Responsável Internacional (ERI) é que veio dar o pontapé inicial na perspectiva de que se retomasse a reflexão sobre o tema sexualidade na rota do caminho de santidade. Tal provocação deu origem ao livro revisado pelo Padre Flávio Cavalca sobre sexualidade e espiritualidade conjugal – único do gênero no movimento – que traz algumas instruções gerais e uma provocação de um convite ao diálogo.

Por fim, o Pe. Caffarel afirma que é preciso que os cônjuges tenham resiliência e se animem mutuamente no caminho a ser percorrido e que nunca se dirá demasiado que a vida conjugal é um caminho cotidiano de santidade, e acentuem que:

“toda razão de ser de um caminho é conduzir a um termo, que a grande ambição dos companheiros de caminhada deve ser não “instalar-se” na terra, mas caminhar juntos para a casa do Pai, onde encontrarão “companheiros de eternidade” (CAFFAREL, 2009, p. 206).

Dessa forma, enquanto peregrinos na terra, há um caminho espiritual, com muito esforço pessoal, a ser percorrido. Assim, no capítulo que se segue, apresentaremos alguns indicadores constitutivos das ENS e sua possível pertinência para atualidade. Refletiremos sobre a busca de sentido na relação conjugal; a busca pelo testemunho de fé a partir do sacramento do matrimônio e, por fim, situaremos a missão do casal cristão das ENS na missão da Igreja.

CAPÍTULO 3

PERTINÊNCIA DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA PARA A ATUALIDADE

Uma vez que nos dois capítulos anteriores buscamos situar as ENS no contexto da missão da Igreja inserida nos ambientes sociais, culturais e nos desafios da pós-modernidade, acreditamos ser o momento oportuno de nos ater aos possíveis contributos, além dos já elencados anteriormente, deste movimento de casais para a missão da Igreja Católica, na sociedade contemporânea. Fizemos o percurso até este presente momento partindo das bases estruturais do movimento, localizando seu carisma e missão como pequena célula da Igreja. Dialogamos com alguns teólogos pastoralistas, citamos alguns documentos da Igreja e do movimento, escritos do Padre Caffarel e, por fim, os documentos da doutrina social da Igreja.

Neste próximo passo, fixaremos nossa atenção na busca de sentido para vida pessoal na relação conjugal. Buscaremos nas ENS, possíveis contribuições para o acompanhamento pastoral colaborativo no desenvolvimento ou aprofundamento da espiritualidade conjugal na atualidade.

Uma vez que enfatizamos tal afirmação, precisamos fazer mais um corte epistemológico: trata-se de uma experiência exclusiva de um grupo heteronormativo, cristão e católico. No entanto, por se tratar de relacionamento humano e do aprofundamento espiritual, poderá perfeitamente contribuir e iniciar outros casais que não estejam dentro dos parâmetros pré-estabelecidos das ENS. Contudo, vale salientar que não existe nas ENS, até o presente momento, nenhum documento que acene para tal abertura. Vejamos o que diz, o Padre Caffarel:

Existe uma coisa que chama enormemente a atenção: a diferença das reações em casais interessados nas Equipes, especialmente aqueles que possuem menos de 10 anos de vida de casados: situam-se em ambos os lados de uma linha de demarcação. Algumas pessoas obcecadas pelos grandes problemas atuais, políticos, sociais, internacionais, teológicos... Experimentam a necessidade de se agrupar essencialmente para discutir estes problemas sobre a luz cristã. Outros estão fascinados pela ideia de um movimento, onde se reúnem com uma única finalidade: aprofundar o conhecimento de Cristo, de sua mensagem e dos caminhos que, no matrimônio, conduzem a esta união com ele, tal como foi definido por São Paulo em sua célebre frase: “estou crucificado com Cristo; estou vivo, mas eu não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). (CAFFAREL, 2019, p. 87).

A fim de fixar as bases das ENS e salvaguardar o carisma, ao longo dos anos foram-se estabelecendo alguns passos fundamentais no caminho desta espiritualidade específica. Assim, este terceiro capítulo deter-se-á em três aspectos que evidenciam a pertinência das ENS, hoje.

Após percorrermos nas páginas iniciais tratando no primeiro capítulo sobre o contexto histórico em que surgiram as ENS, bem como, o contexto eclesial onde cresceu e os desafios enfrentados. No segundo capítulo, aprofundamos um pouco mais a questão da fundamentação bíblico-teológica das ENS. Nesse terceiro capítulo, a partir daqui, discorreremos sobre a possível pertinência das ENS para atualidade, a busca de sentido (indivíduo – casal) na relação conjugal; a necessidade do testemunho de fé no matrimônio; e, por fim, a missão a ser abraçada pelo casal membro das ENS na missão da Igreja.

3.1 BUSCA DE SENTIDO PARA VIDA PESSOAL NA RELAÇÃO CONJUGAL

A decisão por abraçar a vida matrimonial é antes de tudo uma decisão a dois e não uma escolha solitária. Quem procura o casamento está à procura da felicidade, ainda que todos saibam que nesta terra toda e qualquer felicidade é limitada e relativa. Quem se casa quer ser feliz, porque espera que a outra pessoa, ‘dando-se-lhe’ traga uma riqueza nova, traga-lhe uma complementação, de tal maneira que pelo casamento possa ser mais.

Daí, em busca de sentido, a necessidade do cultivo do mistério e do encantamento de cada indivíduo em vista de conservar no olhar do esposo/esposa o desejo e a atração, na relação conjugal. No livro dos Cânticos dos Cânticos esta atração aparece de forma direta e permeada de posse, quando diz, a amada: “O meu amado é todo meu eu sou dele” (Ct 6,3 e 2,16). Por outro lado, com um olhar menos poético, Padre Flávio Cavalca diz:

Quem se casa quer união, união que vença a solidão. Toda e qualquer pessoa humana consciente percebe-se solitária. Uma solidão inerente ao jeito de ser humano, solidão fundamental, da qual não se pode escapar... quem se casa, procura atenuar essa solidão mediante a íntima convivência com um homem ou com uma mulher. Não que o casamento possa afinal trazer plena e total satisfação e anular a solidão. Mas a convivência amorosa entre o casal poderá ser o início da conquista da comunhão, com a qual todo ser humano sonha, como se alguma vez já tivesse experimentado (CAVALCA, 2015, p. 150).

Nesse aspecto, as ENS, se propõem – com uma metodologia específica – a percorrer com os casais esse caminho de aprendizado e de busca pela comunhão na vida a dois. O caminho da espiritualidade conjugal, proposto pelo movimento, integra uma proposta para indivíduos casados. Trata-se de uma proposta ao casal que pressupõe, da parte dele, abertura, motivação e mútua ajuda.

No contexto da vida matrimonial, a salvação, para nós vem pelo amor, ou melhor, poderíamos até dizer, o amor é salvo pelo amor. Na vida do cristão, crê-se que nós somos salvos pelo amor. Inspirados no amor-doação de Cristo e no amor-comunhão da Trindade, tem-se

referenciais para pautar a caminhada em casal, levando em consideração o contexto e as limitações de cada um.

Esse amor de Deus é gratuito e totalmente imerecido por nós, é um amor irreversível. Deus nos ama e ama para sempre e ama-nos incondicionalmente. Desta forma, como força, esse amor novo e divino impele-nos. O amor é dinâmico, é força que nos arrasta. E, por isso mesmo, de certa maneira também nos leva a abraçar, respeitar e amar todas as criaturas, enquanto manifestações do amor de Deus. É pelo amor que vem de Deus que nós vivemos no entusiasmo e, ao mesmo tempo, numa tranquila inquietação – solidão e comunhão.

Assim, nunca estamos totalmente satisfeitos conosco, nem com os outros, e também nunca estamos satisfeitos com o amor que temos a Deus. No entanto, o amor que Deus infunde em nós é amor que necessariamente nos leva ao agir. Porém, antes de mais nada, é necessário fazer a experiência do encontro com o amor.

Essa busca vai exigir uma luta contínua para ouvir os convites do amor; vai exigir discernimento, esforço e abnegação para corresponder aos desafios que a graça nos apresenta. Crescer no amor, afinal, além da fé e da vida de oração, exige que o casal saiba olhar ao seu redor e se perceba como pessoas, transformadas pela graça de Deus, e, portanto, cheias de esperança, capazes de amar e de serem amadas.

Todavia, trata-se de um caminho de contínuo aprendizado - a partir das realidades espirituais, das relações sociais e dos referenciais teóricos que ‘bebemos’. Assim, ensina-se nas ENS:

Desde o início, as Equipes de Nossa Senhora foram concebidas pelo seu fundador como um movimento que se deve se abrir as influências exteriores, em particular por meio da cultura, e não se fechar sobre o lar, por mais cristão que seja. A vida cristã não se nutre somente de devoção e o casal não se reduz a um frente a frente. A oração e o compromisso ou o serviço, devem se apoiar no exercício da inteligência, recorrendo a leituras de conteúdo (ENS, 2011, p. 54).

Leituras de conteúdo que suscitem uma real esperança! A ideia bíblica cristã de esperança vai muito além de uma simples experiência. É uma atitude que se assume diante do futuro, uma atitude que só é possível para quem sabe que enquanto depende da bondade da promessa divina, infalivelmente encontrará a felicidade, o bem que deseja, mas ainda não tem de forma plena. Esperar, nesse caso, é permanecer firme apesar das dificuldades e das aparentes derrotas. Assim, descobrimos que a esperança é uma força, uma faculdade criada por Deus em nós, que nos possibilita olhar para o presente e principalmente para o futuro de uma determinada maneira: à maneira de Cristo.

Ao casal que tem esperança, naturalmente a vida, em meio aos seus desafios, desperta-lhe para que conserve o olhar com otimismo, não um ingênuo otimismo, mas o otimismo da realidade, otimismo que sabe pesar prós e contras, otimismo que sabe ser prudente, mas que também sabe ser audaz.

Não é necessário que pensemos na santidade como conjunto de gestos extraordinários ou modos de agir incomuns, raros, distante da vida das pessoas simples com as quais convivemos. Cada um é chamado a santidade no seu estado de vida. Cada um percorre um caminho próprio e particular de santidade. É importante, portanto, compreender que cada um tem seu próprio caminho, único e irrepetível, de acordo com a missão: individual ou em casal.

Como seres humanos, imperfeitos e pecadores, Jesus pede a perfeição (a santidade) por meio da prática do amor, amando os inimigos, orando por aqueles que perseguem, sendo diferentes dos gentios e publicanos. Na verdade, devemos então amar sem distinção. Cristo nos sugere que o “caminho cristão” rumo à perfeição, a santidade, é um caminho nunca acabado, e que precisamos percorrê-lo com nossos olhos postos nesse Deus Santo que nos espera no final de nossa viagem terrena. Nunca seremos perfeitos, iguais a Deus. Contudo, o chamado a perfeição é o parâmetro que nos guia em nossa jornada rumo à pátria celeste.

Uma vez que compreendemos o propósito de santidade, a vida conjugal, torna-se um pacto do amor de amor, com elevado significado espiritual, em que cada cônjuge é para o outro sinal instrumento da proximidade do Senhor, que não os deixa sozinhos nesse caminho de santidade. “Estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (cf. Mt 28,20).

Assim, não se pode falar em santidade na vida conjugal sem viver, segundo o Espírito de Cristo, a realidade que a constitui e as exigências que trazem consigo, o que significa dizer que é do sacramento do matrimônio que deriva - para os cônjuges - tanto o dom e a graça de Deus quanto a obrigação de viver no dia-a-dia a santificação recebida por meio deste pacto ou aliança de amor. Dessa forma, o amor conjugal marca um estilo de vida. É uma exigência interior, “é uma pertença do coração”, lá onde só Deus vê. Assim, afirma o Papa Francisco:

Cada manhã, quando se levanta, o cônjuge renova diante de Deus esta decisão de fidelidade, suceda o que suceder ao longo do dia. E cada um, quando vai dormir, espera levantar-se para continuar essa aventura, confiando na ajuda do Senhor (AL 319).

A fonte do amor cristão não está no coração do homem, mas em Deus. Vivemos, hoje, inseridos numa realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente a sociedade e suas instituições. São diversos os fatores determinantes dessas mudanças, que acontecem de forma cada vez mais vertiginosa em quase todos os setores e que são comunicadas

com grande velocidade a todos os cantos do planeta. Essas mudanças atingem as pessoas, as famílias e os casais, os seus valores, o seu estilo de vida, a sua maneira de se relacionar com Deus, com próximo e com a natureza.

Por essa razão, a santificação exige vencer muitos inimigos. A graça nos capacita à luta diária contra arrogância e a prepotência, pois não existe santidade sem ação de Deus, isso é um combate espiritual. Ao cristão, cabe buscar conhecer mais a sua religião esforçar-se na caminhada para a própria santidade, mas reconhecendo humildemente o insondável mistério da misericórdia de Deus - único que pode salvar e tornar santa a pessoa humana.

O cardeal José Tolentino Mendonça, na ocasião em que os casais das ENS se encontravam para o 12º Encontro Internacional em Fátima, em uma das suas conferências, dizia-lhes:

Quando na prática da oração comum dos fiéis dizemos “o pão nosso de cada dia”, pedimos “a Deus que o pão de cada dia não faça bem só ao estômago, mas também a alma e o coração. Isto é, que o pão se possa revestir de um sentido tão humano que seja divino. Que o que em cada dia vamos construindo tenha um sentido transcendente e não seja apenas uma coisa muda, que nada diz. Que o trabalho não seja apenas uma atividade mecânica e obrigatória, mas que pressinta nele algo mais: o amor de Deus, o coração de Deus, a vida de Deus” (TOLENTINO, 2014, p. 51).

A vida matrimonial dos batizados, o conjunto de toda sua vida, em todas as suas realidades espirituais, materiais, afetivas e carnis, todo esse conjunto, é assumido por Cristo. Presente entre eles - pelo Cristo que salva, cura e perdoa, apoia e impulsiona, alegre e consola, dá forças - para o amar presente e projeta para o amar futuro. Tal realidade faz com que cheguemos ao entendimento que a vida conjugal dos batizados é uma resposta mais plena de Deus aos anseios do ser humano. E, neste contexto, segundo o Padre Flávio Cavalca, as ENS têm algo a dizer:

Os casais das ENS estão marcados por uma vocação e por um carisma. Por sua vida matrimonial, assumida com o caminho de perfeição cristã, devem ser fatores de transformação e de salvação para todos os casais. São enviados para fazer acontecer a felicidade trazida por Cristo. Podem e devem manifestar em sua vida o amor de Deus, seu rosto paterno e materno (CAVALCA, 2015, p. 159).

Na busca por sentido no campo pessoal ou conjugal, como intuição do movimento, faz-se necessário um caminho de integração e reconciliação entre o Amor e o Matrimônio. Não precisamos nos aprofundar numa vasta bibliografia sobre esta realidade. Facilmente ouvimos ecoar frases populares: “o amor é uma coisa; o casamento é outra”. O caminho espiritual, proposto pelas ENS, perpassa e atinge frontalmente tais afirmações propondo uma

espiritualidade conjugal e uma proposta de santidade que compreende e compromete integralmente a vida do casal.

Uma segunda reconciliação se impõe como necessária: Religião e Amor a Cristo são uma única coisa! Nos testemunhos de fé e nas palavras e acentos de alguns homilistas, por vezes, há esta ênfase dual e “quase” antagônica: Cristo e a Igreja. Torna-se imperativo absoluto, no progredir para santidade em casal, integrar estes dois amores: o Amor ao Cônjuge e o Amor a Cristo. Aqui, vale ressaltar que não são amores antagônicos ou amores totalitários e intransigentes, mas que coabitam perfeitamente integrados na vida espiritual. Nesse sentido, destaca o Papa Francisco:

O matrimônio é um sinal precioso, porque, quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do matrimônio, Deus, por assim dizer, “espelha-Se” neles, imprime neles as suas características e o carácter indelével do seu amor. O matrimônio é o ícone do amor de Deus por nós. Com efeito, também Deus é comunhão: as três Pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – vivem desde sempre e para sempre em unidade perfeita. É precisamente nisto que consiste o mistério do matrimônio: dos dois esposos, Deus faz uma só existência. Isto tem consequências muito concretas na vida do dia-a-dia, porque, em virtude do sacramento, os esposos são investidos numa autêntica missão, para que possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja, continuando a dar a vida por ela (AL 121).

Em busca de tornar visível este mistério que se realiza na vida do casal, as ENS se propõem em ajudar. Como se trata de um movimento de espiritualidade conjugal a própria palavra movimento implica progressão e se opõe aquilo que é parado. Requer um dinamismo e uma atualização cotidiana da espiritualidade a ser vivenciada pelo casal.

É interessante delimitar aqui que, por espiritualidade, nós consideramos o próprio conceito do movimento que diz tratar-se de uma função de energia interna de toda a vida cristã e, portanto, caracterizada por uma certa prioridade ao caminho espiritual.

O Evangelho de Mateus (Mt 5,48) traz a seguinte afirmação: “sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito”. A proposta de uma vivência cristã que conduza homens e mulheres a perfeição, ao aperfeiçoamento humano ou abertura a transcendência, traz consigo a necessidade de uma pedagogia, ou seja, de uma vivência prática ao longo da vida.

Na realidade conjugal, surge a necessidade de uma definição mais clara. Pois trata-se de duas pessoas que formam agora um ente – a família- e, portanto, como casal, traz a necessidade de crescimento amadurecimento. Assim sendo, não basta apenas o esforço de um dos cônjuges, mas que este caminho seja percorrido em casal e que haja uma mútua ajuda neste itinerário espiritual a ser assimilado e cultivado na vida e no lar.

No processo de iniciação ao movimento das ENS há uma grande atenção para a formação bíblico-eclesial de seus membros. Tendo em vista a assunção da missão de testemunhar como leigos a força do amor que une e amplia os horizontes do homem e da mulher casados. Dessa forma, não se trata de uma missão individual, mas a Igreja que confia ao casal a missão de testemunhar o amor e a fraternidade. O esforço, nesse caso, entra como meio de aperfeiçoamento na vida conjugal. O Concílio Vaticano II, no Decreto *Apostolicam Actuositatem*, provoca e convida os leigos à Missão:

A tarefa universal da missão da igreja, considerando-se ao mesmo tempo o progresso das instituições e a marcha impetuosa da sociedade atual, exige que as iniciativas apostólicas dos católicos aperfeiçoem sempre mais as suas associações no campo internacional. As organizações internacionais católicas atingiram melhor a sua finalidade se os grupos que ela se incorpora assim como seus membros se unirem mais intimamente a elas (AA 15).

No entanto, muito mais do que um aglomerado de pessoas, as ENS crescem exponencialmente, marcando sua presença em diversos países, se inserindo na missão da Igreja com a especificidade da espiritualidade conjugal. No mesmo Decreto, para destacar a missão específica dos leigos e ao mesmo tempo despertar os sacerdotes e bispos das igrejas locais para receberem e apoiarem os crescentes movimento dos leigos, o Papa São Paulo VI diz o seguinte:

Todos os agrupamentos de apostolado merecem estima: aqueles, porém que a hierarquia, segundo as necessidades dos tempos e lugares, se está ou recomendar ou decretar com mais urgentes a serem instituídos, devem ser tidos em alto apreço pelos sacerdotes, religiosos e leigos e promovido segundo a forma que lhe é própria. Entre estes, porém, merecem figura as organizações e grupos internacionais de católicos (AA 21).

Esse documento traz a preocupação e o cuidado em preservar e ao mesmo tempo animar o sopro do espírito experimentado na vida dos leigos e leigas que com sua missão específica de se doarem e se colocarem a serviço da Igreja unindo-se a sua missão. Todavia, no contexto das ENS, não se trata de uma realidade desprovida de formação para missão. Somente após concluído o processo chamado pilotagem, o casal, como membro do movimento, tem plenas condições de testemunhar a Cristo como expressão de amor e fé do Casal e da Igreja. Antevendo tal preocupação, na Carta Mensal de dezembro de 1959, Padre Caffarel alertou para um perigo semelhante:

Entrar nas Equipes de Nossa Senhora é perigoso. Quando ainda não tínhamos estatuto, as Equipes eram ameaçadas pelo perigo que ronda todo movimento cuja mística não é sustentada por obrigações: os espíritos são a aquecidos pelo sopro desta mística, mas a vida permanece estagnada. Graças aos Estatutos, as Equipes são hoje seriamente sustentadas por obrigações. Porém, cuidado com o novo perigo: esvaziar as obrigações de seu espírito. Deve-se, de fato, temer que a prática das obrigações se transforme em finalidade, em

ideal, em limite e que os membros das Equipes possam pensar que a perfeição cristã consiste em respeitar as obrigações dos estatutos. Eles se estimariam perfeitos com facilidade e descansariam gostosamente no travesseiro do contentamento de si e da boa consciência. Nossas Equipes iriam formar cristãos ou produzir fariseus? (ENS, 2011, p. 97).

Nesse aspecto, poderíamos dizer que a vida espiritual pressupõe esforços e um conjunto de obrigações para canalizar as energias vitais em prol da qualidade da vida conjugal e familiar. Porém, não é algo fácil e simples! A vida espiritual é uma ciência e uma arte que milhares de mestres espirituais, a partir dos ensinamentos de Cristo, esforçam-se por adaptar aos homens de sua época. Nesse cenário, as ENS, como um movimento, em contínua composição e construção da espiritualidade conjugal, assumem este itinerário espiritual, graças a abertura e generosidade de cada Equipe e dos Sacerdotes Conselheiros Espirituais.

No encontro de Roma, em 1970, dois mil casais das ENS reuniram-se na presença do Papa São Paulo VI. Ele se dirigiu a eles com as seguintes palavras:

Desejaria poder lhes comunicar minha convicção de que um casal de “buscadores de Deus” em nosso mundo, que já não acredita em Deus, que já não acredita no amor, é uma “teofania”, uma manifestação de Deus, como foi para Moisés aquelas Sarça do deserto, que ardia sem ser consumida. Quando o seu matrimônio, quando seu amor dá testemunho de Deus, que é amor, então os casais devem e podem dar testemunho da palavra que será referendada por sua vida (CAFFAREL, 2019, p. 32).

Esta é a motivação esperada, por parte das ENS, aos casais que acorrem ao movimento: percorrer um caminho como buscadores de Deus, com desejo de santidade! Nisto há uma convergência com o que propõe Padre Caffarel, para o movimento: “as Equipes devem ser, ao mesmo tempo, lugar de iniciação à Espiritualidade conjugal e familiar, mas devem também ser um Movimento que tem por objetivo levar os casais a buscarem a perfeição” (cf. ENS, 2020, p. 5). É importante dar clareza que não se trata de um perfeccionismo frustrante, mas de uma caminhada contínua que implica abertura, método, esforço e, o primordial, a Escuta atenta da Palavra de Deus.

Por essa razão, este movimento de espiritualidade conjugal pode oferecer aos casais uma possível e sólida formação que os ajudará na busca de sentido para vida a dois. Não é algo mágico nem fora da realidade de cada casal, porém, traz o instrumental eclesial e espiritual que proporcionará ao casal o amadurecimento e uma melhor acomodação à condição de casados.

Por conseguinte, o específico da vida conjugal é que o casamento realiza a união de duas pessoas e, portanto, a perfeição nesse contexto não será do indivíduo mais da união. O amor conjugal, por si mesmo, já é uma força de união, mas requer a colaboração ativa de ambos.

Além da força, determinação e empenho do casal, é a graça e o amor de Deus que auxiliam os esposos para que a união a cada dia se torne mais firme. Para isso, é preciso querer. Querer que ele seja o chefe e o Senhor do próprio lar. Querer fazer do Evangelho o estatuto da própria família, e fazer assim da união conjugal um louvor a Deus e um testemunho aos homens.

3.2 TESTEMUNHO DA FÉ CRISTÃ NO MATRIMÔNIO

A característica principal do movimento das ENS é ser formado e constituído por casais que - a partir do matrimônio - aspiram levar uma vida integralmente cristã, através do carisma da espiritualidade conjugal. E especificamente o que diferencia as ENS é que se destinam a casais cristãos decididos a adotar os métodos propostos pelo movimento. Tendo como ideal a ser alcançado a santidade para qual Cristo chama a cada cristão e a própria Igreja. Sendo, portanto, esse ideal de perfeição não uma neurose mais um projeto de vida para a santificação da família.

Para fins conceituais, é interessante distinguir este modelo de santidade ou esta proposta de santidade, afim de que não seja apenas uma ideia distorcida, vejamos a definição de busca por santidade no contexto das ENS: “Para nós Equipistas, a santificação é um caminho a dois, em equipe, em comunidade eclesial. Cada cônjuge é um instrumento de santificação do outro cônjuge. Cada equipista é um instrumento para santificação do outro equipista” (ENS, 2019, p. 9).

Apesar de ser um dom e uma graça de Deus, cabe ao homem ou ao casal conservar, alimentar e desenvolver esta santidade recebida gratuitamente de Deus. Dessa forma, orientar os seus passos e tender para santidade. Daí, vê-se não se tratar de um projeto estático, mas contínuo. Isso requer esforço, perseverança e determinação (mística, disciplina e ascese). Nessa via, e por esse itinerário, o casal ou indivíduo não ficará isento dos tropeços, cansaços e desânimo. É essencial, portanto, considerar as limitações humanas daqueles que se desafiam a percorrer esse itinerário em busca do ideal cristão: a santidade. Nesse sentido, escreve o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete Et Exsultate*:

Cada Cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo. Assim nos ensinaram os bispos da África ocidental: “Somos chamados, no Espírito da Nova Evangelização, a ser evangelizados e a evangelizar através da promoção de todos os batizados para que assumam suas tarefas como sal da terra e luz do mundo onde quer que nos encontremos (GE 33).

Interessante frisar bem que não se trata de uma ambição idealizada meramente humana, mas se trata de uma meta a ser objetivada. A proposta e o específico do movimento é conduzir, a partir de métodos avaliados e experimentados ao longo do tempo, por uma via de espiritualidade que possa se ajustar melhor à condição de cristãos casados.

A família, fundada no casamento, é uma sábia instituição do Criador para realizar na humanidade seu desígnio de amor (cf. HV 8). Em relação à pluralidade das tipologias de “Família” presentes hoje, desejamos evidenciar as razões que colocam o casamento, os cônjuges e a família como base da construção da sociedade.

Face ao anonimato e individualismo de numerosas sociedades contemporâneas, que reduzem a família a uma realidade particular, desejamos, ao contrário, sublinhar que os cônjuges e a família são seus elementos constitutivos. A sociedade globalizada encontrará um futuro sólido de civilização se for capaz de promover uma nova cultura da família, pois é dentro da família, e graças ao seu carisma específico, que se começa a construir, a difundir e a promover o “nós” da humanidade. A dimensão “familiar” pode assim se ampliar até à família dos povos.

A fecundidade dos cônjuges realiza-se de três modos: em primeiro lugar, com a fecundidade conjugal, que se efetiva na construção do próprio casal. Temos, depois, a fecundidade mais evidente e reconhecida desde sempre, a biológica e parental, por meio da qual se transmite a vida e se educam os filhos. A terceira é a fecundidade social: como esposo e família, são chamados a testemunhar perante o mundo os valores específicos da relação conjugal e familiar, “como um meio eficaz de humanizar e personalizar a sociedade” (cf. FC 43).

Por conseguinte, o Espírito evangélico só penetrará nos meios e nas instituições se os cristãos o quiserem. Cristo quis fazer dos cristãos seus colaboradores na obra de evangelização do mundo “vós sois sal da terra... vós sois luz do mundo (Mt 5,13-14). Por essa razão, sem distinção de funções ministeriais, cabe também aos cristãos leigos assumirem a missão e a evangelização do mundo a partir do seu lugar de fala: cristãos leigos na condição de casados.

Para que não seja uma busca solitária onde as dificuldades e as limitações cessem diante da possibilidade de uma caminhada contínua, se estabeleceu ter pequenas comunidades chamadas Equipes. Nelas – como espaço celebrativo e formativo - através da partilha e ajuda mútua, os casais possam se animar a cultivarem a fé que os capacitará à missão.

Não se trata de um clube de amigos ou dos iguais, mas encontro entre pessoas advindas de realidades e faixa etárias distintas e que, na experiência e na vivência do matrimônio, trazem a sua colaboração e coparticipação em equipe. Objetiva-se com isso, mais do que o

fortalecimento e o espírito de pertença, o essencial na reunião desta equipe, é que se viva uma experiência de fé capaz de fortalecer, animar e inspirar a missão na sociedade.

Cientes disso, e para que se possa cumprir bem essa missão, no discurso de Chantilly, no dia 3 de maio de 1987, Padre Caffarel elenca sete elementos essenciais do carisma fundador do movimento das ENS:

1º O casamento é obra de Deus, é obra prima de Deus; 2º o casamento tem uma alma, que é o amor, e deixar de lado o amor é condenar o matrimônio; 3º Homens e mulheres não podem ser fiéis ao amor sem a ajuda de Cristo. Por isso ele criou o sacramento do matrimônio, que é preciso aprofundar; 4º Os cristãos casados, da mesma forma que os monges, são chamados à Santidade. Isto é bastante original. O Concílio, depois, insistiu muito sobre o chamado dos leigos à santidade; 5º a vida conjugal comporta grandes riquezas, mas também grandes exigências; 6º É necessário elaborar uma espiritualidade do casal, que não pode ser nem a espiritualidade do solteiro nem a do monge; e, por fim, 7º Não se pode viver tudo isso, senão com a ajuda de um Movimento, que oriente os pensamentos e que emoldure a vida (CAFFAREL, 2019, p. 46).

A Mística do discernimento nas ENS é uma ideia-força, uma ideia motriz que inspira, impulsiona e dá força aos casais. O movimento propõe uma via espiritual que pressupõe duas práticas fundamentais: ascese e disciplina. E nesse contexto de formação do casal cristão, a mística vem para impulsionar e animar os membros das ENS com um desejo de tornarem-se cristãos autênticos.

A razão de ser de uma comunidade é o desabrochar de seus membros, o seu crescimento. É o que as ENS procuram realizar nos seus equipistas. Unir seus esforços para “tender a perfeição cristã na vida conjugal e familiar” (João XXIII, discurso de 1959). Porém, não fechada em si mesma.

Outrossim, não é apenas a instituição do matrimônio e da família segundo plano de Deus que é hoje depreciada com frequência. É a própria ideia do amor - tal como é descrita no capítulo quatro da *Amoris Laetitia* - que vemos ameaçada pelas múltiplas egolatrias que se espalham pelo mundo. Assim, pois, testemunhar a força do amor se constitui como a missão do casal cristão.

O principal aspecto de uma missão do casal cristão será mostrar ao mundo a novidade de suas experiências, sem grandes fórmulas ou métodos, mas com o testemunho de um compromisso responsável e com uma vontade renovada de abrir-se com generosidade e humildade a uma vida frutífera. A este respeito, o Papa Francisco afirmou, em seu discurso perante o Conselho da Europa, que quem dialoga unicamente dentro dos grupos fechados aos quais pertence fica na metade do caminho. A resposta a estas inquietantes afirmações, pode se dar apenas através da fecundidade do Movimento, o testemunho das maravilhas que este

Sacramento produz nos casais e não se limitando a repetir com palavras já desgastadas o que outros dizem melhor.

Dessa forma, faz-se necessário que o casal tome consciência de que tudo que é partilhado nas Equipes não se restringe àquele pequeno grupo. Por isso, não se pode ficar em um cristianismo de portas pra dentro, em um mundo que necessita de testemunhas. É, a partir da vocação matrimonial ou sacerdotal, nas ENS, que se deve anunciar e proclamar a boa nova de Jesus (cf. ENS, 2018, p. 35).

Na *Amoris Laetitia*, esse impulso missionário é convertido em um cuidado da vocação matrimonial e em um testemunho alegre vivo das famílias cristãs que não ocultam sua razão de ser e que, em seu viver cotidiano, oferece um espírito de família atento e aberto às necessidades dos demais. Não com a intenção do fechamento em zonas de conforto, os casais e as famílias cristãs, podem ser sinal do amor de Jesus pelos mais necessitados e pelos mais vulneráveis e, isto não pode ficar em meras palavras, mas sim concretizado na vida diária.

Naturalmente, somos humanos limitados, e, normalmente, nossos atos de generosidade não são tão generosos como poderiam parecer. No fundo, por trás de cada bom gesto, costumamos esperar algo em troca: agradecimento, reconhecimento, correspondência... Só quem recebeu algo gratuitamente pode dá-lo livremente. Só quem se sente profundamente tocado pela misericórdia de Deus pode se colocar a caminho para sair e fazer o mesmo com os demais sem esperar nada em troca.

Essa experiência de fidelidade a palavra de Deus, em meio a todas as dificuldades que existem, em um primeiro momento, converterá a vocação concreta em “luz e sal” que ilumina a todos e é presença de Jesus. Mas também é verdade que há momentos em que se deve explicitar fé, proclamar a alegria do matrimônio. Se o amor dos cônjuges é para sempre é porque participam, pelo sacramento do matrimônio, do próprio amor de Deus, o qual é eterno.

Deus propõe ao homem e a mulher que se amem com o seu próprio amor, que sejam um sinal e presença de seu amor no mundo, de maneira que, quando alguém quiser saber como é o amor de Deus, possa velo refletido ao olhar um casal.

O Evangelho pede aos cristãos casados que convertam sua vida em um sinal do amor de Deus; um amor que sabe perdoar, ajudar, exigir, entregar-se, e, tudo isso, sem perder a própria personalidade. A condição imprescindível é viver confiantes naquele que embarcou os cônjuges neste compromisso: Deus. Ele é o único que garante aventura.

Olhando para essa realidade do mundo é preciso sentir compaixão. O sofrimento dos casais e das famílias não pode ser alheio. Há, certamente, dificuldades para agir, que muitas atitudes e situações de vida nos sejam incompreensíveis, que exijamos que atue quem deveria

fazê-lo, que pensemos que não são sofrimentos aparentemente buscados... Mas, não há desculpa para se deixar passar. Hoje, como sempre, nosso Senhor nos convida a parar, descer de nosso cavalo, aproximarmos do ferido, comprometermos com ele, por que, definitivamente, no rosto do abatido encontramos o rosto de Jesus Cristo.

No encontro internacional das ENS, em Fátima, exortou o Papa Francisco:

Exorto-vos também a continuarem aproximar-se das famílias em sofrimento, que são tão numerosas nos dias de hoje, seja por razões de falta de trabalho, de pobreza, de problemas de saúde, de desentendimentos, de preocupações causadas por um filho, do desequilíbrio causado por um afastamento ou uma ausência, de um clima de violência. É preciso ousar ir ao encontro dessas famílias, com discrição, mas generosidade, seja materialmente, humanamente ou espiritualmente, nessas circunstâncias onde elas se encontrem fragilizadas” (ENS, 2018, p. 86).

Acompanhar os matrimônios que fracassam pode ajudar-nos também a reconhecer a fragilidade em que vivemos. Pode ser que haja matrimônios cujo fracasso era previsto, porém há outros dos quais ninguém teria imaginado. Essa experiência traumática de ruptura pode ter seu início em pequenas coisas. O amor não só aceita o outro tal como ele é, mas também o ajuda a ser melhor.

A misericórdia é a capacidade de aceitar a fraqueza do outro que, quando se sentir querido, pode mudar. Assim é como Deus nos trata. Somos esse ‘barro’ imperfeito, mas um barro amado que nas mãos de Deus, pode se converter em um instrumento precioso. A misericórdia vê na fraqueza uma possibilidade. Saber encontrar o equilíbrio entre estar presente e dar liberdade, corrigir e silenciar, saber aproximar-se e saber retirar-se, aceitar o outro como é e ajudá-lo a ser melhor, se constitui num grande desafio.

Os sociólogos insistem que a família é a primeira célula de socialização; isso é, o lugar onde se aprendem os valores, os hábitos e os costumes da sociedade na qual vivemos. Do outro lado, é evidente que as sociedades contemporâneas vivem um processo de “individualização”, que impele o “eu” a prevalecer sobre o “nós”, o indivíduo sobre a sociedade. E isso comporta a desagregação mesmo dos laços sociais mais estáveis e duráveis.

Dessa forma, não se pode considerar a pessoa humana como indivíduo isolado; mas, ao contrário, como “ser em relação”. A família é única em sua capacidade criadora de relações. O Papa Francisco lembrou em seu discurso na assembleia do Pontifício Conselho da Família, em 2013:

A família é o lugar onde se aprende a amar, o centro natural da vida humana. Ela é feita de rostos, de pessoas que amam, dialogam, se sacrificam pelos

outros e defendem a vida, especialmente na sua forma mais frágil e mais fraca. Podemos dizer, sem exagero, que a família é o motor do mundo e da história¹⁶.

Assim, o valor social do matrimônio e dos esposos decorre do seu carisma específico de comunhão e de dom da vida. “Da profundidade do compromisso assumido pelos cônjuges, que aceitam entrar em uma união de vida total” (EG 66). Nasce um “sujeito plural”, que transcende as individualidades para criar um “nós” que enfrenta a construção de um futuro comum. Assim, afirma o Papa São João Paulo II:

A promoção de uma autêntica e madura comunhão de pessoas na família torna-se a primeira e insubstituível escola de sociabilidade, exemplo e estímulo para as mais amplas relações comunitárias na mira do respeito, da justiça, do diálogo, do amor (FC 43).

Assim sendo, quatro aspectos caracterizam esta comunhão/amor conjugal: a complementaridade, a partilha, a corresponsabilidade e a co-presença. 1) A complementaridade não desvaloriza a realização da pessoa, mas lhe dá a dimensão da reciprocidade e, também, um antídoto para o isolamento que se vai difundindo como sistema de vida; 2) A partilha entre os cônjuges proporciona que coloquem em comum toda sua existência e suas pessoas. Acolhendo-se reciprocamente e intimamente, o casal poderá compartilhar as alegrias, as penas e o contentamento dos que encontra ao longo de sua vida. 3) A corresponsabilidade diz respeito a organização do cotidiano, a gestão dos filhos e dos recursos financeiros. Isso faz com que ambos cooperem para o bem estar do casal e da família, preocupar-se com o bem estar do outro faz a felicidade de todos. 4) A co-presença significa ser presente para o outro, intimamente, acolher o outro em si até o ponto em que, mesmo sem a presença física, o outro está sempre junto e sua presença é sentida. Para o mundo, a co-presença faz com que se expresse na sociedade, para quem já não sente a proximidade, o ser próximo, significa aumentar a coesão social.

Para responder plenamente a vocação de esposos, para orientar a fecundidade, é indispensável crescer na convicção de que cada casal faz parte de uma história humana maior, a história de todos os homens de todas as regiões da terra, com sua história passada, presente e a futura. Com o estilo evangélico, os esposos os cristãos fazem a história e sua história com a humanidade” (ENS, 2016, p. 116).

Com olhos fixos na história e, também, na realidade que nos cerca, em meio a uma sociedade equipada com altas tecnologias e redes sociais, ainda se ouve muito forte os clamores de solidão; inserida nessa realidade, as ENS encontram o seu espaço de atuação e assumem o seu ‘lugar de fala’. Testemunhar a força do amor que une e que gera comunhão ainda é para a

¹⁶ Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131025_plenaria-famiglia.html

sociedade algo que atrai o olhar e desperta o desejo. Por fim, diz Padre Caffarel: “Em nosso mundo onde, mesmo entre os jovens se perde a fé no amor, esse testemunho dado ao amor conjugal por casais cristãos é de grande valor” (ENS, 2016, p. 117).

Ouvindo a sua palavra “palavra de Deus” aprende-se, na condição de discípulos, a disposição para dar mais de si e a colocar-se no mundo com humildade e desejo de formar fraternidade. O espírito de cooperação e a fé no poder do auxílio mútuo fraternal, constituem a ideia força capaz de impulsionar a mística do movimento das ENS.

Naturalmente, como se trata de uma comunidade formada pela Palavra de Deus, que bebe nos ensinamentos e documentos da Igreja e traz uma vivência prática específica, as ENS ambicionam ser uma escola de formação para a vida cristã para casais. Há uma via de mão dupla. Por um lado, o movimento para o exterior: para o serviço e missão na Igreja; por outro lado, a vivência habitual da caridade no lar, na equipe, no trabalho, na sociedade. Desperta-se e capacita-se para o testemunho simples, incisivo e eficaz na missão a qual ninguém pode ser indiferente: o anúncio transformador e salvífico de Cristo.

O movimento tem plena consciência que se trata de uma missão grandiosa e que transcende a dimensão humana. Por essa razão, recorrem à proteção da Virgem Maria, colocando as equipes sob sua proteção e sua materna intercessão. Ela plasmou o corpo humano de seu filho. Que ela lhes ajude, então, a edificar o Cristo *kerigmático*.

Por conseguinte, desde já, podemos ilustrar a dimensão espiritual do casal cristão dentro da Igreja e presente no mundo testemunhando o amor que constrói e solidifica a cada dia, não sem dificuldades, mas com confiança e determinação, contando com a presença e a ajuda contínua do próprio Senhor, sendo firme penhor de esperança de construção de uma sociedade mais justa e humanizada e de um mundo melhor, sempre com vistas à salvação e à eternidade.

3.3 A MISSÃO EVANGELIZADORA DA VIDA CONJUGAL

Nessa pesquisa, quando pomos em relevo alguns dos problemas existentes na sociedade, não é que se tenha uma visão pessimista dos problemas enfrentados na sociedade atual - ao que pese a família -, mas para que tomemos consciência do espaço temporal, das fragilidades humanas e tenhamos condições de refletir sobre as possíveis soluções que as ENS possam oferecer como respostas válidas e atuais.

Há mudanças significativas em nossa sociedade atual que propiciam e pautam questões específicas à sua constante evolução. Alguns exemplos: o empoderamento feminino; as questões de gênero; a virtualização das relações; a falta cuidado com a Casa-comum;

capitalização massiva nas redes sociais; o isolamento social no contexto de pandemia do Covid-19 e etc. Diante disto, nos perguntamos: Qual é a missão específica dos casais das ENS?

As ENS têm uma missão específica e direta: ajudar os casais a viver plenamente seu sacramento do matrimônio. Elas têm, ao mesmo tempo, um objetivo missionário: anunciar ao mundo os valores do casamento cristão, pela palavra e pelo testemunho de vida (ENS, 2010, p. 46).

Enquanto missão interna, ou seja, no movimento, o casal equipista – como expressão pessoal e adesão aos princípios das ENS - põe ‘os dons’ que recebeu de Deus a serviço da própria equipe, do seu setor e da sua região: participando de um esforço comum para viver plenamente a comunidade, aumentar a ajuda mútua, dando apoio àqueles que respondem ao chamado para o serviço e aceitam uma responsabilidade e colaborando nos empreendimentos que são lançados em resposta as crescentes aspirações dos casais.

Por outro lado, inseridos na missão da Igreja, as equipes não se engajam numa ação determinada ou de conjunto, pois cada casal descobre o apelo ao qual o Senhor deseja que ele responda. Mas essa liberdade, muito mais fecunda nos vários engajamentos, não deve fazer esquecer que o movimento tem um carisma que ele é próprio e que não pode furtar-se aos seus semelhantes e aos apelos específicos da Igreja local, no campo da pastoral familiar.

No mundo, os casais das ENS são chamados a ser fermento de renovação, não somente na Igreja e mostrar, através do seu testemunho, que o casamento está a serviço do amor; o casamento está a serviço da felicidade; o casamento está a serviço da santidade. Porém, como há constantes mudanças, o movimento vai acompanhando e tentando corresponder à luz dos valores, das virtudes e da fé.

No mundo onde o matrimônio cristão e a família não representam um caminho de felicidade e santidade se não para uma minoria, é tempo de interrogarmos sobre a legitimidade da missão das ENS hoje, para o seu exterior, e refletir para suscitar respostas novas e adaptadas a situação, se não queremos afastarmos do nosso próximo e com isso deixarmos de ser apóstolos... É por uma fé viva, alimentada na palavra, pela oração e a contemplação que o casal pode deixar-se penetrar cada vez mais pelo olhar de Cristo sobre o mundo, sobre os seus acontecimentos. É assim que se opera a transformação do nosso casal para o ajudar a melhor discernir e agir segundo a perspectiva de Cristo (ENS, 2018, p. 11).

Na Igreja Católica, ao assumir uma pastoral, movimento ou serviço, naturalmente cada membro, a partir do seu carisma, se compromete e se insere na missão da Igreja. Desta forma, é preciso tomar consciência do sentido real da sua missão tanto na Igreja quanto no mundo e, a partir daí, sair para testemunhar. No caso das ENS, além da questão do carisma, trata-se não somente da procura pessoal da espiritualidade conjugal e do sentido sacramental do

matrimônio, esses funcionam como um catalisador, para a abertura da consciência ao espírito missionário como expressão cristã na Igreja. Assim, para o bom cumprimento da missão, faz-se mister está atento às necessidades que a realidade concreta expõe. Nesse sentido, ensina o Papa Francisco:

O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja. Inúmeras são as análises feitas sobre o matrimônio e a família, sobre as suas dificuldades e desafios atuais. É salutar prestar atenção à realidade concreta, por que “os pedidos e os apelos do espírito ressoam também nos acontecimentos da história” através dos quais “a Igreja pode ser guiada para uma compreensão mais profunda do inexaurível mistério do matrimônio e da família” (AL 31).

Como para toda a vocação, o apelo de Deus ao casal cristão é acompanhado por uma função a exercer como expressão do seu serviço. Todo cristão pelo fato do seu batismo e pela sua confirmação deve contribuir para evangelização e, possivelmente, para o crescimento da Igreja. Mas, o casal cristão, empenha-se de uma maneira específica e insubstituível, no caso das ENS, a partir da especificidade de seu carisma.

Para a missão apostólica do casal das ENS, evidenciaremos dois aspectos a serem observados: primeiro, proclamar o seu amor e anunciar a boa nova - a partir da experiência pessoal, experimentado na vida conjugal, manifestando as riquezas espirituais da vida com Deus - oração como alimento. O segundo aspecto da missão do casal cristão no mundo atual passa pela tarefa/serviço de ser, junto aos filhos, testemunhas e profetas do amor conjugal. É na família onde se alimenta a fé. É lá que os filhos têm o primeiro contato com a fé. É lá, no seio da família, que se educam e se formam seres humanos novos capazes de transformar o mundo; e, por fim como extensão deste cuidado, a missão do casal cristão compreende levar os filhos a interrogarem-se sobre o que devem fazer por todos aqueles que estão no mundo, a discernir com eles, a dimensão da contribuição da vocação-serviço-missão para a sociedade.

O padre Caffarel, quando fala da missão do casal cristão para o mundo - a partir do seu contexto histórico - elenca dois aspectos: o acolhimento e a hospitalidade. Para ele, trata-se de uma função de mediação entre o mundo e a igreja. O Movimento deve oferecer abrigo aos casais frágeis, isolados, desanimados, traumatizados, principiantes... As ENS convidam os casais que as integram a viver um caminho de santidade, tomando Jesus como companheiro do caminho, fazendo florir as graças do matrimônio alicerçado na indissolubilidade e na fidelidade. Na Encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco evidencia a missão específica da família cristã:

Toda a vida da família é um “pastoreio” misericordioso. Cada um, cuidadosamente, desenha escreve na vida do outro: “voz é que sues a nossa carta, escrita em nossos corações (...) Não com tinta, mas com o espírito de Deus vivo” (2Cor 3,2-3). Cada um é um “pescador de homens” (Lc 5,10) que,

Em nome de Jesus, lançar as redes (Lc 5,5) Para os outros, ou um lavrador que trabalhar nessa terra fresca que são os seus entes queridos, incentivando o melhor deles. A fecundidade matrimonial implica promover, por que “amar uma pessoa e esperar dela algo indefinível e imprevisível; e é, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe de alguma forma os meios para satisfazer tal expectativa”. Isto é um culto a Deus, pois foi ele que semeou muitas coisas boas nos outros, com a esperança de que as façamos crescer (AL 322).

O Padre Caffarel fala, ainda, aos casais, para ultrapassarem as simples meta do testemunho e da irradiação. O apostolado do casal cristão não é somente um testemunho e uma irradiação, é também um dever obrigatório. Para o Padre Caffarel, há uma interdependência entre o amor conjugal e o apostolado. O campo de missão, que se abre ao casal cristão, lhe proporciona o espaço celebrativo da vivência de sua fé, sob a inspiração e pastoreio de Cristo.

A palavra de Cristo, no Evangelho, faz do casal uma comunidade de amor. Daí brota força missionária do casal. O Padre Caffarel exprimiu muito bem, quando dizia: “comunidade de oração e comunidade missionária são como a frente e o verso do casal, comunidade de amor” (cf. ENS, 2018, p. 11). Como a cristandade, a família degrada-se quando não mata a sede habitualmente no Evangelho. Tanto para o casal, como para igreja, é sempre por um regresso ao Evangelho onde se opera uma renovação. Porque no Evangelho é Jesus Cristo quem fala. E a palavra de Jesus Cristo e espírito e vida.

Ao colocar o amor de Cristo como fator no matrimônio, exige-se que se tome esse amor como modelo e medida de vida. Os esposos tentam, dentro do mandamento de amar como Cristo ama, pois já amam com Ele. No contexto de mundo onde o matrimônio tem sido tão desprestigiado e por vezes banalizado, e onde os modelos são tão frágeis e pobres, como é importante ressaltar o matrimônio cristão em toda sua beleza ideal. Sendo assim, os esposos se estimularam a trabalhar, a ser fiéis, a ser dedicados e perseverantes, a encontrar razões para lutar e, inclusive, razões para amar por cima das adversidades, grandes ou pequenas, que a vida lhes possa trazer.

O casal, para crescer, deve ser sempre casal aberto para todas as necessidades, para todas as angústias, para todas as esperanças da unidade da igreja. O lar cristão seja um lar de portas e janelas abertas para descobrir o bem e para espalhar o bem. O casal cristão crescerá na santidade, se for casal preocupado em fazer o bem, em ajudar, em consolar, em orientar, em acolher. Casal que se fecha, acaba sendo um casal que murcha e fenece, que se apaga e se acaba. O Papa Francisco, na *Laudato Si*, afirma:

muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é humanidade que precisa mudar. Falta a consciência de origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Esta consciência base lá permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de

vida. Surge assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração (LS 202).

A espiritualidade conjugal é fundamentalmente uma espiritualidade vivida no serviço de abertura e comunhão. Quem se casa, casa para ser feliz e para fazer feliz; para fazer a felicidade não apenas desse homem dessa mulher, mas de muita gente, e toda igreja, de toda humanidade. E o casal vive a sua espiritualidade na medida em que serve a Igreja e ao mundo. Este serviço é caracteristicamente conjugal: o serviço da vida, o serviço do crescimento, o serviço do amor, vivendo e praticando sempre aquilo que poderíamos englobar numa só palavra: hospitalidade.

Não se tem uma receita pronta e eficaz, no tocante à missão evangelizadora da vida conjugal. Contudo, na encíclica *Lumen Fidelis*, o Papa Francisco, fala da família como o lugar da fé-comunhão e da missão de abrir-se para gerar comunhão na sociedade onde está inserida:

Assimilada e aprofundada em família, a fé torna-se luz para iluminar todas as relações sociais. Como experiência da paternidade e da misericórdia de Deus, dilata-se depois em caminho fraterno. Na Idade Moderna, procurou-se construir a fraternidade universal entre os homens, baseando-se na sua igualdade; mas, pouco a pouco, fomos compreendendo que esta fraternidade, privada do referimento a um Pai comum como seu fundamento último, não consegue subsistir; por isso, é necessário voltar à verdadeira raiz da fraternidade. Desde o seu início, a história de fé foi uma história de fraternidade, embora não desprovida de conflitos. Deus chama Abraão para sair da sua terra, prometendo fazer dele uma única e grande nação, um grande povo, sobre o qual repousa a Bênção divina (cf. *Gn* 12, 1-3). À medida que a história da salvação avança, o homem descobre que Deus quer fazer a todos participar como irmãos da única bênção, que encontra a sua plenitude em Jesus, para que todos se tornem um só. O amor inexaurível do Pai é-nos comunicado em Jesus, também através da presença do irmão. A fé ensina-nos a ver que, em cada homem, há uma bênção para mim, que a luz do rosto de Deus me ilumina através do rosto do irmão (LF 54).

Através da fé, as ENS, assim como toda humanidade, têm um certo cuidado para não cair no perigo do “antropocentrismo”, fazendo uma dicotomia entre o nosso crescimento humano espiritual, e o mundo natural e não humano. Neste contexto, as ENS, são chamadas a ser no mundo “fermento na massa” e “sal da terra e luz do mundo”. Missionários formados para ser fermento enriquecedor e transformador na vida do cônjuge, da família, do movimento, da Igreja e de todas as realidades para onde forem enviados por Deus. No entanto, como uma missão específica:

Como cristãos, não podemos renunciar a propor o matrimônio, para não contradizer a sensibilidade atual, para estar na moda, ou por sentimentos de inferioridade face ao descalabro moral e humano; estaríamos privando mundo dos valores que podemos e devemos oferecer (AL 35).

Dessa forma, como seres humanos, vivendo inseridos na sociedade, a partir de seus dons e carismas e, em vista de sua missão de evangelizar, não podem se esquecer que são cidadãos do mundo, mesmo não pertencem ao mundo (João 17,16) são enviados ao mundo (João 17,18). Enquanto ação no mundo, é preciso valorizar e incentivar o compromisso pessoal de cada casal na construção de um mundo mais justo e fraterno, a partir de sua participação nas diversas esferas da sociedade.

“Conhecemos a semântica da proximidade e da distância, e, para dizer a verdade, precisamos de ambas. São elementos e comprovado importância na arquitetura do que somos: sem uma ou sem outra, nós não seríamos. Sem a proximidade primordial não seríamos gerados. Mas também sem a separação e a distinção progressivas a nossa existência não teria lugar...A distância e a proximidade precisam, por isso, serem purificadas (ENS, 2022, p. 44).

Nesse sentido, a Igreja e as ENS precisam encontrar palavras inspiradoras que motivem, dêem testemunho e que ajudem a tocar principalmente o íntimo dos jovens, despertando-lhes e preparando-lhes para o Matrimônio. Apesar do acento atual, nas relações sociais, estar posto na subjetividade do indivíduo, é preciso despertar-lhes para a generosidade, no cultivo de relações que fortaleçam o “compromisso de amor e até mesmo de heroísmo, para convidá-los a aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio do matrimônio” (AL 40).

Uma vez que há esta provocação na Igreja e as ENS, no tocante a renovação da sociedade, o casal está implicado em redescobrir a capacidade de viver juntos e em comunhão. Jesus lembra-nos que temos Deus como Pai-Comum e que isso, por conseguinte, nos torna irmãos. O Papa Francisco ainda alerta, na *Laudato Si*, para integração da espiritualidade com uma vida sóbria:

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem está obcecado pelo consumo... A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora (LS 222 e 223).

A experiência de fé cristã faz do casal equipista testemunhas privilegiadas, não para impor costumes a uma sociedade que não os quer, mas para revelar as características do êxito do amor humano a uma sociedade que as oculta. O desafio de hoje é encontrar novas maneiras de comunicar, sobretudo aos jovens, que “o casal e a família não são fonte de prisão, mas, pelo contrário, são fonte de liberdade interior, de abertura, caminho de felicidade e caminho para Deus” (ENS, 2018, p. 4).

Nesse quesito, o Movimento se empenha com o testemunho dos casais, valoriza e incentiva o compromisso pessoal de cada casal na construção de um mundo mais justo fraterno, a partir de sua participação nas diversas esferas da sociedade. As ENS não assumem

participação política partidária e não têm candidatos ou candidatas. Não aderem a nenhuma ideologia, mas se deixam guiar tão somente pelo compromisso com o Evangelho na busca da santificação dos casais, que a partir de suas livres escolhas vão interferir nas realidades sociais para santificá-las e transformá-las.

Dessa forma, o caminho de fé – proposto pelas ENS - sem alienações ou partidarismos, não se torna refúgio para gente sem coragem. Trata-se de uma proposta de dilatação da vida: “faz descobrir uma grande chamada - a vocação ao amor - e assegura que este amor é fiável, que vale a pena entregar-se a ele, porque o seu fundamento se encontra na fidelidade de Deus, que é mais forte do que toda a nossa fragilidade” (LF, 2013, n. 51).

Assim, o reconhecimento do valor da pessoa humana torna-se base para reconhecer o outro como igual, com a mesma dignidade própria do ser humano, por mais frágil que a sua vida seja ou esteja. E por isso, tanto a negação do valor específico do ser humano no conjunto da criação como também a ‘divinização da terra’ conduzem a desequilíbrios indignos da própria pessoa humana. Uma ‘ecologia integral’ inclui naturalmente a relação com o ambiente, mas necessita incluir também a dimensão social do ser humano e a sua dimensão transcendente de abertura a Deus.

Além disso, neste tempo em que as redes sociais e demais instrumentos da comunicação humana permitem estarmos sempre interligados, o desafio consiste em voltar a descobrir a face humana do face a face e da amizade. Transmitir a “mística” de viver juntos, é transformar as possibilidades de comunicação em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos.

Para além de um desejo da paz e da fraternidade universal na ‘Casa-Comum’, há também o fundamentalismo religioso que faz com que muitas vezes as próprias religiões sejam apontadas como fonte causa de desentendimentos e guerras. Nesse cenário, no testemunho do amor conjugal, apesar do desejo pautado pela experiência de fé, há um ser humano “alquebrado” pelos conjuntos de experiências relacionais (familiares ou sociais) marcadas pela dor, traição, mentiras, trapaças e etc. Para essa missão, diz o Papa Francisco: “cada um de nós é chamado a ser um artífice da Paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de o conservá-lo, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros” (FT 284).

Cabe-nos, nesta altura, responder a uma pergunta: por que há tantas citações dos documentos da Igreja, principalmente do Papa Francisco, neste subtema? O Movimento das ENS não se situa à parte da missão assumida pela Igreja. São casais que, a partir do estudo dos documentos da Igreja vão ajustando sua caminhada alinhada à doutrina eclesial em vigor. Por essa razão, a resposta à questão da missão evangelizadora do casal, sendo material de estudo na

reunião mensal das Equipes, está em corresponder, a partir da sua espiritualidade, às prioridades da Igreja.

No Encontro Internacional das ENS, em resposta aos apelos do Papa, afirma:

O Movimento das Equipes de Nossa Senhora será sempre assente numa maior comunhão. Não será senão na lógica do Amor e do dom que podemos atingir esta comunhão nas diferentes esferas de nossa vida, no seio do movimento e da Igreja. Os membros das ENS participam à sua maneira da função profética, sacerdotal e real de Cristo na Igreja e no mundo [...] As ENS podem trazer à “Igreja em Saída” uma ação evangelizadora de “incalculável dimensão”. O Movimento não pode, por isso limitar-se a uma espiritualidade individualista, mas devem realizar-se numa perspectiva pastoral que é indispensável para transformação do mundo [...] Concluímos com o Padre Caffarel: “Mais amor nos lares, mais caridade nas Equipes e mais dinamismo missionário” (ENS, 2018, p. 33 e 34).

Por fim, localizando seu específico na missão da Igreja, as ENS – como um Movimento de casais – e, a partir do seu carisma, se forma, celebra a fé e assume a Missão de testemunhar no mundo a graça, a felicidade e ajuda mútua daqueles que, abraçando o matrimônio – desejam, na família humana, ser sinais do Amor-Comunhão e fraternidade.

CONCLUSÃO

Uma vez que o itinerário de nossa pesquisa chegou ao final, impõem-se necessárias algumas sínteses e conclusões. Bem sabemos que o caminho proposto nesta pesquisa não tem o intuito e nem a pretensão, por sua própria natureza, de atender eficazmente a todas as realidades de vínculos conjugais, visto que o específico está condicionado à recepção do sacramento do Matrimônio. No entanto, já podemos afirmar que, em sua estruturação, esse movimento de espiritualidade conjugal traz alguns elementos e metodologia capazes de oferecer uma sólida formação cristã, tendo um processo formativo qualificado para proporcionar aos esposos o desenvolvimento da espiritualidade conjugal.

Perpassamos, no primeiro capítulo, no contexto histórico e geográfico onde nasceram as ENS. Enfatizamos as crises geradas pelas guerras, pelas revoluções e, principalmente, pela crise de sentido e reformulação de conceitos. Um contexto de Igreja pré-concílio e pós-Vaticano II, buscando meios de dialogar com a sociedade e acompanhar sua evolução. Nesse período, a produção intelectual do Movimento restringia-se aos editoriais da Revista *L'anneau D'or*, que se transformaram posteriormente em Cartas Mensais, em vigor até o momento presente. Os Estatutos de 1947 preservaram o Carisma Fundador das ENS. No entanto, de 1939 a 1972 poucas referências bibliográficas foram editadas. A partir de 1972, com o iminente afastamento do Movimento pelo Padre Caffarel, houve maior atenção na produção de referências e de subsídios para preservação do Carisma, do método dos PCE e das três atitudes nas ENS.

Assim, como o contexto social e religioso havia mudado, o Movimento precisou de um “novo fôlego” ou “segunda inspiração”. A partir daí, a Equipe Responsável Internacional – ERI, composta por casais leigos e o sacerdote designado conselheiro pelo Padre Caffarel, assumiram a missão e deram continuidade as ENS. Notamos a partir da saída do Padre Caffarel uma acentuada mudança eclesiológica. Um movimento que nasceu de grupos da JOC e AC, agora começa a torna-se mais tradicional e ‘engessado’. Não à toa, por um tempo, ficou conhecido como um movimento elitista.

No segundo capítulo, ao abordarmos os fundamentos bíblico-teológicos, optamos por dar mais ênfase à questão teológica em detrimento da bíblica, pois já há bastante literatura da fundamentação bíblica do sacramento do matrimônio e as Equipes utilizam os fundamentos bíblicos do matrimônio na espiritualidade conjugal. Visto que o Movimento traz traços específicos da espiritualidade dos casais na questão da *Ecclesia* e na dimensão celebrativa da fé, enfatizamos as questões teológicas e os limites da proposta das ENS.

No terceiro capítulo, investigamos – a partir da missão e do carisma das ENS – sua

pertinência para a sociedade atual. Notamos, como se trata de um Movimento, uma busca constate de adaptação sem perder o Carisma. É claro que as motivações e as circunstâncias são outras. Porém, há uma coisa em comum: o ser humano que deseja Deus. Muitos casais buscam as Equipes como uma rede de apoio para o aprendizado de um caminho espiritual para cônjuges. Por conseguinte, notamos que as ENS têm uma mensagem específica, válida e poderosa para a sociedade atual: uma comunidade que vive a espiritualidade conjugal.

O mistério do amor do casal associado ao amor de Cristo pela Igreja eleva e santifica a relação conjugal e os insere no contexto teológico da unidade e indissolubilidade do vínculo sacramental contraído. O lar cristão é o lugar, por excelência, fecundo de amor, espaço para o cultivo da mútua ajuda, do exercício do perdão e da misericórdia. Para a família moderna, caracterizada pela falta de tempo, uma provocação: a descoberta do amor de Cristo impregnado nas relações humanas e familiares, fecundando o agir e potencializando a necessidade de amar e se deixar amar, em meio às imperfeições.

A íntima ligação e mútua colaboração dos dois Sacramentos: Ordem e Matrimônio agrega e eleva o Movimento das ENS a um patamar indiscutivelmente singular. Na experiência das pequenas *Ecclesiae*, a partilha, a coparticipação, a leitura da Palavra de Deus, a fração do pão, as orações e preces – que pautam as reuniões mensais – despertam cada casal a contemplação das ações salvíficas de Cristo. Nelas ainda se propicia estudo bíblico-teológico-espiritual que fomenta e favorece o aprofundamento da fé, os insere na missão da Igreja e os provoca para o cultivo de atitudes que favorecem o contínuo amadurecimento da espiritualidade conjugal.

No caminho que percorremos, traçamos e mapeamos algumas questões que se agregaram à pesquisa – ainda que não seja objeto formal – a contemplação da abertura da Igreja (pré-conciliar e pós-Concílio Vaticano II) na tentativa de dialogar com o mundo. Foram elencadas e acentuadas algumas questões e crises que envolviam a sociedade e a família naquele contexto histórico. O surgimento das ENS, com o intuito de elaborar e difundir um caminho espiritual para casais, vem do encontro e desejo dos casais em despertar para o caminho espiritual. Desse encontro, vem a motivação para descobrir e perfazer juntos uma via espiritual que atenda às necessidades pastorais específicas da realidade conjugal.

Apesar de estar atento às mudanças de conceitos e fragilidades que acometem a família, a atenção dispensada à história e aos eventos do mundo não ocupam o primeiro plano da Espiritualidade conjugal. Busca-se um equilíbrio entre o ‘Vinde’ e o ‘Ide’. Uma espiritualidade centrada somente na ação ou reação tende a se fragmentar e se perder em um agir facilmente

secularizado. Por essa razão, a missão das ENS é pautada no trinômio: mística-ascese-espiritualidade.

A espiritualidade conjugal é marcada tanto por sua distinção como por sua união com o conjunto da economia sacramental. A originalidade dos ensinamentos do Padre Caffarel se encontra com maior frequência na articulação reconhecida da graça do matrimônio com a do batismo, da reconciliação, do sacerdócio e particularmente da Eucaristia. Trata-se sobre um modo de união a Deus que diz o que é o sacerdócio comum dos fiéis em uma missão que faz a Igreja crescer. O matrimônio é um Sacramento da missão e do crescimento da Igreja. Por conseguinte, esse sacramento edifica a Igreja tanto no espaço como no tempo.

Nosso mundo evoluiu muito nesses últimos oitenta e três anos. Essa evolução se acelera, ainda hoje, em quase todos os campos que concernem ao homem e à sociedade. No desequilíbrio complexo e permanente, causado pela desagregação das ideologias e das instituições, e também pelo "universo econômico" atual e por inúmeros outros fatores, um número incontável de pessoas se encontram sem luz e sem guia.

Essas pessoas acreditaram que poderiam preencher as necessidades do coração humano com lazer, dinheiro e uma vida fácil, mas este é um caminho que não conduz à felicidade. Nossos contemporâneos estão em busca também de novos valores vitais e de novos motivos de esperança. Eles desconfiam dos discursos e das doutrinas. Contestam que as instituições (inclusive as Igrejas) tenham o papel de oferecer um sentido para a vida. Escutam com mais respeito os testemunhos de vida do que as palavras dos mestres. As pessoas de nossos dias são, acima de tudo, atraídas pelo testemunho concreto e o engajamento daqueles que descobriram novos valores.

O Padre Caffarel tinha uma preocupação em particular com as ENS. Ele temia que as equipes se transformassem numa creche de idosos. Homens e mulheres adultos em idade e estatura, porém, infantilizados na fé. Esse temor se dava pelo fato de que alguns casais começaram a se contentar com o pouco que lhes era oferecido e se acomodavam. No discurso de Chantilly, em 1987, Padre Caffarel se indagava sobre as Equipes se seriam uma escola de iniciação ou de aperfeiçoamento na doutrina e na fé. Privilegiou-se - a partir do carisma fundador - os termos: iniciação e aperfeiçoamento, em razão da necessidade das constantes atualizações.

Por outro lado, percebemos a lentidão da Igreja em acompanhar e refletir as questões e orientações apropriadas e específicas à vida conjugal cristã católica. Notamos, a partir dos documentos pós-Vaticano II, as ênfases nas questões morais, canônicas, pastorais e pouco se aborda a questão do acompanhamento espiritual dos cônjuges. Para ilustrar tal afirmação, o

primeiro documento oficial da Igreja que aborda, em linhas gerais, a espiritualidade conjugal é a Exortação Apostólica pós-Sinodal do Papa Francisco *Amoris Laetitia* – no último capítulo.

Outrossim, no Antigo Testamento os vínculos parentais se firmavam baseados na necessidade de manutenção do patrimônio e da estrutura sócio familiar. No Novo Testamento, o vínculo matrimonial se constitui em Cristo. Posteriormente, através do Sacramento do Matrimônio, o lar e a família são equiparados a lugares de vínculos sagrados. Hoje, com ênfase na subjetividade e autonomia do indivíduo e nas necessidades de êxodos, os laços familiares se tornam cada vez mais difíceis de serem consolidados. Portanto, abre-se aqui uma questão a ser mais aprofundada sobre os fatores ou motivações que ainda sustentam esse modelo de pequena Igreja, família ou sociedade com vínculos ou não de consanguinidade: a fé? A sensação de orfandade? A cultura? Para uma possível resposta, somente com uma nova pesquisa.

Por conseguinte, percebemos o estado de atenção das ENS, busca não somente se satisfazer ou em olhar passivamente todas essas mudanças atuais. O Movimento de casais, nesse sentido, tem uma estrutura organizacional, bem como, material formativo capaz de oferecer respostas que passam pela razão e pelo coração dos casais cristãos, diante dos desafios e das possibilidades que envolvem o anúncio da Boa Nova de Deus. Estar capacitado e disposto já é um ato de fé e, neste campo, as ENS trazem uma inestimável contribuição para a atualização ou desenvolvimento da espiritualidade conjugal na família e na Igreja Católica.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BLANK, Renold J. **Escatologia da Pessoa**: vida, morte e ressurreição (Escatologia I). São Paulo: Paulus, 2000.
- BOFF, Leonardo. **O caminhar da Igreja com os oprimidos**. 3^a.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BRANICK, Vincent. **A Igreja doméstica nos escritos de Paulo**. São Paulo: Paulus, 1994.
- BRIGHENTI, Agenor. **Ciência da Religião aplicada à ação pastoral**. in PASSOS, João Décio,
- BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que falar**: a inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP, 2006.
- CAFFAREL, Henri. **Espiritualidade Conjugal**: uma palavra suspeita. São Paulo: Nova Bandeira, 2016.
- CAFFAREL, Henri. **A missão do casal cristão**: surgimento e caminhada das Equipes de Nossa Senhora. São Paulo: Nova Bandeira, 2015.
- CAFFAREL, Henri. **Centelhas de sua Mensagem**. São Paulo: Nova Bandeira, 2019.
- CAFFAREL, Henri. **O amor e a graça**. São Paulo: Nova Bandeira, 2015.
- CAFFAREL, Henri. Revista Mensal: **O Estranho viajante**. São Paulo, 1957. Disponível em: <https://www.ens.org.br/carta-mensal/195704/486>. Acesso em: 06 dez. 2021.
- CATÃO, Francisco. **Falar de Deus: considerações sobre os fundamentos da reflexão cristã**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CAVALCA, Flávio. **O Casamento, resposta de Deus: Uma proposta as Equipes de Nossa Senhora**. São Paulo: Nova Bandeira, 2015.
- CIPOLINI, Pedro Carlos. **Eclesiologia latino-americana**: uma Igreja da libertação pascal. in SOUZA, Ney de. **Temas de teologia latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CÓDIGO de Direito Canônico. 15^a.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja. 7^a.ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

DANTAS, Bruna S. do A. Revista de Psicologia: **Sexualidade, Cristianismo e poder**. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8909/6790>. Acesso em: 03 nov. 2021.

ENS. **A Missão do Amor**. São Paulo: Nova Bandeira, 2017.

ENS. **Casal Santo: alegria da Igreja, testemunho para o mundo**. São Paulo: Nova Bandeira, 2019.

ENS. **Equipes de Nossa Senhora no Brasil: 70 anos de caminhada**. São Paulo: Nova Bandeira, 2020.

ENS. **O Caminho da vida espiritual em casal**. Nova Bandeira: São Paulo, 2012.

ENS. **O Carisma Fundador**. São Paulo: Nova Bandeira, 2018.

ENS. **O Casal Cristão**. Nova Bandeira: São Paulo, 2021.

ENS. **Ousar o Evangelho: Acolher e cuidar dos homens**. São Paulo: Nova Bandeira, 2013.

ENS. **Ousar o Evangelho: Pontes Sim! Muros não**. São Paulo: Nova Bandeira, 2016.

ENS. **Sexualidade e Espiritualidade Conjugal: Um convite ao diálogo**. Nova Bandeira: São Paulo, 2018.

ENS. **Vocação e Missão**. Fátima – Portugal: Edições ERI, 2018.

ESTATUTOS DAS ENS. “**Carta**”. São Paulo: Documentos ENS, 2017.

FLEISHMAN, François. **A Herança do Padre Caffarel**. Roma 2003. Disponível em: <https://ens.pt/protected/wp-content/uploads/2018/05/a-heranca-do-padre-caffarel-2003-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

FLEISHMAN, François. Colóquio Internacional 8 e 9 dezembro, Paris, 2017: **Henri Caffarel, diretor da Revista “L’anneau D’or”, no centro das correntes espirituais e culturais do seu tempo**. Disponível em: https://henri-caffarel.org/sites/default/files/PT/7_intervention_fleischmann_pt_corrige_mcg_2.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.

FLÓREZ, Gonzálo. **Matrimônio e Família**. São Paulo: Paulinas, 2008.

FRANCISCO, Papa. AL. **Exortação Apostólica: Amoris Laetitia**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, Papa. EG. **Exortação Apostólica: Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. GE. **Exortação Apostólica: Gaudete et Exsultate**. São Paulo: Paulinas, 2018.

- FRANCISCO, Papa. LS. **Carta Encíclica: *Laudato Si***. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, Papa. FT. **Carta Encíclica: *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. LF. **Carta Encíclica: *Lumen Fidei***. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GUIA DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA. São Paulo: Nova Bandeira, 2013.
- HORTAL, Jesús. **O que Deus uniu**: lições de Direito Matrimonial Canônico. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- JOÃO PAULO II, Papa. FC. **Exortação Apostólica: *Familiaris Consortio***. São Paulo: Paulinas, 1996.
- LYOTARD, Jean François. **A Condição Pós-Moderna**. 12ª.ed. São Paulo: Editora José Olympio, 2009.
- MACKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. 9ª.ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- MAFFESOLI, Michael. **Um guia para entender a pós-modernidade**. In Silva, Juremir Machado (org.). O pensamento do fim do século. Porto Alegre: L&PM, 1993.
- MELO, José Amarildo. **Sexualidade e Matrimônio no ensino atual da Igreja**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2020.
- MONCAU, Nancy Cajado. **Equipes de Nossa Senhora no Brasil**: ensaio sobre seu histórico. São Paulo: Nova Bandeira, 2000.
- PAULO VI, Papa. AA. Decreto **Apostolicam Actuositatem**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html. Acesso em 02 de junho de 2022.
- PAULO VI, Papa. GS. **Constituição Apostólica *Gaudium et Spes***. 17ª.ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **A revelação de Deus na realização humana**. São Paulo: Paulus, 1995.
- RITUAL DO MATRIMÔNIO. São Paulo: Paulus, 2007.
- ROCHA, Alessandro. **Experiência de discernimento: recepção da palavra numa cultura pós-moderna**. São Paulo: Vida, 2008.
- RUBIO, Alfonso García. **Evangelização e maturidade afetiva**. 3ª.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **História humana**: revelação de Deus. 2ª.ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **O Matrimônio**. Petrópolis: Vozes, 1969.

SOUZA, Ney de. (org.). **Temas de teologia latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 2007.

TOLENTINO, José Mendonça. **Pai Nosso que estás na Terra – o Pai Nosso aberto a crentes e não crentes**. São Paulo: Paulinas, 2014.

USARSKI, Frank (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

VIDAL, Marciano. **O Matrimônio: Entre o Ideal cristão e a fragilidade humana**. Aparecida -SP: Editora Santuário, 2007.